

HERMÍNIO C. MIRANDA



# A Dama da Noite

(E OUTRAS  
HISTÓRIAS QUE  
OS ESPÍRITOS  
CONTARAM)

A Dama da Noite  
(E outras Histórias  
que os Espíritos Contaram)

# FICHA CATALOGRÁFICA

(Feita na Editora)

Miranda, Hermínio C.

A Dama da Noite/Hermínio C. Miranda; conto título e outras histórias que os Espíritos contaram; Editora Espírita Correio Fraternal do ABC, São Bernardo do Campo, SP.

## BIBLIOGRAFIA

1. Narrativas
2. Espiritismo I. Título

GDI) - 869.3  
133.9

## índices para catálogo sistemático

- 1.Narrativas 869.3
- 2.Espiritismo 133.9

Impresso no Brasil

**HERMINIO C. MIRANDA**

**A DAMA DA NOITE  
(E OUTRAS HISTÓRIAS  
QUE OS ESPÍRITOS CONTARAM)**



**edições  
correio fraterno**

A Dama da Noite (E Outras Histórias que os Espíritos Contaram)

Hermínio C. Miranda

5ª Edição - Dezembro de 1994 - do 17º ao 19º milheiro

Editora Espírita Correio Fraternal do ABC

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955,

Tel. (011) 419-2939, Fax: (011) 419-1960, CEP 09851-000,

São Bernardo do Campo, SP.

Caixa Postal 58, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09701-970 (A Editora Espírita Correio Fraternal do ABC não possui fins lucrativos e seus diretores não percebem qualquer remuneração. Todos os resultados financeiros se destinam à divulgação do Espiritismo e às obras de assistência à criança, em colaboração com o Lar da Criança Emmanuel.)

Capa: Renato Mello

# 1

## A PORTA DO TIGRE

Este companheiro é mais um dos que vem oferecer seus préstimos ao nosso grupo. “Precisamos servir mais para sermos dignos de Deus”. Como servidor do Cristo, diz ele ter ouvido o chamado (“vai e serve”). Não escolhe tarefa. Não cogita mesmo de saber em que estaríamos necessitados de seus serviços — ele é que está necessitado de servir.

A voz é pausada, o tom solene e untuoso. Alega ter experiência muito vasta: finanças (?!), orientação de almas, prédicas, ditados mediúnicos, pesquisa científica... Propõe iniciarmos um serviço de consultas sobre presente, passado e futuro, no qual atenderá pessoas necessitadas.

Como o diálogo se prolonga naquela voz artificial, o doutrinador lhe faz um apelo para que, terminada essa “introdução”, ele assuma o seu tom normal de falar.

Ele ainda insiste, fingindo-se ofendido. Veio fazer uma oferta; se não o aceitamos, então está bem — irá fazê-la em outro lugar. O doutrinador esclarece que não é a ele que estamos recusando, mas não vemos como encaixar a sua proposta no contexto do nosso trabalho, que é de outra natureza. Pede-lhe também que assuma a sua verdadeira personalidade e seja leal e franco conosco como estamos sendo com ele.

Sorri contrafeito, e reage com a ironia: aquilo ali não era um teatro? Ele teve que representar o seu papel... Estamos, por acaso tomando-o por mistificador? Será que não se trata de animismo do médium? Por fim se rende:

— Você tem um radarzinho, não é? Está ficando muito esperto! ...

Afinal de contas, o que queremos nós? Chegou falando do Evangelho, em atitude adequada de respeito e não o aceitamos.

Explica, a seguir, que já saiu da “faixa da carne”, onde perdeu tempo precioso. Poderia ter gozado muito mais. Para que serve, em última análise, o corpo físico?

Para ilustrar a sua “doutrina”, narra um exemplo em que funcionou como “conselheiro” num serviço de consultas semelhante ao que propunha estabelecer entre nós.

O caso era o seguinte: certa moça, queria saber dele se deveria frequentar, no seu dizer, “um centro de mesa”, ou outro. Ela fora a um dos tais “de mesa” e ouvira lá uma palestra em que a oradora dizia que era preciso desapegar-se das coisas materiais a fim de viver mais para o espírito. Que fazer?

O “conselheiro” lhe pergunta: “Você é um espírito desencarnado ou encarnado? “Encarnado”, diz ela. “Pois então viva como encarnado. Aproveite a vida. Mais tarde você terá oportunidade de viver a vida de desencarnado”.

A essa altura, porém, já se convenceu de que mio concordamos com a sua “doutrina” e pergunta, meio desconcertado:

— Não está dando certo, não é?

No fundo confessa-se, ele próprio, sem convicção. Fora incumbido pelos seus superiores de lançar entre nós a confusão, a insegurança, a instabilidade, a desconfiança. E ele era dos bons para esse encargo! Acontece que durante a semana nos observara de perto, um por um, a horas de sua escolha. Vira pessoas normais em luta com seus problemas e dificuldades. Vira algo que ele perdera há muito: convicção e certo grau de paciência ante os contratempos da vida. Para produzir uma brecha em nós, precisava excitar-nos à cólera. Achou-nos, porém, muito *passivos*, ou seja, conformados. As dificuldades não nos impressionavam tanto como ele esperava ou desejava e isso complicou as coisas para ele. Não que visse em nós santos redimidos — sabia, por certo, das nossas fraquezas — mas parece que aquele pouco de boa vontade que viu em nós, fê-lo pensar. No entanto, sua missão era bem clara: fazer-se aceito por nós, a fim de desmascarar-nos era seguida.

Afinal, de que lado estava a verdade? No passado procurara fazer tudo que o Cristo recomendou. Não deu certo. Os homens, a seu ver, são muito difíceis. Nunca te entendem. Não se pode ser bom com eles. No fundo, as religiões são todas as mesmas e os homens são sempre os mesmos. O Espiritismo também está cheio de oportunistas, em busca de posições e de projeção. Não é difícil aproveitar-se de gente assim, informa ele com realismo.

“Eles querem”. Começa, porém a questionar tais métodos e motivações. Antes achava tudo isso muito certo. Sabíamos, em vista de nossas tarefas, que a organização a que pertencia incumbia-se de “cobrar” dívidas cármicas — alheias, naturalmente — por meio dos mais horrendos processos de tortura “física” e moral. Ele tivera oportunidade de “ver como *gente*, pessoas que

havam sido “*bichos*”. E aquilo o deixara confuso e abalado.

(Cabe esclarecer melhor a referência um tanto enigmática. Os medonhos processos de punição a que recorriam produziam com frequência gravíssimas deformações e mutilações perispirituais, que transformavam seres humanos em verdadeiros monstros de aparência animalizada. Após resgatados pelos nossos amigos espirituais, estes seres eram tratados convenientemente e recuperavam suas condições normais, ou pelo menos algo mais compatível com a forma “física” humana.)

Com o consentimento de nossos orientadores, ele visitara algumas dessas entidades já em recuperação.)

“Afim de que lado está a verdade?” voltou a perguntar-se. “Qual o objetivo do Cristo?” Confessa que o Messias “está entalado na (sua) garganta” até hoje. Na sua maneira de ver, tanto o Cristo como seus seguidores são uns derrotados, uns vencidos.

O doutrinador observa que nesse caso, Pedro, André, Paulo ou Madalena deveriam estar lá na organização deles expostos ao sofrimento. Estariam? O argumento parece impressioná-lo, mas ele insiste que cansou de lutar pelo Messias.

E aqui começa a narrativa de um episódio, do qual ele se lembrava espontaneamente, sem necessidade de regressão.

Ouçamo-lo, nas suas próprias palavras.

— Posso te contar a minha última decepção com o Messias? Foi na época das famosas Cruzadas(l). Eu era cristão, como todo mundo. A gente era cristão porque era. Então fui também para as Cruzadas. A Primeira Cruzada... aquela terrível! Fui lá paramentadinho, direitinho, bonitinho, com aquela roupa toda. Fui sagrado... Você sabe que os cavaleiros foram todos sagrados antes de sair para a Cruzada? Fui sagrado direitinho, com a espada benta, tudo bento, roupa e tudo. Até o cavalo era bento. Tudo. Fui p’ra lá. Pois é. Lutei, matei... Claro! estava defendendo um lugar... Você está numa guerra para lutar, não é? Muito bem. Voltei... Estou crente que sou herói. Voltei, não... quer dizer, nem voltei, porque morri lá, como se diz, na confusão. Então, quando voltei, crente... “Bem, sou um herói. Vou ser recebido como o Cristo diz, direitinho, pois estava lá defendendo... (seu túmulo).” “Chego lá e me recebem com um ar de consternação dizendo: “Mas está tudo errado, meu irmão! Não era nada disso!” Aí, vou te contar, aí, pronto! Digo: “Então se não era nada disso, afinal de contas, que estou fazendo com esta roupa toda no corpo?” Aquela roupa retratava uma



convicção, não é? Aí eu desisti....

— E por que você diz que isso o decepcionou?

— Claro! Você pensa que vai chegar ali e vai conquistar um lugar e alguém diz para você que está tudo errado! Que não era nada daquilo e que em vez de ir para um lugar que você está esperando, um lugar bom, eles dizem: “Agora você vai ter que voltar porquê...” Aí, foram enumerando: “Olha, este aqui que você matou, tinha família, tinha filhos, que você deixou na orfandade. Esse aqui.. Esse aqui... “Aí foram fazendo um rosário de coisas, botando aí nas minhas contas, um rosário enorme de... (crimes).

— Sim, mas ainda não entendi por que o Cristo é responsável por isso.

— Claro! Eu não era cristão? Não estava lá defendendo “Ele”, o túmulo dele, o nome dele?

— Mas ele autorizou? Mandou matar?

— Mas ele não autorizou aqueles que pregaram a Cruzada e que me sagraram para ir lá? Eles não eram autorizados? Claro que eram! Então quem é autoridade? Então você me diga: Que confusão é essa?

— Por exemplo: Com que autoridade você vem aqui propor a sua colaboração?

— Vim com a autoridade que me deram os meus companheiros.

— E eles tem autoridade para te dar?

— Claro que tem. A mim, tem, para me darem a mim.

— Da mesma forma lá. Não foi o Cristo que deu. Eles se investiram dessa autoridade.

— E aqui seus companheiros me deixaram vir também. Eles sabiam o que eu vinha fazer (no grupo) e me deixaram.

—Mas é claro. Sua presença aqui é muito grata, muito importante para nós.

—Eles até me falaram — e isso me desconcertou... — Ainda me recebem como se eu fosse *aquela* criatura importante.

Digo: “Olha! Vim aqui hoje para botar isso p’ra quebrar”. “Está bem, meu irmão, vá em paz.” Quer dizer, estou pensando que ele vai ficar assustado... ele diz: “Está bem, meu irmão. Vá em paz. Faça como você achar... o que o seu coração quiser”. Ainda dizem isso para mim! Quer dizer: me descontrolou, ele estava enganado com o Cristo, porque eu também já o defendi e veja o que aconteceu comigo.

— Não. Você achou que matando, o estava defendendo. O Cristo não manda ninguém matar.

— Mas não era uma Guerra Santa, meu amigo? Claro! Não era para a gente proteger os lugares santos dos judeus?<sup>(\*)</sup>

— O Cristo, então, mandou matar?

— Matar judeu porque judeu não era nada. O que disseram para a gente era isso: judeu é pagão e pagão é nada!

— Bem, por favor, não estou condenando você nem julgando. Na Segunda Cruzada também estive lá incentivando aquele morticínio e, portanto, tenho uma responsabilidade tão grande ou maior do que a sua. Também achei que estava investido da autoridade de pregar porque alguém me ordenou que eu pregasse.

— Eu achei, naquele dia, que o Cristo não sabia o que estava fazendo, porque manda pregar uma cruzada, a gente vai... tem aquele cerimonial todo. Você vai, vence e quando volta e diz: “Bom! Vou agora receber o repouso do guerreiro, os louros da vitória. Cadê a minha coroa de louros?”

— E quem o recebeu? Um amigo espiritual?

— (Pausa). Deixa isso p’ra lá. Na hora que eu perguntei: “Como é, entro ou não entro?” “Não entra!” “Ué, mas *como* não entro?”

Não se conforma, pois, com a ideia de que o Cristo não seja o responsável máximo, o mandante do massacre.

— Mas estavam ali os emissários dele!... Então a quem eu ir ouvir? Eles diziam que estavam falando em nome do Cristo? Você ainda confunde mais a minha cabeça... Então, por que o Cristo não desceu e não foi lá dizer: “Olha! Está tudo errado. Não vai ninguém! Acabou. “Ele não é o Chefe? Podia dizer.

— Você também — diz o doutrinador — ao apresentar-se aqui a nós, veio como trabalhador do Cristo.

— Mas isso fazia parte do programa de confundir! Eu já não falei? diz ele em voz alta.

— Exatamente. É o mesmo programa que você seguiu lá.

— Mas lá não foi o Cristo que mandou! Estou sabendo...

— E nem aqui. (Longo silêncio evidencia que o argumento calou mais fundo). Foi o Cristo quem o mandou aqui dissei- que você é um trabalhador dele?

Sua dificuldade em entender o Cristo ainda é muito grande como se vê. Quando o doutrinador lhe diz que ele está procurando o Cristo pelos caminhos errados, ele diz que isso mesmo lhe disseram *lá* (no mundo espiritual). Ele se recusa a identificar esse amigo espiritual, a quem

evidentemente respeita.

— Você já imaginou a minha decepção? É a mesma coisa que você chegar à porta de uma pessoa para dar um buquê de flores de presente e a pessoa chega lá, pega aquilo e atira fora. “Não gosto de flores, meu amigo.” Ou então: “Volta. A pessoa não está mais aqui.” Seja lá o que for. O que sei e que estou com aquilo na mão. E que faço eu com isso agora?

Daí em diante ele desistiu de tentar. Já fez tanto e não deu certo. Está cansado dos homens. E de repente, confessa:

— Já tive uma filha queimada numa fogueira... Queimada viva! Por que? Porque era um anjo!

A seu ver, a culpa continua sendo do Cristo. Quando o doutrinador contesta essa teoria, ele sai com outra: se ninguém tem culpa, então, estamos “soltos no mundo, perdidos, cada um é dono de si mesmo”. Por isso é que ele aconselha a aproveitar a vida, enquanto estamos aqui na carne, porque quando se chega lá em cima, dizem que se fez tudo ao contrário.

Pouco adiante muda novamente o rumo da conversa para uma informação adicional, após uma pausa:

— Estou preocupado. Eu me abalei muito também com um caso lá que vocês... Eu só posso imaginar que foram vocês que a recolheram, porque não veja mais a pessoa lá. Mas é uma pessoa de quem eu tinha muita pena. Você lá dentro vê coisas... que mesmo sendo homem vivido, sofrido, torturado e torturador — que eu já fui as duas coisas, hem? — você tem pena. Era uma moça que só tinha a cabeça perfeita, um rosto. O resto do corpo dela era um molambo. E ela sumiu de lá.

(Refere-se a uma pobre criatura que socorremos em desprendimento, certa noite, com a supervisão de nossos amigos espirituais e que depois manifestou-se mediunicamente para a sua reconstrução perispiritual. Lembramos perfeitamente de ter transportado nos braços um ser, do qual só se distinguia o rosto, de fato muito belo; o resto do corpo era uma trágica massa informe). O narrador prossegue:

— E você sabe que eles faziam-na arrastar-se assim? O apelido dela era “Viúva Negra” — sabe o que é viúva negra? Aquela aranha — porque quando ela se movimentava era toda desconjuntada, não é? Eu fiquei com muita pena dela... Você está dizendo que sabe quem é ela. Você sabe me dar notícia dela?

— Está em tratamento. Recuperou sua forma “física”, humana e terminou a tarefa que executava em si mesma no aprendizado duro que

experimentou lá no seu grupo.

— Eu tinha muita pena dela. Às vezes me mandavam, no meu turno...- Acho que é um ódio especial do nosso Chefe dos Chefes, e que se senta lá na cabeça. Porque lá é assim: há uma porção de cadeiras assim, assim, assim, até a última lá em cima, como se fosse um trono, lá em cima, como se fosse uma escada. (A rígida e terrível hierarquia das sombras!) Era por ordem dele — aquele que se senta *lá em cima* de tudo. Tem uns lá que a determinadas horas tem que ser lembrados de determinadas coisas. Então, às vezes, era meu dia. Eles fazem revezamento, dizem que para a gente não ficar com pena. Então... a gente levava uma lista e ia com o chicote. “Essa chicotada, sabe porque é? Isso, isso, isso que você fez em tal época”. Ou, às vezes, passava-se a criatura na roda(2) e dizia assim: “Sabe essa volta que você deu agora? Por causa disso, disso, disso...” Então, quando era a minha vez, eu sempre tinha pena dela. Nunca fazia as coisas...

— E você diz que não sabe onde está Deus? está na compaixão, meu filho.

— Mas como é que Deus permite isso? Eu muitas vezes me perguntei isso. É. Não tem mesmo... Por que Deus permitiu àquela criatura, com um rosto tão lindo como essa moça, passar por isso? Será que Deus... Que Pai é esse? Deus é pai? Você diz que Deus é Pai?

— Eu digo, não — ele é Pai.

— Pai e mãe não torturam os filhos. Porque não é só a tortura física, não. A pior tortura é a moral. E isso tem lá, também.

Ele conhecia natureza e extensão dos erros da moça, porque era obrigado a ler para ela o crime que correspondia a cada chicotada ou a cada volta da “roda”. Achava, porém, que “aqueles erros não combinavam com aquele rosto. Eram coisas terríveis!”

— Não, meu querido. Você está confundindo beleza física com beleza moral. Tanto existe Deus que chegou o momento em que ela se pôs a salvo de seus torturadores.

— Você sabe que ela se movia como se não tivesse ossos no corpo?

— Foram as falhas, faltas muito graves que a levaram a essa situação, não é verdade? Como é que Deus vai convencer você da sua realidade espiritual, da necessidade que você tem — você e eu e todos nós — de assumirmos as nossas responsabilidades se, reiteradamente, repetidamente, recusamos o apelo ao bem? Você me disse que ao terminar a existência depois da Cruzada chegou lá exigindo os seus direitos, ou o que julgava ser

seus direitos. Bem. O companheiro espiritual que o recebeu — um amigo espiritual a quem você respeita, você ama, e que acompanha seus passos e deseja vê-lo redimido — que disse a você? Fez um apelo: “Por favor, meu filho. Volte para lá. Esquece tudo isso. Vamos começar tudo de novo”. Então, foi feito a você o apelo à paz, à concórdia, à esperança, ao amor, à caridade. Você voltou para cá e deliberadamente escolheu de novo o erro. Chega a um ponto em que a lei — através da sua própria consciência, a voz de Deus em nós — exige outra solução que essa do apelo ao bem não está servindo, não está despertando o Espírito. Aí é preciso vir a dor. Não é que Deus deseje que a gente sofra. Há espíritos que evoluem sem precisar disso aí. Nós que somos teimosos precisamos da dor. Você sabe que a criança quando nasce só toma conhecimento de que aquele corpo é dela, porque alguns pontos doem. Ela descobre: “Este pezinho aqui é meu porque está doendo, estou sentindo”. Essa consciência de nós mesmos, a consciência de que somos seres responsáveis, só desperta em muitos de nós através da dor mais extrema. Só depois de passados pela dor é que ouvimos a voz de Deus em nós. Ela está lá. Tanto está que até mesmo nos mais profundos abismos de agonias e aflições em que você, por exemplo, vive ou viveu até agora você também sentia compaixão por um ser humano. Deus estava e está em você. É ou não é? Está de acordo? Isso não faz sentido?

— Sei lá... Já escutei tanta coisa... Mas, então, meu amigo, é difícil; é muito difícil você aí na terra achar o caminho.

— O caminho está no Evangelho. Está claramente lá para lodo mundo ver. Abra o Evangelho, você que o conhece tão bem. Há lá solução para tudo.

— Ah, meu amigo, mas acontece que a gente lê lá no Evangelho, que você deve ter paciência, mas esquece que é irritável.

— Porque você é irritável?

— Porque a gente é gente ora essa! (Pausa). Vou parar com isso porque já estou aqui me auto justificando, o que não tem nenhuma razão de ser.

Começa, pois, a admitir que também tem suas culpas, dado que se colocou na defensiva.

— Que faço eu da minha vida? Voltar p’ra lá eu não posso, porque não vai dar mais...

O doutrinador interrompe o diálogo para orar.

Quando voltam a falar, o Espírito manifestante informa haver chegado a uma conclusão: a de que só existe uma realidade no Cristo — é a da cruz, a

do peso que se carrega. O doutrinador diz que acima da realidade da cruz, está a da ressurreição, a vitória sobre a morte, sobre o mal. Essa vitória é alcançada pelo domínio das paixões. O manifestante informa pouco depois que experimentou muitas saídas e que nenhuma delas deu certo. Lembra um antigo tipo de tortura, segundo a qual o condenado era posto diante de duas portas: uma abria para a liberdade e outra para um tigre ou leão que o devorava.

— Acho que sempre abri a porta onde estava o tigre ou leão.

Isso, porém, não é azar, como ele diz; é escolha, ainda que aparentemente ele não soubesse que a fera estava lá atrás. Por outro lado, a vida não é um jogo, como ele quer, pois o jogo pressupõe a ideia de azar, de sorte, de acaso. '

O pior é que toda a vez que você ganha aí na terra, ao chegar do lado de cá você encontra a mesma criatura com aqueles olhos piedosos, baixos, que olha para você: “Meu irmão, mais uma vez... Lamentavelmente, você fracassou...” Que diabo! Então quando é que você vence? Da última vez disse assim para ele: “Sabe o que mais? Não quero mais ver a sua cara na minha frente!” Foi; desde a última vez (a reencarnação mais recente). Foi sim. Aí, quando voltei outra vez, chegamos a um lugar onde havia uma pessoa que levava... Havia dois caminhos. O moço disse: “Vem!” Eu disse assim: “O quê? Vou por aí para encontrar com ele outra vez?” Aí escolhi outro caminho. (Sorri e conclui:) Você vai dizer que eu escolhi novamente a porta do tigre, não é?

— É claro.

— É nesse caminho que estou até hoje.

— Então você sabe que ali está o tigre...

— Eu sabia que chegando lá ele iria dizer novamente: “Você fracassou de novo, meu amigo. Lamentavelmente...” Até decorei as palavras.

— O que você pretende fazer agora? Vamos abrir a porta certa?

— É... eu perguntei isso p'ra ele — Você está me fazendo lembrar de coisas... — Perguntei a ele: “O que você quer que eu faça afinal?” Ele disse: “Meu filho, disse o Senhor: Vá e não peques mais!” Não sei entender os santos. Os santos têm uma linguagem que destoa da vida da gente...

— Mas como eles se tornaram santos? Não foi através de dores, aflições, angústias, de erros... e repetições de erros, mas que sempre se levantaram para caminhar na direção da luz? Você também pode fazer. Você não é melhor nem pior do que ninguém. Somos todos iguais perante o Pai. O

que impede você de optar pelo bem, escolher a porta certa? Alguém está impedindo? É você próprio.

— P'ra que existe a terra? Não é para a gente viver nela? Mas será que todo mundo obrigado a viver nela tem que... (pausa). Eu perguntei a ele uma vez se era justo que minha filha tivesse sido queimada. Ele disse que era. Nunca perdoei isso nele. *Ele disse que era justo!* Eu disse: “Mas ela era um anjo!” “Ele respondeu: “Por isso mesmo”. Entenda agora...

O doutrinador começa a magnetizá-lo, a fim de induzir o processo de regressão da memória para ajudá-lo a solver esse mistério, decidir esse impasse.

— Só quem tem filhos é capaz de entender. Quando via aquela moça lá que era só um monte de coisa mole e um rosto, me lembrava da minha filha. Acho que por isso tive tanta pena dela...

Confessa-se cansado de tanta luta e começa a bocejar. Pouco depois mergulha no estado de torpor magnético e começa a reviver um fragmento do seu passado:

— É horrível isso! Você está ouvindo? O fogo crepitando... As carnes dela fritando...! Tudo isso por amor a Deus, por amor a Jesus. Esse Jesus que nunca está satisfeito! Quantos já morreram, quantos já foram torturados...!

É preciso, portanto, buscar na sua memória mais remota as razões dessa dor tão profunda, na qual ele se acha fixado. Onde e quando, no passado, ter-se-ia ele envolvido em compromissos desse vulto? Novo recuo da memória no tempo é solicitado. Após uma longa pausa “chegamos”, afinal, ao núcleo da dor. Ele começa a falar, dirigindo-se a um interlocutor invisível:

— Você tenha calma. Nós vamos resolver isso. Pode deixar; eles vão pagar! Não chore, menina. Não chore, não. Eles vão pagar!

— Com quem você está falando?

— Com minha filha. A moça vizinha ofendeu-a, e ela está magoada.

— Que ofensa é essa tão grave? Que disseram a ela que ela ficou magoada?

— Não foi ofensa. Foi uma coisa terrível! A minha filha e essa moça — ambas — queriam ir para o templo, mas não podiam ir as duas. A outra foi escolhida e minha filha está magoada. Nós juramos. Esta noite o pai dela está fora... Oh! mas que horror! Só havia uma maneira: eliminar a outra. Entramos na casa. Pensamos que o pai estava fora. Não estava. E com uma pedra matamos os dois. Não. Não matamos... Que horror! Tenho que falar ludo... Isso é tão horrível! Horrível esta cena diante dos meus olhos! Eu já havia

esquecido...

— Botaram fogo?

— Sim. Provocamos um acidente, para dizer que havia sido acidental. Nós os atordoamos. (Teria sido com as pedras?). Queimou tudo!

— Onde foi isso? Que região é essa aí?

— Creta. Tem muito tempo... muito... O templo? Não sei. Juno, acho.

— Pai e filha morreram ali. Havia mais pessoas?

— Não.

É necessário, a seguir, trazê-lo de volta à época presente preservando, porém, as lembranças que acaba de suscitar e que, segundo confessou, estavam esquecidas, a fim de que ele possa confrontar o episódio em que ele e a filha destruíram pelo fogo as vidas e as propriedades de um homem e sua filha, com aquele outro na Espanha Inquisitorial, onde e quando sua própria filha foi queimada viva. Ouçamo-lo:

— Vejo imagens superpostas, uma rapidamente sobre a outra... como se fosse um calendário, sempre eu sempre eu... Ela era cristã e era novamente uma pitonisa, mas não a chamavam de pitonisa.(3)

— Mas por que ela foi queimada? Porque era cristã?

— É porque predizia.

— Então, era chamada de feiticeira...

— É isso.

— Quando foi isso?

— Você sabe... Na época maldita em que morreram tantos pelo Cristo.

(4)

— Na Inquisição Espanhola? (5)

— Sim. Eu era pai dela. Eu era ferreiro. E ela recebia os clientes em casa. Ela era muito boa, ajudava os doentes e eu a ajudava.

— E vocês foram denunciados?

— Sim.

Ele não foi condenado; somente ela. Ficou cheio de ódio e revolta.

— Fechei a minha oficina e saí dali. Não sei. só me vejo entrando por um corredor escuro... escuro...

— Sim, meu querido. O importante aqui é o seguinte: você entendeu porque ela morreu queimada nessa existência" Ela estava inocente? Foi punida injustamente? Ou ela própria buscou o resgate do seu espírito?

— Ela parece que sabia. Ela disse para mim: "Meu pai, não chore. Vou libertar-me. Dou minha vida por outra que tirei.



Não a viu mais no mundo espiritual. Quanto ao companheiro que sempre o recebe — seu guia — não quis mais vê-lo desde aquela vez em que ele respondeu que fora justo o sacrifício da filha precisamente porque ela era um anjo. Agora ele acha que ele tinha razão e tudo está entendido.

— Mas é tão difícil a gente ver as coisas — diz cie. Será preciso morrer tantas vezes, sofrer tantas agonias para ver?

— Não, meu querido. Não era preciso, mas infelizmente foi essa a decisão que você tomou. Foi esse o caminho que você escolheu, a porta que você abriu. Está tudo claro agora? Entendeu que o Cristo não é culpado? Que Deus não pode assumir as responsabilidades dos nossos erros? Nós é que temos que responder por eles. Está bem entendido isso?

— Está, mas eu não consigo ainda sentir amor pelo Cristo.

— Está bem, meu querido. Para isso haverá tempo. Não estamos exigindo aqui de você esse amor. Você deve exigir para você mesmo uma compreensão melhor dos seus motivos.

— Sinto-me como uma gota de água perdida no meio do Oceano. Sou apenas uma gota de água... Estou só e perdido.

— Não. Você tem a sua filha e tem aquele companheiro espiritual que sempre o recebe. Você não está sozinho.

— Desde a última vez, não quis mais saber dele.

— Mas ele não o abandonou. Agora você vai partir com os nossos amigos aqui presentes.

— Tenho medo. Para onde vou? Não quero! Quero esquecer de tudo.

— Não, meu querido. Você não pode esquecer essas coisas que são importantes.

— Queria que você trocasse a minha mente por outra.

— Isso não posso fazer, ninguém pode senão você mesmo.

— Vejo na minha frente caminhos inacabados, estradas que não vão dar em lugar nenhum...

— Vão dar sim, desde que você escolha certo. Você será ajudado pela sua filha e por esse companheiro que tanto bem lhe quer e deseja ver você redimido.

— Ele vai dizer que mais uma vez eu fracassei.

— Sim, mas vai dizer também para você tentar de novo.

— Quando isso vai parar? Parece uma bola de neve...

— A escolha é sua, meu filho. Depende só de você. Pode parar hoje.

— Você me desculpe. Fiz um papel ridículo...

— Não. Você fez bravamente aquilo que julgava certo. Agora você sabe que estava errado. Vamos começar tudo de novo, em novas bases, com novas esperanças. No momento, você precisa é de repouso. Vai, pois, com os nossos companheiros. Em outra oportunidade voltaremos a falar. Vá em paz. Coragem.

— Reze por mim. Peça a Deus que ponha uma barreira na minha frente para que eu não continue. Tenho medo. Quando a gente começa a rolar a ribanceira é difícil parar. A não ser que você encontre alguma coisa que barre a passagem. Meu Deus! Oh, meu Deus! Triste sina, a minha...

Daí em diante, após o impacto do reencontro consigo mesmo, tem diante de si a dura realidade da dor, o corpo a corpo com a tarefa de reconstrução espiritual a partir dos destroços de muitas vidas, os caminhos a percorrer, as agonias a suportar... tentando uma vez mais abrir a porta certa.

## NOTAS:

### 1 — *As Cruzadas.*

Durante 200 anos, de 1096 a 1291, cristãos e muçulmanos se debateram pela posse da chamada “Terra Santa”. A essa longa campanha de dois séculos deu-se o nome de Cruzadas por causa do símbolo da Cruz que usavam os cristãos nas suas túnicas.

Na realidade, o movimento começou de maneira bastante inocente, aí por volta do ano 700 da nossa era, com as peregrinações realizadas a título de penitência, sem intenções belicosas. Grande mérito julgava-se resultar ao peregrino o simples fato de pisar solo sagrado. Com o tempo, foram-se juntando grupos cada vez maiores de fiéis que passaram a viajar armados. Em 1064, cerca de 7.000 deles seguiram sob a direção do Arcebispo de Mainz.

Pouco a pouco foram sendo elaborados os sutis argumentos justificativos de uma conquista, em vez de uma simples visita. Em lugar de apenas defenderem o que era certo, como de praxe, os cavaleiros foram induzidos, pela pregação eclesiástica, a atacar o que era considerado errado, ou seja, a posse do túmulo de Jesus pelos “infiéis”.

O apelo soava legítimo e até excitante para homens de bem, mas atraiu multidão muito maior de aventureiros de toda sorte, gente que nada tinha a perder e a expectativa de muito a ganhar.

O grande inspirador do movimento foi o Papa Urbano II (Odo de

Lagery) nascido na França em 1042, que governou a Igreja no agitado período 11 anos, de 1088 a 1099. Dono de um tremendo poder verbal, de brilhante inteligência e incontestável dinamismo, Urbano praticamente criou as Cruzadas com o seu memorável sermão em Clermont, na França, onde se encontrava exilado, enquanto em Roma um Antipapa ocupava o “trono” pontifício.

Do ponto de vista militar a Primeira Cruzada foi um sucesso: realizou importantes conquistas territoriais e chegou a fundar um reinado latino em Jerusalém, que, “malgré tout”, durou mais de 40 anos, minado por rivalidades, dissensões e ambições desmedidas. “Les vices du gouvernement — escreveu um cronista francês citado pela Britânica — avaeint eté plus puissants que les vertus des gouvernants”. (Os vícios do governo foram mais fortes do que as virtudes dos governantes).

Nos bastidores do movimento agitavam-se poderosos interesses políticos e comerciais que nada tinham a ver com a declarada finalidade das Cruzadas: ou seja, a “libertação do local onde Jesus havia sido sepultado. Mesmo que assim fosse, porém, jamais poderia ser justificada a matança, ainda mais para disputar aquele específico pedaço de chão. Como diz a Britânica (1963), depois da tomada de Jerusalém, em 15 de julho de 1099, num “terrível massacre”, os cruzados, “soluçando, sufocados pela alegria”, foram à Igreja do Sepulcro e “juntaram as mãos sangrentas em prece”.

Essa foi a Cruzada da qual participou o companheiro espiritual que nos fez o relato da sua vida. Tal como ele informou, os cruzados eram consagrados e todos os seus petrechos, armas, e animais, devidamente benzidos. Era uma honra e uma glória “lutar pelo Cristo”, diziam aqueles que se diziam representantes de Jesus. O céu estava garantido para eles.

Emmanuel, que não hesita em ser severo quando necessário, chama a atenção para o retrocesso histórico desencadeado pelas Cruzadas. Como igualmente assinala a Britânica, em lugar da planejada ocupação do Oriente pelos ocidentais, o resultado líquido das cruzadas foi a tomada de grande parte da Europa pelos árabes de Maomé, que optaram pelo contra-ataque. Em vez de expandir-se territorialmente, como constava das ambições de seus líderes, o mundo dito cristão assistiu, perplexo e atemorizado, à progressiva redução de seus domínios. Ao encerrar-se o movimento, os turcos otomanos estavam entrincheirados à margem do Danúbio.

## 2. — *Inquisição*

Por estranha coincidência, o extenso artigo sobre a Inquisição, na Enciclopédia Britânica (Edição de 1963), fica ao lado do artigo sobre a Insanidade (mental): “Inquisition, “Insanity”.

Situada hoje numa perspectiva histórica menos deformada, a Inquisição se apresenta realmente como terrível insanidade coletiva, que durante séculos assolou o mundo cristão, especialmente a Europa e, dentro da Europa, com destaque inquestionável para a Espanha.

Inquisição, do latim, **inquisitio** (indagação, investigação, pesquisa), foi o nome dado às estruturas e ao sistema eclesiástico de identificação e punição, não apenas de heréticos declarados, mas de qualquer pessoa culpada de ofensa aos postulados da ortodoxia católica.

A Britânica informa que é errôneo considerar que a Inquisição foi instalada no século 13, porque desde épocas mais remotas, aí pelo quarto século, já havia perseguições àqueles que se desviassem da rígida trilha traçada pelos poderes eclesiásticos.

No correr dos séculos, porém, em torno da ideia básica da preservação da pureza da fé cristã foi se cristalizando uma terrível doutrina de emaranhados jurídicos que não permitia à vítima a menor chance de evasão. “Nunca houve um só caso de absolvição pura e simples”, escreve de maneira enfática a grande autoridade sobre esse negro período histórico, o escritor inglês H.C. Lea.

A não ser os maniqueus, poucas seitas foram perseguidas com rigor entre os séculos sexto e nono, mas a partir do final do século X até o início do século XII, muitos heréticos foram executados na fogueira ou na forca, na França, na Itália, no Império e na Inglaterra. Contudo, as opiniões dos teólogos ainda divergiam quanto à extensão e gravidade da punição. São Bernardo, por exemplo, a despeito de seu rigor no combate aos desvios doutrinários, jamais admitiu a pena de morte, preferindo recomendar a refutação pacífica, a excomunhão e, eventualmente, a prisão do herético.

Nessa altura, porém, começou a cerrada perseguição aos Cátaros, no sul da França. A Inquisição, como instituição da defesa da fé, adquiriu rapidamente poder incontestável de decidir sobre a vida e a morte de quem muito bem entendessem seus representantes. O acusado, inúmeras vezes um mero suspeito ou nem isso, presumia-se culpado logo de início, a não ser que provasse o contrário e, como vimos em Lea, ninguém o conseguia, mesmo

porque o próprio Juiz funcionava como acusador. Nenhuma testemunha podia recusar-se a depor sob pena de considerar-se também suspeita de heresia.

Um dos Papas Inocêncio, o terceiro, deu notável impulso à Inquisição; outro Inocêncio, o quarto, liberou, afinal os procedimentos tenebrosos da tortura para obter “confissões” que, por um cínico e horrendo artifício, teriam que ser “confirmadas” posteriormente na presença de testemunhas em depoimento supostamente “livre”. O direito de defesa, quando não sumariamente negado, era como se o fosse, porque o “advogado” só podia conversar com o seu “cliente” na presença de servidores fiéis do Santo Ofício.

Na altura do século XIII acrescentou-se mais um poderoso incentivo às práticas inquisitoriais ao permitir-se o confisco das propriedades dos condenados. Igreja e Estado partilhavam dessa autêntica pilhagem e, evidentemente, os próprios inquisidores, muitos dos quais enriqueceram à custa de atirar famílias inteiras à mais densa miséria material, física e moral. A coisa tornou-se tão lucrativa e um instrumento tão formidável de poder que os altos postos de comando daquela máquina opressora eram disputados à força de pressões, suborno, ameaças, intrigas, crimes de toda a sorte. Os inquisidores não estavam sujeitos a prestar contas senão ao Papa. Ante as distâncias e as dificuldades de comunicação da época, eram pouquíssimos os que podiam recorrer à autoridade suprema, mesmo porque os grandes Inquisidores resultavam de escolha pessoal do Papa.

### **3 - *Inquisição tia Espanha***

Foi na Espanha que esse tenebroso instrumento de opressão encontrou condições de mais amplo desenvolvimento. Seu período de maior força e prestígio, no entanto, ocorreu durante o reinado de Fernando e Isabel, os Reis Católicos, que, em 1480 criaram uma Inquisição tipicamente espanhola, nacionalista, praticamente independente de Roma. Deu-se uma previsível reação, mas pontífices posteriores acabaram cedendo e aceitando a situação: Sixto IV, Alexandre VI, Júlio II, por exemplo. A essa altura, mesmo as decisões do Vaticano sobre livros considerados heréticos só seriam válidas na Espanha se contra assinadas pelo “Santo Ofício” Espanhol. Disputas de ordem financeira também ocorreram entre a Inquisição espanhola e o Papado. A divergência começou porque os espanhóis não queriam

reconhecer a validade dos documentos que Roma **vendia**, como uma espécie de salvo-conduto que garantiam a vida e os bens de suspeitos em potencial, judeus e muçulmanos, por exemplo. Encontrou-se, porém, uma solução para o "impasse": a Inquisição espanhola começou a vender também seus "certificados". O problema é que a muitos nem os dois documentos deram a proteção desejada quanto aos beleguins da Inquisição.

Essa tarefa nefanda escorada na cínica premissa de defender a fé cristã, tal como as Cruzadas se haviam criado para defender o túmulo de Jesus, coube, em grande parte, a monges dominicanos e franciscanos. que os descendentes espirituais de Francisco a quem Füllop-Müller chamou com justeza de “o Santo do Amor”, tenham assumido tarefa tão horrenda, é uma das grandes incongruências da história do pensamento religioso e seria irônico se não fosse tão trágico.

De certa forma, a Inquisição sobreviveu até o século dezenove, ainda que esvaziada do seu poder decisório sobre vidas humanas, mas conservou muito da sua influência, pois que ainda a 9 de outubro de 1861 as chamas da fogueira consumiram em Barcelona, entre outras, “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec, num legítimo auto-de-fé.

A Inquisição é, portanto, uma das mais sombrias encruzilhadas da História. É um dos eixos magnéticos do horror, em torno do qual circularam multidões de espíritos atormentados e atormentadores, gerando carmas aflitivos que até hoje (e por muito tempo ainda), vem explodir nas mesas mediúnicas de trabalho de resgate espiritual.

#### 4 – A Roda

Era conhecida por esse nome uma forma de tortura segundo a qual o acusado era amarrado a uma roda de carroção acionada por manivelas e tinha seus ossos quebrados por barras de ferro. Outro tipo de roda era formado por uma estrutura feita para expandir-se, acoplada à roda propriamente dita. A vítima era amarrada pelos pulsos e pelos pés à estrutura e com o movimento da roda o corpo era esticado até os limites possíveis, causando dores insuportáveis.

Havia inúmeras formas outras de tortura: ferro em brasa, pregos sob as unhas das mãos e dos pés, suspensão pelos dedos, ingestão de enormes quantidades de água e o que mais sugerisse a fértil imaginação de seres voltados a uma total insanidade mental. Enquanto isso, escribas tomavam notas das “confissões” daqueles indefesos sofredores.

## 5 — *Creta*

Ilha de cerca de 250 quilômetros de extensão por um máximo de 57 e um mínimo de 12 quilômetros de largura ao Sul da Grécia, no Mar Mediterrâneo, pouco abaixo do conjunto das Cidades Informam os historiadores que a ilha, pela sua importância e vastidão, não desempenhou na História da Grécia o papel que seria de esperar-se. A arqueologia revelou ali importante legado artístico e cultural, bem como suficiente material para identificar contatos com a civilização egípcia que remontam a 4.000 anos antes do Cristo.

Na baía de Kaloi Limenes refugiou-se, segundo a Britânica, o barco que conduzia Paulo de Tarso de viagem para Roma, após a longa permanência em Cesárea, sob custódia. Emmanuel, em “Paulo e Estevão”, conta que “conseguiram tocar em alguns pontos de Creta”, mas deixa a impressão de que o barco *não* se abrigou em Kaloi Limenes, embora sugerido por Paulo, porque o comandante não aceitou o alvitre do Apóstolo.

Will Durant, no seu autorizado “The Life of Greece”, refere-se a Creta como local de uma “civilização perdida”, porque suas origens são bastante misteriosas e lembra que Homero, ao compor seus versos, aí pelo século nono antes do Cristo, nos fala de uma Idade de Ouro, quando os homens haviam sido mais civilizados e a vida mais refinada.

## 6 — *Pitonisas*

Pitonisas, ou seja, mulheres dotadas de faculdades mediúnicas, desempenhavam papel de prestígio e importância nos templos da época ao servirem de medianeiras entre os consulentes e os “deuses”. Eram cuidadosamente selecionadas para exercício das cobiçadas e disputadas tarefas. Oráculos famosos existiram em Delfos, dedicado a Apolo e em Dodona, a Zeus. Em Delfos a médium sentava-se num banco-tripé sobre uma fenda na rocha, de onde escapavam gases que provocavam o transe. Acreditavam os fiéis que o gás resultava da decomposição da serpente Piton (daí o nome pitonisa) que Apolo matara naquele ponto e que estaria apodrecendo para sempre debaixo da terra

## O “VINTE E TRÊS”

Teórica e estruturalmente, a organização junto à qual vínhamos trabalhando há várias semanas era um “convento”, ou pelo menos assim se intitulava. Na prática, era uma das mais extravagantes instituições das inúmeras que nos foram dadas conhecer ao longo dos anos de trabalho mediúnico.

Era dirigida por um ex-sacerdote e mago dotado de conhecimentos e faculdades que lhe proporcionavam incontestável poder sobre grande número de seres encarnados e desencarnados.

Como sempre acontece em tais casos, a partir do momento em que conseguimos levá-lo a repensar sua filosofia de vida, ele abandonou o seu trabalho e a organização entrou rapidamente em desagregação. Sempre há, contudo, um pequeno grupo decidido a recompor as lideranças para dar continuidade às tarefas. Afinal de contas, ali estão manipulando gente e acontecimentos de relevo, exercendo consideráveis parcelas de poder e, o que lhes é da maior importância, adiando o encontro com a própria realidade íntima e o consequente resgate de seus crimes.

Manifestou-se em nosso grupo naquela noite um pobre companheiro dementado, ou mais precisamente, em doloroso processo de alienação mental. Era-lhe difícil até mesmo expressar-se, de início.

Começou dizendo que a situação “lá” estava diferente do que costumava ser. Ficaram, de repente, sem “feitores” e, portanto, sem serviço. Aliás, sua dificuldade em falar era compreensível — raramente havia com quem conversar, pois vivia (se é que esse é o termo) “lá nas funduras”, verdadeiras cavernas infectas, onde fazia amuletos que o “Mestre” distribuía para determinadas pessoas, mediante critérios que só ele, Mestre, saberia explicar. O nosso pobre artesão alienado, contudo, sabia vagamente que tais peças serviam para “proteger” as pessoas dos “Vigilantes”, que, segundo sabemos, é o nome que têm para indicar os servidores espirituais do bem que estão sempre a percorrer as zonas umbralinas com finalidades socorristas.

Explicava-nos o companheiro que quem trabalhasse na produção daqueles amuletos não podia e não devia falar muito, porque, segundo o Mestre, estaria desperdiçando energias necessárias à tarefa. Era, por isso,



atividade um tanto isolada, durante a qual, aliás, se mantinham ligados a um fio, para que as tais energias ficassem ali concentradas.

Se gostava do trabalho?

—Que é gostar? fez ele, devolvendo a pergunta ao doutrinador. Aqui a gente não gosta de nada. — a gente faz. Você não sabe nem o que é gostar ou não gostar.

Antes daquilo fizera dois tipos de serviço: curtição de couro e trabalho com metais. Lembrava-se vagamente que vivera num lugar chamado Sérvia<sup>1</sup>. Se era há muito tempo?

—Bem... Acho que era antes... Não sei o que é tempo... Não tenho história: vivo aqui, trabalho aqui, estou aqui. Cumpro obrigações.

Pacientemente, o doutrinador vai conduzindo a narrativa, em busca de uma identidade para ele, tentando situá-lo no tempo, como um ser humano vivo e pensante, dotado de razão e memória. Aos poucos sua historinha pessoal, lá na Sérvia, começa a desdobrar-se. Não tinha casa, não. Consertava coisas, fazia coisas, sempre trabalhando o couro e o metal. Houve um tempo em que possuía uma carroça e vagava com ela de vila em vila, vivendo precariamente de seu trabalho humilde. Não se lembra de ter tido mulher e filhos. Ah, sim, tinha um cão. Era só o que sabia de si mesmo.

— Quando a gente entra para a Ordem — explicou — o Mestre faz a gente esquecer. Se ficar com muita coisa dentro da cabeça atrapalha o serviço.

É evidente que não tem consciência da sua condição de espírito e, muito menos, que está desencarnado. Contar-lhe tudo abruptamente, seria desastroso e, além do mais, impiedoso. O doutrinador lhe diz que ele é um ser humano, que teve muitas vidas... mas ele interrompe para dizer:

— Não. O Mestre não dizia isso. O Mestre é muito bom.

— Mas você não tem mais aquele corpo de carne, tem?

— Tenho um corpo, sim senhor, o mesmo corpo.

— E o cachorro? E a carroça?

— Isso não sei. Não sei de nada disso.

O doutrinador não insiste. Está apenas fazendo sondagens para lhe dizer que ele é um ser humano e que pode sair de lá, mas a conversa volta ao tema dos amuletos. Ele faz também umas cruces, anéis, rodas, que trazem “umas coisas escritas lá dentro”, mas o Mestre diz que eles não precisam saber o que quer dizer aquilo tudo: palavras, símbolos, figuras, sinais, representações de astros, meias-luas, etc. Ele só sabe que é preciso fazer tudo com muito cuidado, sem mudar nada. Uma vez ele descuidou-se e deu uma

confusão danada. Um daqueles símbolos saiu trocado e o Mestre disse-lhe que precisava prestar mais atenção, porque do contrário, em vez do bem, faria o mal.

— E você tem amigos lá?

— Que é um amigo?

— Uma pessoa de quem você gosta.

— O Mestre diz que é amigo de todos nós.

No momento, vive uma perplexidade total, à espera do Mestre e de novas ordens. E a propósito, queria dizer que o “Irmão Iglésias” mandava um recado para o doutrinador. Ele bem que achou o recado meio esquisito, mas tinha que transmiti-lo.

— É para o senhor, o recado; para uma autoridade. O senhor é uma autoridade. “Diz lá p’raquele que é o Chefão lá, que ele pode tirar o cavalinho da chuva que eu não vou lá, não”. Ele disse que o senhor anda mandando mensagens para ele... Porque agora não tem mais aquele irmão que fazia isso... Não sei dizer o que é... E cada dia chega mais mensagens. Chove mensagem lá.

Realmente, a instituição dispunha de uma espécie de posto de controle que policiava e censurava toda e qualquer comunicação com os membros da comunidade. O companheiro que exercia essa importante tarefa já havia sido atraído ao nosso grupo. Agora que o “convento” estava se desagregando, um triunvirato de trabalhadores inconformados resolvera assumir o comando. A dificuldade do momento, segundo nosso informante, é que não estavam conseguindo “fechar as portas”.

Quanto a ele, só sairia dali mediante ordem expressa e direta do Mestre. Fora disso, não haveria “cristão que o tirasse dali”. Seu nome?

— Eu lá... Meu nome era o 23. Por que? Porque é mais fácil para os que trabalham nas “câmaras”.

Explicou que todos tinham uma placa (“Está vendo?”) e quando se ausentavam por qualquer motivo, deixavam a placa pendurada num quadro para que todos soubessem quem estava fora.

— Mas isso é um número — diz o doutrinador. Qual é o seu nome?

— Não sei. É uma confusão... É como se na minha cabeça não “tivesse” nada.

Se acreditava em Deus? Sim, acreditava, mas nessa história de espírito e imortalidade, ele parecia completamente perdido.

— Morte? Não sei. A gente morre? Eu nunca morri!

— Mas você não está vivendo mais na Sérvia.

— Não. O Mestre me tirou de lá. Ele disse que essa minha especialidade era muito importante. O senhor botava um pedaço de ferro na minha mão e eu fazia qualquer coisa. Fazia até imagens!

Usualmente andava daqui para ali com a sua carroça e o cão, em busca de fregueses, mas isto só nos meses de mau tempo, porque quando o tempo era bom os fregueses vinham procurá-lo.

— Quando era época dos namorados passearem... Primavera...

— E você tinha uma namorada?

Longa pausa. Parece procurar na memória inexistente um traço, que seja, de tais vivências. Nada encontra.

— Não sei... Não sei de nada...

— E se o Mestre chegar agora e disser: “23, não precisa mais fazer isso”. Que você vai fazer?

— Aí ele precisa dizer o que eu vou fazer. O que ele disser, eu faço. Só sei fazer isso.

E acrescenta com justo orgulho que certa vez fez um altar muito bonito para o “santuário” lá do convento...

Lembra-se novamente do “Irmão Iglésias”, que informou que o Mestre está em viagem, mas que logo, logo deverá voltar. A verdade é que ninguém lá sabe o que fazer sem o Mestre.

De repente, ele parece tentar um esforço maior:

— Eu só queria saber... saber as coisas... A minha cabeça! Eu sei que já tive... Às vezes... Eu sei que já tive uma cabeça, mas agora não tenho nada.

Crê em Deus, sim. E diz logo porque: “Deus castiga!” Quanto a rezar, eles rezam, sim; vão à missa, repetem tudo direitinho, pois lá tem altofalantes. Que tipo de preces? “O Creio em Deus Padre”, por exemplo. Pai Nosso, não. “Salve rainha”, sim.

— Você então acredita em Nossa Senhora?

E ele meio assustado:

— A gente lá não fala muito *esse nome*... Não sei porque. Tem uns nomes lá que *eles* não gostam que a gente fale. *Esse nome* é um deles. “Diz” que ele tem más vibrações. É perigoso falar esse nome.

— Que más vibrações pode ter uma pessoa que foi mãe do Cristo?

— É, mas tem uma coisinha de verdade aí. (Pausa) Acho que vou contar pr’o senhor. Posso contar?

Depois de uma rápida avaliação parece confiar no doutrinador e narra

sua historinha ilustrativa, para demonstrar o “perigo” que representa a simples invocação do nome da Senhora. É, que havia lá um companheiro que tinha de fazer uma *trezena*. (“Você sabe o que é uma trezena?” pergunta ele ao doutrinador). Segundo explica, uma forma sofisticada de castigo. Antes, porém, leve de passar pela “Casa dos Reajustes”, onde foi duramente torturado e de onde saiu em péssimo estado por causa das chibatadas. Afinal de contas, havia desobedecido a uma ordem importante.

Acontece que a tal de trezena saiu “toda errada”:

— Ele chorava tanto! Aí ele fez lá uma coisa que era proibido: falar *nesse nome* aí que o senhor falou. A gente não pode falar esse nome lá, sabe? E ele disse: “Ai, minha...” e dizia o nome. “Valei-me minha...” e dizia o nome. E batia no peito e chorava, de joelhos. O que aconteceu com ele eu não sei. Teve lá um negócio, já quase no fim da trezena e ele pedia tanto à... esse nome... que valesse ele em nome de Jesus Cristo (Jesus Cristo a gente pode falar). E deu assim um clarão, de repente, um clarão esquisito que cegou todo mundo. E quando apagou aquele clarão, ele “tinha sumido”. Aí o Mestre disse: “Viu? O chão se abriu e o fogo do inferno carregou “ele”. Foi o castigo por falar esse nome que não devia falar”.

— E você acreditou nisso?

— Eu sei é que ele sumiu...

Sua preocupação agora retorna ao Mestre. Onde estaria? Ninguém sabia dele. Nunca estivera fora tanto tempo, se bem que costumava, às vezes, visitar os outros “Conventos”...

\*\*\*

Nesse ponto interrompemos nosso diálogo para orar. Em seguida, começamos a indução magnética, visando à regressão da memória.

Tínhamos ali, como se viu, um espírito totalmente condicionado, programado para realizar tarefas específicas, robotizado até os limites do possível, permanecendo apenas com um mínimo de utilização da memória. O resto foi completamente obliterado, inibido, colocado fora do acesso dos sensores da consciência. Por aí se pode avaliar os recursos e a técnica daquele a quem eles chamavam de Mestre...

Antes de prosseguir, uma pergunta inevitável: como pode uma pessoa atingir tal nível de aflição, e por quê?

\*\*\*

A primeira palavra dele, já regredido no tempo, é um nome próprio que

não podemos jurar esteja com a grafia correta.

— Moish... Moish é meu nome. Moish Ibn Vraleski. Tira esse cavalo daqui. Tira, que não vou precisar dele agora. Onde é que eu estou? Ora... Estou aqui! Moro aqui. Eu vou sair. Vou com a “troika”<sup>2</sup> à cidade. É perto... uns dois dias...

— E o que você vai fazer lá?

— Vou fazer... Não sei... Vou trocar, fazer trocas. Levar coisas e trazer coisas.

— Você mora sozinho aí?

— Moro sozinho. Tenho vizinhos, mas todos moram longe. É uma cabana. Tenho um cavalo e tenho cães. Preciso do trenó.

— O que você faz mesmo? Objetos? Sim e agora vai à cidade para trocar...

— É... cheguei na cidade e fui ver a minha filha...

Parece revelar isto com muita relutância.

— Ah, você tem uma filha!

— Tenho uma filha na cidade.

— É casada?

— Não, é jovem. Foi uma filha que veio muito tarde. A mãe dela morreu.

— E você está com muita idade já?

— Eu estou velho.

— Sim, mas conta sobre sua filha. Você se encontrou com ela?

— Ela ficou toda contente. Eu troco as coisas na cidade e dou tudo para ela. Ela é jovem e bonita, sim. Mas ela... ela... Oh! eu não quero... falar.

— Não importa. Se você não quiser, não precisa dizer. O importante é que você saiba o que se passou. Não estamos aqui curiosos a respeito dos seus problemas pessoais. Estamos tentando apenas te ajudar. E você está aqui entre amigos que desejam ajudá-lo. Não diga aquilo que você achar que não deve dizer.

— Onde estou, afinal de contas? Quem sou eu, afinal? Quem sou eu? Que lugar estranho é este?

Parece haver despertado de um longo e profundo sono em lugar estranho e até com uma memória estranha à sua.

O doutrinador procura encaminhá-lo:

— Mas, e a sua filha?

— Minha filha está morta. Matou-se...

— Você sabe por quê?

— Sei. Matou-se... Não tenho mais nada.

— Você vai voltar para a sua cabana?

— Não sem primeiro vingá-la. Tão jovem! Tão bela! Uma rosa... Matou-se... Eu vinguei... É tudo tão confuso na minha cabeça!

— Sim, mas você sabe quem você é.

— Moish. A marca...! A marca terrível!

— Você é judeu?

— Eles não gostam de nós.

— Meu querido irmão. Não existe esse problemas aqui entre nós. Não se preocupe com isso. Nós entendemos.

— Mas foi por isso que ela matou-se. Matou-se por um nobre, por causa da sua origem, da sua casta. Trocamos o nome, mas não adianta. Não é o nome, é o sangue.

— Gostaríamos de dizer a você que acima do nome, do sangue, de todas essas aflições, somos espíritos, somos almas imortais.

— Sim, mas isso não impediu que eu a perdesse.

— É verdade. Mas você a perdeu? Ela também continua a existir. O corpo dela desapareceu, mas o espírito, não. Você não acha? Você não acredita? A sua religião ensina também isso.

— Mas eu estava muito velho. Eu a vinguei. Eu o procurei, toquei-lhe fogo na casa.

— Sim, meu querido, mas isso não lhe restituiu a filha, não é?

— E voltei... E não tinha mais nada por que viver. E não tinha nem cumprido a promessa que fiz à sua mãe, na hora da morte: protegê-la e ampará-la. Eu estava tão desgraçado, que voltei para minha cabana, soltei os animais, toquei fogo na casa e matei-me também. Só que fiquei lá, queimando no meio daquele inferno, não sei quanto tempo.

— Mas depois você foi retirado e viu que não morreu, que seu espírito continua vivo. Não é verdade?

— Eu... O Torá! O Torá! Não me adiantou de nada!

— Não, meu querido. Algum conhecimento ficou e um dia você irá compreender. Espero que seja breve... Não temos uma só vida. Vivemos muitas vidas...

— Mas porque os homens são tão maus? Eu a mandei para a cidade para educá-la, para que ficasse uma moça fina, para que qualquer pretendente se orgulhasse dela. Nunca entendi isso. Por que os homens não podem se

entender? Será que teremos que ser eternamente uma raça maldita? Amaldiçoada e proscrita? Sem lar... sem nome...

— Você não prestou atenção ao que eu disse antes. Temos muitas vidas; não apenas uma só.

Mas ele prossegue:

— Não somos um povo, somos uma casta. Ah! o senhor não sabe o que é isto. Não somos uma raça, somos uma casta.

— Mas há também os hebreus que se destacaram nas artes, nas ciências...

— Ninguém nos aceita como raça. Somos uma casta maldita.

— Escute, Moish. Nós não partilhamos dessas ideias. Pelo contrário; achamos que todos nós somos filhos de Deus e te aceitamos e recebemos como irmão, como amigo, qualquer que seja a sua casta, a sua raça, sua condição, sua crença ou descrença. Somos todos irmãos, todos filhos do mesmo Pai.

— Raça maldita! Que é isto que o senhor está fazendo comigo? Que fazem comigo? Que é isso aí? Esses quadros... Essa é minha propriedade.

Faz uma pausa. E pelo que se segue, depreendemos que ele acaba de mergulhar nas memórias de outra existência.

— Eu sou um grão senhor. Querem botar um tribunal de justiça na minha frente, para julgar um ato que eu pratiquei... de humanidade. De defesa da sociedade!

— Esse ato o que foi, em que consistiu?

— Quem são esses mancebos silenciosos aí, todos de branco?

O Espírito contempla companheiros espirituais superiores ali presentes, para ajudá-lo com a sua presença e apoio.

— Mas o que foi que você fez?

— O que eu fiz? Ora... O que todo homem zeloso faz. Eu sou um nobre de tradicional família. E apareceu esse jovem, a meu serviço. Veio num lote de escravos na última galera que chegou, do nobre Pamplonius.

— E você comprou esse escravo?

— Comprei um lote inteiro. Eles vieram de lá...

— Da Palestina?

— É. Você teria feito o mesmo. Você é um nobre?

— Eu, não. Sou um plebeu.

— Então não teria feito. Mandei castrar todos os homens para que não procriassem. É isso um horror?

— Não sei, meu querido. Isso compete à sua consciência dizer, não a mim. Não estamos aqui para acusá-lo.

— Principalmente esse jovem que teve a *audácia* de levantar os olhos para uma de minhas filhas. E ela *atreveu-se* a baixar os dela para ele. Aí eu tomei providências.

— E eles eram judeus, então? São judeus...

— São. Olha que é um favor, sabe, aceitá-los.

— Qual é o seu nome? Como se chama você?

— Por quê? — pergunta ele, do alto de seu orgulho.

— Para te conhecer melhor. Para te chamar pelo nome. Todos temos direito ao nosso nome.

— Ora! Para com isso! Eu não tenho que dar satisfações a ninguém.

— Sim, mas tem que dar satisfações à sua consciência, não é, irmão?

— Não preciso obedecer ordens. Não recebo ordens.

— Sim, você *dá* ordens. Não é preciso que conte mais nada. Vamos pedir a você... Preste atenção... que sem perder a lembrança dessa existência como nobre romano, e lembrando-se da outra que teve na Sérvia, como Moish, você desperte para a realidade do seu espírito. Vamos, venha!

Em poucos momentos, ele retoma nova postura. É evidente que está perplexo e procura situar-se no tempo e no espaço. Inspecciona, surpreso, o ambiente e o corpo da médium através da qual se manifesta.

—O que você quer saber? — pergunta o doutrinador. Não tem aí a sua placa? Está se lembrando de tudo? Sabe agora, o que se passou com você?

— Mas, que é isso? O Mestre não vai gostar disso!

— Irmão. Depois nos entenderemos com o Mestre. O importante é que você saiba quem você é.

— E quem é que eu sou?

— Você é um espírito que errou e que está tendo a oportunidade de se refazer. Numa existência você sacrificou seres humanos, seus irmãos, nossos irmãos, e os recebeu com desprezo porque eram judeus. Na outra existência, você foi judeu para sentir na própria carne e, infelizmente, através de sua própria filha, o agulhão da culpa, da dor. É essa a lição que queríamos que você aprendesse. Temos todo o respeito, todo o carinho, todo o amor pelo seu espírito, porque somos todos irmãos em Deus. Está entendendo?

— Tenho uma confusão na minha cabeça! Qual dessas três pessoas sou eu, afinal?

— Você é todas.



— Eu não posso ser três!

— Mas pode ter três vidas, não pode?

— O Mestre diz que isso é coisa do diabo!

— Você acha?

— Eu não posso ser três. Como é que eu posso ser três?

— Quero saber o seguinte: O que *voce* pensa?

— Quem sabe vocês inventaram isso? O Mestre inventa tanta coisa!

— Então ele mente. Você mentiu também?

— Não. Ele não inventa; ele não mente. Não falo dele.

— Nós o respeitamos, meu querido. Sabemos quem ele é.

— Mas quem sou, afinal, desses três? Onde é que estou? Onde é que estão os outros? Onde estão os outros dois *eus*?

— Estão em você mesmo. As culpas estão aí. Você não entendeu que temos muitas vidas? Eu te falei disso desde o início. E você vai ter outras vidas. Não é apenas uma.

— Mas como vou saber que isso é verdade?

— Meu querido, foi você que falou, não eu. Se é mentira, é sua.

— Mas o Torá não dizia isso. Nada disso.

— O que não está no Torá não pode existir? Meu querido irmão: Não queremos forçar você a nenhuma decisão aqui conosco.

— Pois é, mas agora o senhor confundiu a minha cabeça toda. Como é que vou ficar com essas três pessoas?

— Não são três pessoas, são três vidas. Você tem muito mais de três vidas. Não são apenas três. Há outras ainda. Se você procurar, vai lembrar-se. Nascemos, vivemos, morremos e depois nascemos novamente em outras vidas. O espírito é imortal.

— Quero ir embora, por favor.

— Você irá, mas lembre-se disso: o espírito é imortal. E responde pelos seus atos. Tudo aquilo que fazemos de errado, pagamos depois.

— Mas a gente paga lá. Isso o Mestre falou.

— Você não viu aí, agora, como é que se paga?

— Mas eu perdi uma filha inocente. Isso é verdade. Uma filha inocente.

— Sim, meu querido. E quando você sacrificou aqueles irmãos outros? Por que você agiu daquela maneira?

— Xoxana(?) Linda!

Parece perdido em recordações por alguns momentos. O doutrinador retoma.

— Você assumiu responsabilidades perante a lei de Deus.

Ele, porém, está fixado na linda imagem de sua filha. O doutrinador lhe recomenda que medite sobre tudo aquilo, enquanto repousa. E se necessário, voltaríamos a conversar em outra oportunidade.

— Se isso tudo é verdade, como é que estou aqui sozinho, sem ninguém?

— Você abandonou todos os seus. Você está fugindo há muito tempo. Você se escondeu naquele mundo lá para fugir, para se livrar de aflições. Você sempre entendeu que precisava vingar-se. A vida é uma lição permanente do amor de Deus para conosco. Temos que corresponder. Não sofremos injustamente. Todas as nossas dores resultam de erros que cometemos.

— Mas tudo isso está tão distante...!

— Não importa a distância, meu irmão...

— Por que estou aqui sozinho? Onde está a minha mulher?

— Aqueles seres a quem você amou continuam vivos, como você está vivo. Você pode encontrá-los...

— Isso é demais para a minha cabeça. Demais!

— Vamos devagar. Você não é obrigado a acreditar nisso; a aceitar isso aqui, agora, conosco. Você terá tempo para pensar. O que eu queria mostrar, meu querido companheiro, é que você não é um 23... Você é um ser humano, tem memórias, tem lembranças, tem dores. Tem também amores, esperanças... Está entendido?

Longa pausa. E depois:

— Isso é demais para a minha cabeça...

O doutrinador propõe uma solução provisória, temporária: adormecê-lo para um repouso reparador. Quando ele despertasse, mais refeito, voltaria a pensar em tudo aquilo para tirar suas próprias conclusões.

— Está bem? Muito obrigado por ter você nos ajudado a encaminhar esta proposta...

— Onde está minha Xoxana?

A seguir ele é adormecido e retirado pelos mentores espirituais do grupo.

NOTAS:

## 1 — *SERVIA*

Antigo reino no interior do sudeste europeu ao norte da Península dos Bálcãs, hoje incorporada à Iugoslávia(\*).

Os sérvios são um povo de origem eslava, mas de língua croata. Ao passo que os croatas são (ou foram) predominantemente católicos e se utilizam do alfabeto latino, os sérvios preferem a Igreja Ortodoxa e o alfabeto cirílico em uso na Rússia, com alguns sinais especiais para **tender** sons específicos de sua língua.

Sua origem é algo obscura. As primeiras referências aos sérvios surgem no século IX. Antes disso soube-se apenas que viviam da agricultura na Galícia e que no século XVI desceram para as praias do Mar Negro e dali seguiram, posteriormente, para noroeste, acompanhando o curso do rio Danúbio, que cruzaram para ocupar uma área no noroeste, na Península dos Bálcãs.

(\*) **Nota digital:** atualizando a informação do autor: “A união que a Sérvia tenta alcançar hoje (2017) é uma herança desenhada no mapa da velha Europa: A Iugoslávia era um só país formado por seis repúblicas, que **hoje são independentes:** Bósnia e Herzegovina, Croácia, Montenegro, Macedônia, **Sérvia** e Eslovênia”.

## 2 — *TROIKA*

Na Rússia e na Hungria tem esse nome um trenó (ou carruagem) puxado por três cavalos, o do centro a trote e os dois outros a galope.

Pelo diz que diz o nosso companheiro espiritual nesta história, porém, o uso da **troika** é mais difundido do que fazem supor as obras consultadas para elaboração desta nota, de vez que ela era encontrada também na Sérvia (povo, aliás, de origem eslava, como vimos) e, provavelmente em outras regiões circunvizinhas. É de supor-se também que outros animais a puxassem e não apenas os cavalos.

## O TEMPO DE ANTES

Por mais familiarizados que estejamos com os relatos, mediúnicos ou não, sobre o Cristo, dificilmente poderíamos avaliar em toda a sua extensão, o impacto ideológico e social da sua pregação sem o testemunho vivo dos companheiros espirituais com os quais tivemos oportunidade de dialogar, no decorrer dos anos de relacionamento com eles. Como nos disse um deles, o Cristo marcou até mesmo aqueles que não o aceitaram.

Quantos conflitos, meu Deus! A rejeição obstinada da Doutrina de Jesus gerou longas, aflitivas e penosas agonias no coração dos que, com uma simples atitude de renúncia, de humildade ou compreensão, poderiam ter ganho milênios e se deixaram prender pelo ódio irracional a tudo quanto lembrasse o Cristo ou a sua mensagem.

A situação é particularmente dolorosa naqueles que, ainda hoje, volvidos praticamente dois milênios, não se conformam ante o que consideram *deserção* de familiares e amigos que resolveram seguir o Cristo. Para muitos, isso adquire o vulto de verdadeira traição que tinha de ser punida da maneira mais drástica e impiedosa.

Mudam as pessoas, as situações, os cenários, mas a história é sempre a mesma: o Cristo teria *roubado* com seus encantamentos a esposa, o filho, a filha, o irmão, os pais ou os amigos.

Daí em diante é a fixação multissecular nesses episódios dramáticos.

O companheiro que veio a nós naquela segunda-feira foi um desses. Observemos como se desenrola a sua história.

Chegou mansamente, saudando-nos com toda urbanidade, desejando-nos paz, amor e harmonia, e acrescentou: — Viva Jesus, a estrela guiando nossos passos pelos caminhos da evolução!

Trazia-nos a palavra do amigo, a mão do companheiro e o coração do irmão, pois desde o momento em que resolvemos nos dedicar a Jesus, abdicamos aos nossos, porque ele passa a ser a *nossa família*.

Sua palavra era fluente; as frases bem torneadas, o pensamento lúcido e brilhante; o tom oratório, vibrante, como se estivesse a falar a multidões embevecidas.

Informou, a seguir, que há algum tempo nos acompanhava individualmente e no grupo. Pudera observar que éramos seres normais, com as suas falhas, com as impaciências no seio da família, os horários apertados, os nervosismos da vida, o que era muito natural e compreensível. Era a sua maneira sutil de nos dizer que não éramos nenhuns santarrões, o que é estritamente verdadeiro. No entanto, estávamos sempre prontos a servir, e era disso que ele gostava. E acrescentou:

— Almas é o meu negócio!

Raras são as suas observações que não se liguem com toda propriedade e elegância a uma passagem evangélica. Conhece a fundo os textos e a personalidade do Cristo, a quem não regateia palavras de admiração e respeito.

A par disso, revelou incontestável conhecimento de certas intimidades do movimento espírita e de pessoas nele envolvidas, creio que para exhibir-nos credenciais. Como se dissesse: “Estou dizendo isto para que você saiba que sei o que estou fazendo”.

Seus objetivos básicos não diferiam substancialmente do que numerosos outros companheiros já nos haviam exposto antes dele e do que tantos outros ainda haviam de nos expor. Consideravam superado o trabalho mediúnico nos moldes daquele que estávamos realizando, por exemplo. Era preciso dinamizar as coisas. O espírita devia libertar-se, usar o reservatório de poder de sua mente. Precisava *querer*. Era preciso abandonar esse hábito de transformar a prece em súplica. Fazer como o Cristo que, voltando-se para um doente, disse: “*Eu quero! Sê curado!*” E para outro: “*Levanta-te e anda!*” E para todos: “*Vós sois deuses!*” É assim que se faz. Nada de lamúrias, de baixar a cabeça e ficar lamentando o carma.

Como se vê, há um centro de irradiação dessas ideias entre esses irmãos equivocados, pois a filosofia básica de ação é sempre a mesma. O que também ressalta desses numerosos depoimentos vivos é que essa espécie de *comando geral* das sombras montou a sua vasta rede de influência, utilizando-se precisamente daqueles que ainda não conseguiram aceitar o Cristo, quase sempre por motivos de ordem estritamente pessoal. Não rejeitam a Doutrina de Jesus por insanável divergência ideológica, mas por uma espécie de obsessiva paixão vingadora. O Cristo é um inimigo pessoal que cumpre combater, quaisquer que sejam os meios, onde quer que estejam localizados os núcleos de poder constituído ou emergente que se dedique à divulgação de suas ideias.

Quando o doutrinador tenta personalizar a conversa, a fim de levá-lo das questões meramente ideológicas para os problemas pessoais, ele retruca com uma pergunta:

— O Cristo perguntou a alguém sobre o seu passado?

O doutrinador responde singelamente que ele não precisava disso porque já sabia.

O receio é o mesmo de sempre: agitar o poço fundo da memória, onde dormem hipnotizadas, poderosas emoções. O perigo maior é, portanto, a emoção, que cumpre evitar a todo custo. “A emoção machuca”, diz ele.

\*\*\*

Nesse ponto começa a indução magnética e, como é de esperar-se, ele reage com toda a energia de que dispõe e recorre aos artifícios mentais com os quais está habituado a agarrar-se ao presente, a fim de não cair na escura cisterna das lembranças. Aos poucos, contudo, vai cedendo. Pisando já terreno inseguro, ele oferece realizar conosco um trabalho tão fantástico que chamaria sobre nós a atenção do mundo inteiro. Infelizmente para ele, não desejamos essa tarefa maravilhosa.

— Não quero ceder. Eu sou forte. Sou muito forte. Eu posso...

O primeiro episódio que ele encontra na memória, rumo ao passado, é o de um massacre de cristãos em Roma. Ele é um legionário e, no fragor da luta, perdeu o elmo, peça de alto valor estimativo, um presente de certo Constantino, seu padrinho, quando ele foi admitido à guarda imperial. (Não se trata do Imperador Constantino). A regressão é total, pois ele se vê realmente no local e não apenas se lembra. Vejamos uma parte do diálogo com o doutrinador:

— Espera aí... Ali... Estou vendo uma coisa ali, uma pontinha. Espera ali... Tem uma perna aqui por cima dele. Vou puxar essa perna. Brr... Isso me dá nojo! Essa gente... Que coisa! Sujou ainda de sangue, olha aí. Vou tirar aquela túnica ali... aquele cara já está morto mesmo. Vou rasgar aquela túnica e limpar aqui. Este é um elmo muito importante... Quem me deu isso? Ah, meu caro, quem me deu... Uma pessoa muito considerada!

Não se trata de uma campanha militar, como pensava o doutrinador e sim de um massacre de cristãos, aparentemente indefesos. A certa altura, ele interrompe o diálogo e diz:

— Espera aí que tem um amigo meu ali. Já está todo mundo agora... Ih! você está me prendendo aqui. Estou perdendo tempo. Tenho que pegar aí o que a gente pode achar de valor, aí nessa gente, e retirar. Você está me

prendendo aqui.

— Joias?

— Claro. O que eles tiverem. Se bem que eles não são muito ricos, não; mas, às vezes, carregam dinheiro. São a escória do mundo, a escória da sociedade, um lixo...

— Por que eles foram mortos?

— Porque são uma ameaça ao Estado.

— E quem é o Imperador?

— Quem é o Imperador? Não sei. Por que você faz tanta pergunta? Você está me prendendo aqui e estou perdendo tempo.

— Mas que está você fazendo aí? Só esse saque, mais nada?

— Não. Nós fizemos... nós matamos, executamos. E agora a gente tem que catar o que puder. Os mortos não tem valor mais para carregar as coisas. Preciso ir lá pegar o que é meu.

Tenta resistir à sugestão de novo recuo no tempo. O episódio é importante no seu contexto, ao mostrá-lo numa existência em que ajudou a massacrar e saquear cristãos com evidente sangue frio e até algum prazer, mas não é aí, obviamente, que está o núcleo principal de sua problemática espiritual. Temos que mergulhar mais fundo na sua memória. E ele resiste, como é de esperar-se. Antes, “limpa” uma terra presa aos pés e que o incomoda. Em seguida, uma pergunta, também usual:

— Quem é você, hein?

— Sou um companheiro.

— *Mas você não está aqui junto.*

Essa confusão mental é típica em procedimentos de regressão da memória, pois a situação é, de fato, algo irracional, se considerarmos o tempo na sua sequência habitual. Imagine o leitor a situação: um soldado romano acaba de massacrar um grupo de cristãos. Perdeu o seu elmo e o encontrou meio oculto pela perna de um cadáver e, em seguida, começa o saque. Enquanto isso se passa, porém, ali está um indivíduo de que ele não tem a mínima ideia quem seja, a lhe fazer perguntas absurdas. Afinal de contas, pensa ele, o que está acontecendo aqui? Quem é esse sujeito? E por que me faz tantas perguntas? A confusão é total na sua mente.

Mas prossigamos.

Ao recuar para um passado mais remoto, sente-se, de início, perdido no tempo e no espaço. Não sabe onde está, nem o que está fazendo. Encontra-se envolvido por uma espécie de nevoeiro e continua a afirmar que não quer

saber de nada do passado.

Ao cabo de algum tempo, começa a narrativa:

— Estou aqui saindo de dentro d'água.

— Você caiu n'água?

— Não. Eu estava pescando. Vou para casa.

— Onde você mora?

— Ué, na minha casa...

A esta altura não adianta insistir muito nos detalhes. Ele ainda fala com certa dificuldade e não vê muita razão em explicar o óbvio, ou seja, aquilo que está vendo ou fazendo. As perguntas lhe parecem insensatas. É claro que a sua casa é ali mesmo. E por que razão o seu interlocutor ignora o nome da cidade onde aquelas coisas *estão acontecendo*? Não obstante, ele vai respondendo como pode. É um mercador. Vende vinhos e óleos e coisas assim. Onde? A resposta é óbvia:

— Aqui, ora. Você não está aqui? Então você sabe. Eu não converso com estranhos. Sou um mercador e vivo a minha vida. Não quero saber dos outros. Não me meto. Sim, sou casado, tenho família, tenho filhos. Hoje estou aqui descansando. Vim aqui, ao lago, pescar. Este lago é muito bonito, tem muito peixe. O que aconteceu? Nada.

— Por que você caiu n'água?

— Eu não caí. Entrei na água; é diferente.

— E pescou alguma coisa? Ou encontrou alguém aí?

— Não, já estou saindo *antes* que encontre. Sei que depois isso aí vai ficar cheio daquela gente. Ih, você nem sabe... Acho melhor até você sair daí. É uma turba terrível, você nem queira saber. Eles vêm por que tem um milagreiro aí. Então, vem tudo quanto é leproso. Eles tem um mau cheiro que é uma coisa horrível. Aquelas feridas abertas... Aqueles panos sujos... Por isso estou saindo depressa. Isso me revolta, me dá até vômitos. Eu não sei como é que as autoridades permitem. Por mim eu já tinha acabado com isso. Porque é um horror! Vem até gente em cama, doente. Todo mundo geme, reclama e fala. E fede... Brr...

— E você conhece o milagreiro também?

— Ele deve ter o mesmo mau cheiro dos outros. Está no meio deles...

— Mas você já o viu? Não o conhece?

— Não. Nem quero saber. Se você é amigo deles, então fique longe de mim. Se você veio aqui também por causa dele, então, suma. Suma da minha frente.



— Mas você conhece muita gente aí nesse local onde mora?

— Conheço.

— Então você conhece os amigos dele também.

— Ele não tem amigos. Quem é amigo deles não é amigo nosso. Aqui é a divisão, meu amigo. Você vai para lá, passou para o outro lado da cerca, você fica lá. A gente não te conhece mais. Eu sou um obediente cumpridor das Leis de Moisés. Tenho o Torá na minha casa. Não me meto com isso.

O doutrinador procura levá-lo mais para a frente no tempo, a fim de desvendar o mistério daquela vida. Dentro em pouco ele recomeça a falar:

— Tenho que partir amanhã. Vou a Chipre. Tenho negócios lá.

— Você conhece alguém lá?

— Conheço. Claro que conheço. Você pensa que eu vivo aqui a minha vida toda? Conheço isso aqui, conheço Decápolis. Viajo muito. Samaria... Tenho amigos em tudo quanto é canto.

— Você nasceu onde?

— Nasci lá em Chipre. Tenho parentes lá, mas gosto mais da Samaria. Ainda acabo me mudando para lá. Lá não tem essa fedentina daqui.

— Você vive então aí na beira do lago?

— Mais ou menos. Não é bem na beira.

— Sim, mas aí na região. Na Galileia, portanto.

— É. Mas estou louco pra sair porque aqui só tem gente... Estou louco para levar minha família daqui. Tenho filha jovem e não a quero metida com essa malta. Vou para a Samaria. Vou morar lá. Tenho lá um amigo mercador.

— Mas isso aí o que é? Cafarnaum?

— Oh! você pergunta tanto! Que horror! Quero esquecer o nome dessa cidade. Você não vê que quero esquecer? Por que você me pergunta tanto? Quero esquecer de certas coisas que é melhor tirar da cabeça para sempre.

— Eu também andei por aí.

— Você morou onde? Nessa Cafarnaum de que você está falando aí? Morou perto do lago? Morou? Então você deve conhecer essa gente fedorenta. Conhece? Você é um deles? Então sai. Tira essa mão de mim. Porque cristão, meu amigo, fede que nem porco. Vou a Chipre e quando voltar vou tratar da minha mudança. A gente vai de barco; você sabe? É de barco que a gente vai. Você sabe que é um lugar lindo? É isso que eu tenho pena. Aqui também é um lugar lindo. Agora, essa gente... Que deu nessa gente? Por que tanta loucura? Infelizmente me demorei aqui (em Chipre) mais do que esperava, porque eu tinha aqui o meu velho pai. Quando

cheguei, estava à morte, sabe? Tive que ficar. Fiquei aqui todo um mês. Foi todo o mês de Nisan<sup>44</sup>. E a minha velha mãe... Eu tive que acomodar as coisas. Estou preocupado com a minha família, porque... com aquela turba... Tenho uma filha jovem e linda. Tenho medo.

— Passado isso, então, você voltou. E o que aconteceu?

— É, voltei.

— E o que você encontrou lá?

— Você não pode imaginar! Temia tanto pela minha filha. Só tenho uma filha. E quando você tem uma filha ela é a luz da casa da gente. Claro que você precisa dos varões, porque são eles que continuam a sua família, a sua tribo. Eles que carregam o nome... Mas a filha é um tesouro. Ela estava doente. Não sei... ela deve ter ido à beira daquele lago, porque quando eu cheguei, ela estava com aquelas manchas horríveis. O seu rosto lindo, maculado. Daí você pode imaginar a minha agonia, o meu desespero. Parece que uma tragédia nunca vem só. Uma desgraça sempre traz outras. O meu primogênito... o meu filho... (Longa hesitação). Ele chegou-me... Ele sempre foi um menino diferente de todo mundo, compreende? Ele, às vezes, fica assim parado. Você olha para os olhos dele e vê que ele não está ali com você; ele está noutra lugar. É como se ele estivesse vendo seres, querubins. Eu até o repreendo porque ele não briga com ninguém. Cede tudo para os irmãos. Não quero um homem assim na minha casa. Imagine que ele... Por que estou falando isso tudo a você? Quem é você?

— Sou amigo...

— Você é aquele estrangeiro, não é, que estava aí na beira do lago me vendo? Ah! você é de Chipre. Então deve ser um amigo. Tenho mesmo que contar isso?

— Tem sim, meu querido. É preciso. Tenha coragem.

— Ele, um dia, ficou nessa posição, sabe, assim como ele ficava... E depois ele acordou, parece, daquilo e chegou a mim e disse: “Pai, nós podemos curar a Rute!” Eu disse: “Curar? Como?” “Tem um homem que pode curar”. Quando ele falou isso, eu já disse: “Se você pretendia falar o que eu penso que você pretendia falar, então não fale!”. “Mas, pai...” Não fale! Lembre-se da nossa posição. Lembre-se que somos obedientes à Lei. Não podemos nos misturar com essa gente”. Aí ele contou: “Mas, pai... ela quer”. Eu digo: “Não se atreva a influenciar sua irmã!” Mas parece que ele já a tinha influenciado porque ela olhou com os olhinhos súplices... Meu amigo, por que você quer me fazer passar por esses sofrimentos outra vez?

— Não, meu querido. Você é que precisa se lembrar. É importante para você. Tenha coragem.

— Não quero lembrar que esse homem existiu.

— Mas ele não curou sua filha?

— Sim, mas parece que ele é maldito. Porque... Sim, está certo. Você acertou. O menino a levou escondido lá naquele lago na hora que estava cheio daqueles leprosos. Eu não acho que ela era leprosa. Ele é que achou que a irmã estava. Aquilo não era lepra; era outra coisa.

— Sim, mas. ela voltou curada.

— Voltou, mas nunca mais foi a mesma. Nunca mais... Parece que quando este homem a tocou, ele tirou também a sua alma. Porque ela saiu minha filha e voltou uma estranha.

— Não, meu querido. Ela continuou sendo sua filha.

— Voltou com um brilho diferente nos olhos...

— Mas era ainda a sua Rute.

— Não mais. Eu te disse que queria ir para a Samaria: queria me mudar de uma vez. Parece que estava adivinhando. Então, disse à minha mulher: “Vou depressa à Samaria”. É perto. Aqui tudo é muito perto. É um instante. Vou num dia e volto no outro. Chego lá, arrumo, resolvo, e a gente muda. Eu estava com medo. Algo me dizia que... Meu Deus! Estou feliz, tenho minha casa, tenho dinheiro, tudo tudo. Tenho amigos. Eu fui, mas parece que o maldito arranjou um jeito que tive de demorar lá mais do que eu esperava... Procurando casa. Você sabe? Sabe que é difícil arranjar casa? É muita gente para pouco lugar. Custei a arranjar uma casa. Depois, tinha de ser uma casa que acomodasse minhas mercadorias. Quando eu voltei, que entrei na minha casa, esperava ter minha família me esperando, mas não tive, A casa estava vazia. Você pode entender isso?

— Não tinha ninguém da família?

— Não. Você pode entender que uma mulher que te amou, que você amou, que você casou com ela, que você deu seu nome a ela, você deu filhos a ela... Você pode acreditar que essa mulher te traía há muito tempo com esse Nazareno maldito? Ela era um deles e eu nunca soube! Foi embora com ele, com a minha filha e meu filho.

— Você ficou sozinho?

— Fiquei sozinho. Fiquei louco, louco. Mas eu fui atrás deles. Fui ao templo e o denunciei, porque eles não eram culpados. O culpado era aquele homem, aquele homem que trazia um estigma maldito. Ele trazia, sim. Então,

meu amigo, fui ao Templo, tive coragem, e denunciei. Pedi licença porque queria punir os meus. E o sacerdote me deu licença. Eu podia punir os meus. Era todo o meu direito. Fui procurá-los. E nem ele, nem eu...

— Que houve? (Longa pausa). Morreram todos?

— Sim, os três.

— Morreram como?

— Foi “*ele*”. Foi “*ele*” que os matou. Foi ele. Entende? Eu jurei que... Eu tive que salvá-los. Você entende? Eles haviam pecado contra a Lei. Compreende? Eu tinha que salvá-los. Salvá-los *dele*. Foi ele.

Fica a repetir até que não suporta mais a aflição daquela lembrança dolorosa cravada no seu coração há quase dois mil anos. E grita desesperado, em pranto:

— FOI ELE ! Maldito o ventre que te gerou! Que ele nunca mais possa gerar nada. Você pensa que eu amo o Cristo, não é? Não o amo. Não se pode amar a alguém que fez o que ele me fez. Você pode? Não pode. Está vendo? Olha aqui. Está vendo dentro de mim? Tudo morreu naquele dia; só ficou um ódio surdo, calmo, cerebral, sabe? Cerebral...

— Mas você não amava os seus?

— Claro. Tanto os amava que...

— Que os matou...

— Não; que os libertei daquele encantamento. Aquilo era coisa do demônio. Era o demônio. Você sabe que o demônio se apossa de uma criatura, entra no corpo dela? Entrou no corpo deles.

E prossegue:

— Você sabe que depois daquilo eu fiquei cego? Saí dali cego. E nunca mais enxerguei naquela vida. Cego. E fiquei louco. Sabe? Engraçado! Agora que estou lembrando disso. Fiquei louco.

— Acho que você já estava, não é? Aquele desespero todo, matando três pessoas a quem você amava...

— Fiquei louco. E não tinha ninguém para cuidar de mim. Sabe? Tínhamos cabras. A gente criava cabras, que nos davam leite. Matei todas elas... Que queria matar tudo que tivesse vida na minha frente.

— Então terminou essa vida assim? Cego...

— Não... Não terminou. Um dia eu estava tão louco... Tinha um fogo dentro de mim que me queimava. Eu era cego e via. Entende? Eu era cego, não via as coisas, mas via a eles. E não via mais nada... mas a eles eu via. Mas, um dia eu decidi que não ia mais ver, porque eu via, queria tocá-los, pedia

perdão, queria que eles voltassem e me tirassem daquele pesadelo. Porque só podia ser um pesadelo a que eu estava preso — mas eu não conseguia alcançá-los. Eu tocava, e tocava no ar. Era como se eles estivesse ali e não estivessem ali.

— Mas eles estavam bem...

— Oh!... Acho, que estavam bem. Você acha que eu podia ver isso, como eu estava? Eu queria... Eu não os matei, compreende? Você não me diga isso.

— Não. Não sou eu que estou dizendo. Você é que me disse.

— Não. Foi ELE. Foi aquele maldito Carpinteiro. Um dia eu saí tão desesperado e me atirei no lago. E foi uma coisa horrível! Porque depois que eu estava lá, queria sair e não podia, não enxergava. Você já morreu afogado? É uma coisa horrível. Você fica sufocado, de repente, sabe? Seus pulmões parece que vão estourar, seus ouvidos... Eu era todo uma bola que ia explodir. E de repente, senti que explodi. E aí acabou tudo...

— Não. Não acabou, não é? Seu espírito partiu para o mundo da realidade.

— Eu estava cego. Eu devia ir para o seio de Abraão. Afinal de contas, fui um mártir.

— Bem. Vamos, então, procurar entender tudo isto. Você conservou através destes séculos todos aquele rancor, aquele ódio que o impediu de ver. Você continuou um cego espiritual. E ficou preso àquela ilusória ideia de que, tentando enganar e subornar em nome do Cristo, você aplacava as suas dores. Você esqueceu que aqueles espíritos continuavam e continuam vivos e continuam te amando. E que um dia você irá ao encontro deles, redimido também. Tenha paciência, irmão.

— Meu amigo. Quando cheguei... Você me trouxe para aqui, de volta. Estou aqui outra vez! Engraçado, lembro de tudo. Na verdade nunca esqueci. (Refere-se à regressão da memória).

— E lembra-se de mim também?

— Lembro, lembro...

— Somos amigos, ou não?

— Não sei mais o que é a palavra amigo.

— Sabe sim; amigo é aquele que vai buscar o outro na dor.

— *Chequei aqui, deste lado, cego; continuava cego. E aí me aliei a todos aqueles que tinham motivos de se vingar do Nazareno.*

— Sim, mas não é tempo de parar isto, meu filho?

— E a gente nunca conseguia atingi-lo, mas às vezes, a gente atingia aqueles de quem ele gostava. Os seguidores dele... Era uma maneira de atingi-lo.

— Como os seus, também, não é? Seus filhos, sua mulher. Você quis atingir o Cristo, atingindo a eles. Você continua repetindo o mesmo engano. Não é isso?

— Sabe? Estou vendo uma coisa estranha aqui. Não estou mergulhado mais no lago. Mas sinto como se alguém estivesse me jogando uma linha. Alguém que está pescando. O quê? Me pescar? Sim, para que eu suba. Para que me agarre à linha. Não pode ser eles... Porque... Como é que vou olhá-los?

— Por que não pode? O que importa é como eles olham você.

— Oh! você não devia acordar o que estava dormindo dentro de mim...

— Você também estava dormindo.

— Meu amigo, olha! É uma distância imensa. Mas não posso pegar a linha. Ela não chega até mim. Está ali, mas tenho que subir. Tenho que subir até lá.

— E se você orar?

Longa pausa, e, em seguida:

— Que é orar?

— Pedir ajuda para as nossas mazelas, as nossas fraquezas.

— Nunca pedi ajuda. Sempre ordenei.

— Pois é. Agora não pode mais ordenar. Agora pede.

— Você não está horrorizado comigo?

— Não... Não. Absolutamente.

— Você não tem nojo de mim?

— Não. A gente não tem nojo dos amigos.

— Mas eu sou um criminoso... dez vezes criminoso. Você pensa que só matei ali? Voltei várias vezes. Enquanto tinha cristão, eu queria voltar para matar cristão.

— Você não sabe que ele veio exatamente para nós, os doentes? Como curou a sua filha, ele pode curar o seu espírito, também.

— Nunca tive ódio. Ele botou ódio no meu coração. Eu era feliz. Tinha um lar, esposa, filhos. Tinha negócios...

— Sei, mas eles continuam felizes, enquanto você...

— Tinha uma família. Nunca soube o que era ódio.

— Tinha, não; você *tem* uma família. Então, você quer continuar

fugindo dos seus...

— O que ele te fez?

— O mesmo que fez para você: pregou o amor, a compreensão, a paz.

— Ah! meu amigo. É tão fácil para você falar assim.

— Não. Não é falar. Você sabe que não é só falar. Você fica, então, conosco?

— Ah! como é difícil viver a vida depois que você perde aqueles a quem ama!

— Mas você não perdeu. Eles existem ainda.

— É como se arrancassem um pedaço de você. Para sempre está lá a falta.

— Eles estão lá ainda. Estão vivos e te amam. Você agora, por favor, vai partir com os nossos companheiros. Primeiro você vai precisar de repouso. Depois, então, vai repensar essas coisas todas.

— Isso tudo passou há tanto tempo... Olha! Meu Deus! (Começa a chorar como uma criança). Foi você que criou esta imagem aqui, não foi? Foi você, não foi? *Estou vendo a minha menininha!* Como sempre a vi... Você não deve usar esses recursos para me fazer chorar. Não costumo me entregar a emoções. Mas estou vendo! Como eu a via, sabe? “Vem cá!” A minha menininha... a minha menininha... Meu Deus! Você pode fazer com que tudo isso não tenha acontecido? Posso voltar atrás? Posso esquecer isso? Posso começar tudo de novo? Meu Deus! Posso apagar isso da minha vida

— Pode. Você vai começar tudo de novo

— Você me levou lá. Me deixa lá, me deixa no *tempo de antes*... Não me deixe no *tempo de agora*. Quero ficar no tempo de antes, por favor. Quero ficar... Me deixa lá... pelo amor de Deus! Me volta lá, me leva... Me leva no tempo. Por que esse horror todo, meu Deus?

Chora desabaladamente, lamentando o tempo perdido.

— Meu Deus, por que fiz isso? Por que a gente é homem? Por que tão frágil? Se a gente pudesse voltar atrás, e começar tudo outra vez, não fazer isso... Se pudesse apagar isto, arrancar essas páginas da minha vida, para sempre; arrancar como se nunca tivessem existido! Ah! minha filha... Minha filha!

Aí está o drama de uma incompreensão que durou quase dois milênios e terminou num momento de perplexidade e da mais linda explosão de ternura. Raras vezes temos ouvido aquelas duas palavras pronunciadas com tamanho enlevo e emoção:

— Minha filha!

Mesmo soterrado em avalanches de rancor, de revolta, de angústias inomináveis, o amor resistiu através dos séculos pacientemente à espera da sua hora...



## 4

### A DAMA DA NOITE

Parece inesgotável em suas complexidades e implicações o tema aparentemente singelo da obsessão. De fato, nas suas estruturas básicas, a obsessão é apenas um processo de cobrança — alguém que cometeu um erro mais ou menos grave em prejuízo alheio e alguém que se vinga. O pecador é escravo do pecado, diz a boa doutrina ética. “Não sairás de lá enquanto não tiveres pago o último ceitil”<sup>[1]</sup>, disse-nos Aquele que maior autoridade tem entre nós. Por isso, ele próprio recomendava: “Vai e não peques mais”<sup>[2]</sup>. Sabemos hoje pela Doutrina dos Espíritos que somos os próprios construtores do inferno, ou seja, da condição íntima de desarmonia e que cabe a nós próprios desfazer para nos libertarmos dela. É como se fosse uma prisão portátil, como a pesada casca do caramujo rastejante que arrastamos conosco para toda parte.

Esse é o esquema básico; essas, a teoria e prática do processo, mas na enganosa simplicidade desse mecanismo, há um universo de sutilezas, de complicações, de desvios, de verdadeiras loucuras. Em torno dele os espíritos atormentados pelo ódio, fascinados pela ânsia desesperadora da vingança nunca saciada, porque é insaciável, agarram-se, enceguecidos, às suas vítimas, sem perceberem que também eles são vítimas e, principalmente, que também eles são culpados, e, portanto, necessitados de perdoar para serem perdoados, tal como o Cristo immortalizou no texto da Oração Dominical, o Pai Nosso.

Como ficou dito alhures, não tivemos muitos casos de obsessão típica em nosso grupo. Preferimos deixar aos nossos orientadores espirituais a livre opção quanto à natureza do nosso trabalho. Nunca deixamos, contudo, de atender com as nossas preces as solicitações de conhecidos e amigos em favor de vítimas da obsessão, cujos nomes inscrevemos prontamente em nosso Caderno de Preces. Tais casos, segundo nos asseguravam os nossos amigos maiores, eram sempre atendidos na medida do possível e, eventualmente, eram trazidos para dialogar conosco espíritos desarmonizados envolvidos em difíceis processos obsessivos. Como de nosso hábito, nunca indagamos que critérios prevaleciam em tais casos e por que razões certos companheiros eram trazidos e outros não. Limitávamo-nos, como sempre, a

atender aos casos colocados diante de nós.

Foi assim naquela noite de dezembro, já próximo do Natal. Atendêramos na semana anterior a um espírito ligado ao mesmo caso — uma senhora ainda jovem que nos pedira o socorro de nossas preces. Seu caso era bastante difícil e arrastava-se já por muitos anos de tormentos, impondo aflições a toda a família. Apertava-se em torno da moça um círculo de ferro inquebrantável; ela não andava muito longe da insanidade, e já várias vezes estivera à borda do suicídio. Vozes ameaçadoras atormentavam-na dia e noite e tanto sua vida doméstica como sua atividade profissional estavam em verdadeiro tumulto, pois havia inibições e temores por toda a parte.

Claro que praticamente tudo fora tentado, inclusive, naturalmente, o tratamento médico que a sobrecarregava de drogas potentes, mas de limitada ação positiva no seu caso. Também o Espiritismo fora convocado a ajudar, bem como a Umbanda. A família aflita buscava todos os recursos válidos, pelo menos para manter acesa a chama da esperança. Embora indiferente aos problemas do espírito, o marido não se opunha a essa movimentação, pensando, talvez, que qualquer método que resolvesse ou minorasse as angústias da família, seria bem-vindo. Além do mais, a senhora tivera formação espírita e, portanto, certo conhecimento a respeito. Não desconhecia sua situação e sua problemática, procurava orar e submeter-se às recomendações de praticantes do espiritismo ou de espíritos orientadores. Já mais de uma vez seus perseguidores haviam sido levados a grupos mediúnicos ditos de desobsessão para tratamento. Os resultados eram desanimadores.

O espírito que se nos apresentou naquela noite era o de uma mulher. Não foi difícil perceber que era experimentadíssima, uma verdadeira mestra na trágica arte de atormentar. Tinha perfeita consciência do que estava fazendo e porque o fazia. Conhecia bem de perto e por experiência pessoal o que poderíamos chamar de a tecnologia da obsessão, utilizando-se com segurança dos instrumentos e recursos ao seu alcance. Quando atraída a algum grupo medi-único, mistificava com habilidade ou então discutia com a argumentação habitual, o seu direito de vingar-se.

Aliás, o seu desempenho entre nós começou com uma tentativa de mistificação. Logo que incorporada na médium, começou a gemer e choramingar como se estivesse sofrendo uma dor terrível. Com fingida dificuldade articulou a primeira frase:

— Eu... eu não quero sair de lá... Não quero... Não quero...

E chorava mais e mais. Não nos deixamos impressionar pela cena antes de saber do que se tratava, e, a uma pergunta nossa, ela explicou que estava lá descansando. Confessou depois que não gostava de ninguém e que ninguém gostava dela. Estava acostumada lá (onde quer que fosse, pois ainda não explicara) e cansada das lutas da vida, mas isso era muito vago e um tanto suspeito. O que haveria por trás de tudo aquilo?

No esforço de entendermos sua posição e sua condição, a fim de poder ajudá-la começamos a formular algumas perguntas, das quais ela foi se evadindo com habilidade. De repente, deixou escapar uma observação mais reveladora:

— Estou cansada de gente chegar p'ra mim e dizer: “Você precisa de luz! Você precisa de luz!” Luz...! Vai ver que quem está me falando precisa muito mais de luz do que eu... “Precisa de luz, irmã!” Santos do pau oco... Eu pelo menos sei o que sou.

Tentara, pois, com a choradeira e os gemidos iniciais, induzir-nos ao tratamento padrão para esses casos em grupos mais apressados: fazer uma prece, uma doutrinação rápida, talvez dar um passe e despedi-la sumariamente, que era, no fundo, o que ela realmente desejava. Em vez disso, fomos aprofundando o seu problema. Obviamente ela não estava descansando coisa alguma, mas era preciso calma, do contrário não conseguiríamos ajudá-la.

O próximo papel, foi fingir-se de louca. Suspirou, e se pôs a cantarolar uma cançãozinha infantil que parecia ser de sua própria invenção, sobre o tema da vida difícil. Parou logo, porém, pois percebia que o novo artifício também não nos impressionara muito. Mudou subitamente de tom e disse firme:

— Conversa fiada! Não quero conversa comigo, não.

Dali à irritação foi um passo. Exigia que parássemos com as perguntas, pois nada tínhamos com a sua vida. Estávamos, pois, começando a trilhar o caminho certo, rumo ao núcleo dos seus problemas. A reação e a agressividade foram num crescendo em atitude de desafiadora ironia.

— Bem, minha filha, você já representou o seu papel. Podemos agora conversar?

E ela, com a voz pausada e firme:

— Sabe o que é raiva? Sabe mesmo? Não é raiva de cachorro, não. Raiva de gente. Raiva. Sabe o que é ódio? ódio, mesmo, vermelho... Que mais? Raiva, ódio, rancor... Que mais você tem aí? Vingança...

Revelara, pois, suas intenções e suas motivações, mas ainda era cedo para sabermos das causas que a moviam, e o diálogo prometia ser longo e difícil, como, de fato, o foi. Não é necessário reproduzi-lo aqui em todas as suas minúcias, pois, no fenômeno da obsessão, suas estruturas são sempre as mesmas.

— Sabe o que é? É que gente é assim... Na hora do outro apanhar, mete a lenha! Quando é hora do outro ser espezinhado, pisa no pescoço mesmo. Quando o outro chia... Ah! coitadinho! Não faça isso, não! É uma pobre infeliz que você está perturbando... É, o negócio é esse... Tem que se sentir aqui, olha, aqui na carne. Pr'a depois ir lá dizer: "Coitadinha!" Pois vai sentir a dor que eu senti, vai sentir *direitinho*. E vai sentir devagar, aos poucos, porque uma dor assim violenta, é rápida demais. Nem se sente a intensidade. Dor boa, boa mesmo, é aquela que vai devagar. Dói um pouquinho hoje, queima um pouquinho amanhã, cada dia dói, passa o dia inteiro doendo que é pr'a você saber que está doendo. Não é uma coisa que passou... Não vai ser assim. E não adianta. Não tem Pai Francisco, não tem ninguém! Não tem Jesus Cristo... Jesus Cristo não disse que tem que carregar a cruz? Então ela vai ter que carregar a cruz! Eu carreguei...! Quando foi a hora de botar a cruz aqui, nas costas da mamãe aqui, então botaram e eu carreguei. Agora vai carregar! Olha, e é uma cruz pesada, e além de ser pesada eu me penduro lá em cima, subo em cima da cruz e fico... ó... ó... me sacudindo assim que é pr'a pesar mais. Quero ver aqueles ombros esfolados, em carne viva. Vivinha, vermelha... (E quase num sussurro:) E não adianta preparar sua conversinha mole, botar seu confessoriozinho armado aí... Já vi muita gente chegar no confessorário, botar aí o joelinho, botar as mãozinhas assim... "Padre, me perdoe porque pequei!" Sabe? Já vi. E depois de sair dali... O padre dá *aquela* penitência. Reza tantas ave-marias, Creio-em-Deus-Padre e depois sai dali e vai pr'a lá pisar, envenenar, fazer miséria... Cadê Jesus Cristo que naquela hora não estava ali? Então não é agora que vai botar Jesus Cristo pr'a cima de mim, não. Porque quando foi na hora de me defender não teve Cristo. Então quando está na hora que eu tenho que cobrar o que me devem, também não tem Cristo.

— Quer dizer que ela não é inocente, não é?

Ela faz uma pausa e pergunta:

— Eu sou maluca? Tenho jeito de maluca? Tenho cara de maluca? Estou falando que nem maluca? Então não sou maluca, não é?

— Então ela é culpada...

— Não sei se ela é culpada. Não sou juiz de ninguém. Não estou julgando; estou cobrando uma conta. É diferente.

— Quer dizer que a pessoa quando sofre é porque merece, não é? Porque errou, porque foi má... É ou não é?

Ela foge habilmente a uma resposta direta, pois sabe que o terreno é perigoso. Acaba ainda mais irritada. Não lhe interessa se a outra é culpada ou não.

— Estou cobrando uma conta que me devem.

— E quando você sofreu? Você devia também. Ou era inocente?

— Ah, eu devia contar com essa.

Nesse ponto ela vira a conversa a seu jeito e proveito, para nos acusar de estarmos desculpando e justificando a sua vítima. Finge-se de ofendida e injustiçada, pois insiste em declarar que quando foi a vez de ela sofrer, ninguém tomou as suas dores para defendê-la. Para que, então, todo o palavrorio, os apelos, e o que chamou de “audiência”...

— Olha, eu estou é cansada desse negócio! Já cansei de ouvir; já falaram; já estive noutros lugares... Você vai falar o quê? Que é coisa de passado, que eu também devo? Isso já me disseram. Já ouvi isso. E daí? Isso não vai resolver minha situação nem meu problema. Não adianta; não vem com conversa. Só tem uma conversa aqui que me interessa. O senhor tem alguma coisa, alguma sugestão pr'a ensinar como é que a gente faz alguém sofrer? Tem uma sugestão dessas eu aceito. Se não tem, cala a boca, vamos enfiar a viola no saco e eu vou tratar da minha vida.

— Tenho, sim. Uma sugestão muito boa. Conheço uma pessoa que é especialista em sofrimento.

— É o velho Lúcifer?

— Não, é o Cristo.

— Olha, pode me chamar de cínica. Eu sei que sou. Pode dizer que eu não presto. Eu também sei que não presto. Eu sei que me chamam para aqueles trabalhos da pesada. Sabe que... botou o negócio da pesada é comigo... Sei isso tudo. O caso com ela é meu, pessoal, e de outros. Vou dizer uma coisa. Eu não tenho teto, é verdade. Não tenho casa, vivo vagando. Sou aquilo a que chamam de alma penada. Sabe o que é uma alma penada, de cemitério? Aqueles que vão fazer serviço no cemitério me chamam, sabe? E serviço de cemitério, pode perguntar a qualquer um é serviço brabo. Tem que ser gente que tenha peito pr'a fazer. Eu vou e faço. Eu sei. O negócio está ruim? Chama fulana... E eu vou. Sei tudo isso, reconheço. Vivo vagando...

ainda preciso de uma porção de coisas (materiais) que vocês precisam aí... Um dia desses me disseram aí num lugar que eu fui, sabe? Foi por causa da “zinha” lá... Eu fui. Disseram: “Ah! porque a irmã precisa largar essas coisas, precisa seguir o seu caminho...” Estou sabendo de tudo isso, mas não vou largar nada; não vou seguir caminho nenhum, porque não estou numa boa... Estou sofrendo... Reconheço que estou sofrendo. Mas quem me deve também está e vai ficar muito pior. Mas vai ficar muito pior *mesmo*.

— Aliás, a não ser a encenação inicial, você tem sido muito franca.

— É, porque se desse pr’a passar assim, por uma sofredora... Eu quis dar uma de sofredora, porque aí você vinha com aquela palavrinha: “Minha irmã...” Eu acabava indo embora e não mexiam no meu caso.

Fala, a seguir, do seu próprio abandono. Após o que chama de a “triste realidade” da morte, sentiu-se sozinha, sem amigos ou parentes, mas o assunto lhe é extremamente penoso e ela própria se interrompe para dizer:

— Ih! Olha, não mexe com isso; mas não mexe porque o negócio vai ferver aqui, se mexer. É melhor tirar o caldeirão do fogo... Eu vivo atualmente para ver essa criatura numa pior. Quando ela estiver numa pior; quando eu achar que chega; aí vou cuidar da minha vida. Mas por enquanto, não vou. Não tem Santo Antônio que vai me tirar, não.

Quanto ao Cristo, diz que, claro, o conhece. Já foi até “Filha de Maria”, fiel cumpridora de todos os seus deveres religiosos, com fitinha azul ao pescoço e tudo o mais.

Essa era, pois, a sua posição e, como vimos, estava irreduzível e, dentro da sua lógica particular, coberta de razões. De forma alguma estava preparada para aceitar o argumento de que assim como o sofrimento que impunha à sua vítima de hoje estava autorizado, por assim dizer, pelos erros que esta praticara contra ela, o que ela sofreu no passado também resultava de uma ficha cármica igualmente culposa. Não podia concordar também que voltaria a sofrer no futuro as consequências de seu gesto de hoje, porque estava apenas cobrando o que lhe deviam, nada mais... Não podia ser condenada por estar apenas batendo à porta da outra com uma conta nas mãos. Perdão? Impensável! De forma alguma!

Quando o doutrinador começa a tatear no terreno pessoal de sua vida, ela se defende vigorosamente, repelindo qualquer tentativa de aproximação. Diz mesmo que todos no passado que a chamaram de “minha querida” foi só para tirar alguma coisa dela. E ela não tinha mais nada para dar.

— O que você quer tirar de mim? Não tenho mais nada.

— Gostaria de tirar o seu ódio, se é que você pode me dar alguma coisa.

A observação parece causar algum efeito no seu espírito, pois se faz um breve silêncio. Pouco depois, a história começa lentamente a desdobrar-se. Ela fala como se estivesse a pensar alto:

— A bela senhora... A Dama da Noite... Ela também me chamava de “minha querida”...

A vingança que exerce agora vem de longe porque a pessoa a quem ela chama de a “Dama da Noite”, ao desencarnar, caiu em poder da turba a que havia prejudicado. Estavam todos juntos nas furnas do ódio, no mesmo lugar, mas movimentaram-se “os santinhos dela e tiraram ela de lá, mas não a tiraram de mim, e onde ela for eu vou buscar, porque não adianta botar máscara na cara, não, porque eu a *conheço!*”

— Estás compreendendo? Não adianta fazer rodinhas, trabalhinhos, nada! São todos uns bobocas, uns idiotas... Não sabem nem o que estão fazendo.

A sua história é realmente trágica e só a muito custo e com muitas paciência conseguimos chegar a ela. Passou-se na Toscana. Ela era uma jovem de origem modesta, quinze anos, muito bonita e como toda moça sonhadora e um tantinho vaidosa e ambiciosa, desejava um casamento de sucesso com um homem bem aquinhoado pela fortuna e, quem sabe, pela beleza física. Foi sutilmente atraída para uma festa na residência da bela e rica senhora, a Dama da Noite. Esta emprestou-lhe um longo vestido formal e ela foi. Reunia-se ali uma sociedade sofisticada e corrupta. Ela era uma moça pura. Ouçamos a sua narrativa em suas próprias, palavras.

— Fui iludida, fui enganada. Eu era uma pessoa modesta e ela era casada com um homem rico. Quis me levar para a vida social, porque eu era muito bonita, para ter uma oportunidade... Fui porque *era* uma idiota. Só tinha quinze anos!

— Sim, você era um tanto ingênua, mas também teve suas ambições, não é, minha querida?

— Mas claro, que mulher não tem? Quem não gosta de uma joia bonita para adornar o colo? Um diadema? Quem não gosta? Ela deu, sim, as joias, mas não disse que era para aquilo. Minha mãe? Ela não soube. Quando ficou sabendo, a podridão já estava feita.

— E você continuou morando com sua mãe e seu pai?

— Não, não continuei. Ih! mas que coisa!

— Estou procurando entender, minha querida, tenha paciência...

— Eu não sabia que ela tinha feito da casa dela um bordel. Eu não sabia nem o que era um bordel!

O doutrinador estava com a impressão de que ela também contribuía, aceitando a situação, ainda que de início, um tanto ingênua. Verificando seu engano, pediu desculpas com toda convicção e sinceridade. Enganara-se mesmo. Fora tudo uma trama sórdida armada contra uma menina um tantinho sonhadora e ambiciosa, mas limpa e honesta.

É também mais que evidente a sinceridade dela em proclamar que não quis nada daquilo, que não desejava aquela situação, que foi realmente iludida.

— Sabe o que ela fez? Não foi só comigo, não. Ela levava a gente para a casa dela... É claro que fui iludida. Ela queria me apresentar à sociedade, porque o marido dela conhecia homens importantes e eu podia arranjar um casamento importante; até um nobre. Mas isso é normal; é claro que era do meu interesse! Eu era uma menina de quinze anos, jovem, ingênua. *Hoje eu sei que era ingênua, justamente porque hoje não sou ingênua.* Hoje eu não presto. Eu sei.

Faz uma pausa enquanto debatemos suas motivações, ela ainda pensando que o doutrinador está tentando colocar sua vítima num altar e condená-la como aventureira, o que não é verdade, embora o doutrinador reconheça honestamente que se enganou ao julgá-la ambiciosa demais.

— Mas, espera aí, então deixa eu te contar. A sua boazinha... ela me levou para a casa dela. Eu não fui para lá dormir com homem, não. Não fui pr'a isso. Fui porque ela ia dar uma festa. Ela me emprestou um vestido bonito. Claro que eu queria um vestido bonito. Que moça não quereria? Fui, toda feliz. Só que ela me embriagou, me deu uma dose... sei lá. E no outro dia é que eu fui ver o que tinha acontecido. Eu nem tinha entendido o que tinha acontecido. E aqui, o que ela fez? “Se você sair daqui, eu conto aos seus pais”. E então fiquei com medo. Aí fiquei lá a vida inteira. Me transformei num lixo. Eu era mercadoria que ela vendia a quem quisesse; a quem pagasse mais. Foi. E no dia que chegou uma criatura — muitos anos depois — que gostou de mim mesmo, e quis me tirar de lá porque era um homem bom... Aí... ela viu que ele era tão bom que quis ficar com ele para ela. Era um homem rico. Aí é que deu o bafafá todo... Aquela confusão toda... Ela acabou com tudo e ficou bem, porque se livrou do marido, e ficou mais rica ainda... Tudo isso. E a gente ficou na pior. Tinha outras moças também... Não foi só isso, não. Olha, tenho muitas mágoas. Esse homem que gostou de mim... Não sei nem se devo dizer isso... Gostou de mim, gostei dele... Eu tive um filho com ele. E ela o tomou de mim, porque eu não podia ficar lá, sendo



uma mercadoria, com um filho. Era um menino... E o senhor quer que eu perdoe a sua santa; ponha uma coroinha na cabeça dela? Dá a coroinha a ela, se quiser. Põe ela num altar.

— Não, minha querida. Então não estou me fazendo entender bem com você. Escuta. Não estou justificando ou defendendo o comportamento dela. Você reconhece perfeitamente que ela está sofrendo porque merece.

— *Eu* não acho que ela está sofrendo, não. *Vocês aí* é que acham. Merece ter o que está tendo e devia ter muito mais.

— Porque ela errou, não é? Porque cometeu todos esses crimes, que você está aí mencionando.

Mas ela obstina-se em evitar o reconhecimento desse aspecto que a levaria a um beco sem saída — ou seja, a inquestionável verdade de que, quando ela sofreu aqueles horrores, também estava em falta perante a lei. Isso lhe tiraria subitamente aquilo que julgava ser seu direito inalienável à vingança, razão de ser da sua própria vida, segundo entendia.

— Eu perdi uma vida inteira.. . Não perdi uma só, não; perdi muitas vidas. Porque ali, se não tivesse... Modificou todo o meu destino; tenho vivido sofrendo. Eu conheci o inferno; um inferno em vida. Conheço. Eu sei o que é o inferno,

— Acredito na pureza dos seus sonhos quando você era uma menina de quinze anos. Eu estava fazendo uma ideia diferente. Achei que você tinha suas ambições.

— É muito fácil fazer um juízo...

— É. Desculpe. Vejo que foi realmente uma situação muito aflitiva e que você não teria escolhido aquilo espontaneamente. Você foi induzida, foi levada, foi arrastada. E foi uma vida muito sofrida, muito agoniada, cheia de angústias e decepções.

— Você queria uma vida dessas para uma filha?

— Não, minha querida, claro que não.

— Meu pai me renegou. Depois eu não podia nem usar o nome da família. Eles eram pobres, mas eram honestos. E naquela Toscana, você, para ser uma mulher dessas, não era fácil, não. Era um resto, um lixo!

— É, você tem muito o que contar, e quando fala em sofrimento vê-se que realmente você entende disso.

— Entendo. No dia em que eu estava velha e não servia mais, então fui jogada na rua e não tinha nem para onde ir. Não tinha família, não tinha nada!

Novo apelo do doutrinador ao único argumento válido em tais casos — o da sua culpa anterior, mas ela simplesmente obstina-se em dizer que isso não interessa — o que interessa é o que ela passou.

— Mesmo que eu devesse, ela não tinha o direito. Vocês vivem pregando aí que quem cobra é Deus... Não é Deus que tem de cobrar? Então, ela não tinha o direito de fazer aquilo comigo. É o que falam pr'a mim. Estou raciocinando como vocês raciocinam. Se é assim, então ela não tinha o direito, mesmo que eu devesse. Mas ela fez. E então, agora, eu me dou o direito de cobrar. Se tenho ou não direito de cobrar, não interessa. Eu estou me dando... esse direito. Enquanto eu puder fazer, enquanto puder respirar, não solto, não. Não tem cristão que me faça...

Embora não tenha havido uma vingança na existência vivida na Toscana, pois a outra levou-a a uma situação abjeta, é claro que a nossa querida irmã estava ali resgatando um erro anterior, segundo as leis justas de Deus. A esse raciocínio ela responde prontamente:

— Então Deus é muito ruim, porque pra me jogar naquela vida... Então vou dizer pro senhor; é melhor não ter Deus.

— Filha, e você acha também que Deus é ruim porque não protege de você a nossa irmã? Nesse caso ele deveria protegê-la, não é?

O argumento parece impressioná-la, mas ela ainda escapa:

— Mas ela me deve, e eu não devia a ela.

— Sabe lá? Você devia a alguém, você devia à lei divina. Talvez não a ela, especificamente. Não há sofrimento inocente, minha querida. Ninguém sofre sem dever. Você já cobrou alguma coisa de alguém que não te deve nada? Ela deve e está pagando e quando você pagou você não devia? Então a lei só funciona para os outros?

Ela faz uma pausa e comenta:

— É, seu padre... Eu sou cínica mesmo. Não espere nada de bom de mim; não tenho nada de bom dentro de mim...

O debate ainda prossegue, mesmo após a prece, mas o doutrinador começa o trabalho de indução magnética que foi longo e difícil pela tenaz resistência que ela opõe. Por fim, cede, apoiando a cabeça sobre a mesa... Asseguramos que ela será tratada com todo respeito e carinho e que procure confiar em nós. Começa a regressão no tempo. Quando parece ter alcançado uma interseção de tempo/espaço, o doutrinador faz a primeira pergunta:

— Onde você está?

— Estou na minha casa.

— Onde é isso?

— No palácio. É uma vila, quase um palácio.

É casada, muito rica, poderosa, vive com o marido e filhos. Quanto à exata localização ela parece ainda algo incerta, mas acaba dizendo que é no Palatino. O marido é um cônsul. Condicionado ao significado moderno da palavra, o doutrinador imagina-o um membro do corpo diplomático de um país qualquer que vive ali na Itália, mas não é nada disso. Só depois lhe ocorre que se trata de um Cônsul no antigo contexto do Império Romano, onde eram assim chamados certos governantes de alto nível.

— O que aconteceu aí que chamou sua atenção? Como é que foi essa vida? Você disse que está em casa... O que está vendo aí?

— Meus filhos. São dois. Dois mancebos. Muito belos. Estou aqui porque hoje vamos dar uma festa. Os meus filhos estão para entrar na puberdade. Então, vamos dar uma festa. Os escravos esperam os vinhos e as frutas. Alguém ainda não chegou do mercado com as frutas.

— Você convidou muita gente?

— Sim.

— Seu marido tem amigos importantes. Quem ele convidou que é mais importante?

— Todos os seus amigos. Vem um Senador e a esposa. Sei os nomes, mas não consigo dizer. Não sei porque.

— Não importa. Continue...

— Os meus filhos... eles precisam ser iniciados na vida de homens, mas eu não quero que eles procurem essas mulheres...

— Aventureiras?

— É.

— Como é que você fez, então?

— Temos muitas escravas jovens. Tem uma estrangeira... Não sei... meu marido comprou-a. Ela veio... não sei de onde, uma terra distante. Capadócia? É uma terra?

— É. Capadócia. Continue.

— Ela é muito bela. Era filha de família importante lá.

— Gente importante lá... E como é que ela se tornou escrava e foi comprada pelo seu marido?

— Guerras... conquistas...

— Seria uma princesa lá, talvez.

— Acho que sim. Meu marido não me conta os detalhes. Eu vou separá-la para servir aos meus filhos. Ela e mais outra. São duas irmãs. São lindas! Serão concubinas de meus filhos.

— Mas precisa uma festa para isso?

— Não. A festa é outra coisa. É para comemorar a entrada deles na vida. Isto (a iniciação) será depois. A festa foi muito bela. Muitos vinhos. O senador veio e toda a sua comitiva, seus familiares... Liteiras de luxo! Belos escravos... Então, eu ofereci essas jovens aos meus filhos e elas não queriam, elas choraram...

— Mas eram escravas, não é? Tinham de obedecer.

— Sim. Eu disse que era uma honra para elas. Uma delas tirou um belo punhal que meu filho ganhara, o mais velho. Foi um presente que o Senador trouxe. Tem (note-se o presente) o cabo cravejado de pedras. E ela matou-se. Foi uma coisa tão desagradável!

— Isso na festa?

— Sim. Depois que os homens bebem, eles se retiram para o triclínio e aí levam as mulheres, e esta serva que devia estar feliz por servir, matou-se.

— A festa, então, acabou?

— Não. Que é uma escrava que se mata?

— E então? Você mandou tirar o cadáver dali e a festa prosseguiu?

— Sim. Tão desagradável... Eu vou escolher outra amanhã.

— E a irmã?

— A irmã submeteu-se.

— E ela continuou com seu filho?

— Sim.

— E ela se casou com ele?

Profundamente chocada ela responde, algo indignada:

— Não! Uma escrava... Que horror! Como pode falar assim?

— E o que aconteceu com ela?

— Com ela?

Parece que nunca ocorreu-lhe pensar nisso e ela repete a pergunta a si mesma:

— Que aconteceu com ela, hein? Creio que nós a vendemos depois.

— E nunca mais teve notícias dela?

— Não. Que é uma escrava? Que perguntas! De que casa o senhor é que não entende dessas coisas?

— Realmente não sei dos costumes daí. Você tem de explicá-los. Então,

você acha que ela foi vendida e desapareceu?

— Sim. Escravos a gente troca de vez em quando. São tantos os escravos...

— Sei. E esse seu filho, seus filhos, aliás, foram muito felizes mais tarde? Casaram-se?

— Foram.

— Você também foi feliz e viveu muito tempo?

— Vivi. Como é que eu morri?

— Muito velha, já?

— Estava. Tinha meus netos. Filhos de meus filhos. *Sou* feliz, muito feliz. *Somos* felizes, *somos* ricos, *não tenho* cuidados.

— Não tem preocupações. É claro. E ao morrer, deixando o corpo, você foi para o mundo espiritual, não é?

Estranha pergunta essa.

— Mundo espiritual? pergunta ela admirada.

— Para a região dos mortos...

— Fui para os deuses. Devo ter ido para os deuses. Não sei. Eu não morri — estou viva aqui.

— Isso é verdade. Como é que você se chamava, minha filha?

— Eu? Flávia.

O doutrinador deseja agora trazê-la de volta à existência na Toscana, em que ela foi para a casa da Dama da Noite, mas pede-lhe que conserve na sua lembrança todo o episódio vivido na Roma antiga, a fim de confrontar as duas existências simétricas de ação e reação. Ela parece não entender, de início, mas é certo que seu espírito sabe do que se trata. “Que devo entender?” pergunta ela. Logo, porém, começa a crise de identidade e de localização no espaço/tempo.

— Onde estou? (Pausa) Francesca... Francesca.

— Quem é Francesca?

— Eu. Francesca Rinaldi.

— E a senhora?

— Que senhora?

— A que levou você para a casa.

— Senhora? Conheço. Ela mora ali naquele palácio.

— Sim, mas você a conheceu lá no passado, no Palatino?

— Não sei.

— Não sabe? Não te lembra ninguém?

— Não sei. Não conheço. Não é nenhum de meus amigos.

— Você está bem lembrada daquela existência em que você tinha dois filhos, que você obrigou as escravas e que uma se matou, não está?

— Sim.

— E essa outra vida na Toscana não te sugere nada? Não te explica?

— Quem é esta senhora? Ora, como eu vou saber? Não posso saber... Porque não se lembra de uma escrava. Nem me lembro como é que ela era!

— Mas, minha filha, o espírito é sempre o mesmo. Você não é a mesma? Não se lembra como era lá?

— Sim, mas eu não me lembro como eram as escravas. Eram tantas! Como vou lembrar? Eu quero voltar para lá. Quero meus filhos. Fui tão feliz! Me leva de volta...

— Escuta, Flávia. Presta atenção. Você foi feliz, seus filhos eram felizes, você foi rica, poderosa, mas e aquelas moças? Uma se matou; a outra você nem sabe o que aconteceu com ela.

— Mas eram escravas!

— Mas não eram seres humanos?

— Escravos você compra. Vencidos não são gente.

— Sim, minha filha, mas se a questão é nobreza, você mesma disse que elas eram nobres também. Não eram seres humanos, com dores, com sofrimentos, com esperanças? Você não acha que elas tinham direito a um casamento feliz e normal?

— Eram escravas...

— Você também foi uma escrava... Na Toscana.

— Eu? Eu?! Ela se vingou de mim, então... Então é isso! Uma relés escravinha... Maldita! Então é isso! Ela não tinha o direito!

— Você tem?

— Ela era uma escrava. Você *compra* uma escrava. O que está errado? Meu Deus, esses homens criam as leis e a gente vive de acordo com as leis e está errada?

— Não sei. Você é que sabe. Não compete a mim julgar. É a você. A decisão é sua, minha filha.

— Me tira daqui... Que quer que eu faça?

— Quero que você pense nessas coisas todas. Eu sei que é difícil tomar uma decisão assim súbita, e que vai mudar tanto a sua vida, mas você tem no mundo espiritual, minha querida, seres que a amam e esperam por você, que a aguardam...

— Meu marido era tão bom!

— Você o amou e ele também gostou de você. Sei que os costumes da época eram muito cruéis, mas isso não justifica, minha querida, as coisas que você fez. É preciso que alguém comece a perdoar, a esquecer, a começar uma vida nova.

— Porque ela não perdoou?

— Você também não está perdendo! Porque você não perdoa, então?

— Mas ela me fez horrores! Eu dei-lhe o teto, dei-lhe roupas, dei-lhe tudo.

— Sim, minha filha, ela também deu teto, roupas, joias, tudo para você. A mesma coisa, tudo igualzinho. Se é assim então, ela não tem culpa nenhuma com você; mas não é assim, minha querida. As leis de Deus foram desobedecidas.

— Ah! que confusão... Então viver é isso? Viver é essa confusão?

— Não. Viver não é isso. Você é que faz da sua vida essa confusão, Você diz que não quer sair de lá de jeito nenhum. Vai continuar tudo assim, portanto. Você é livre de fazer. Continue a fazer, se quiser. Não sei se te convém.

— É como se eu estivesse numa neblina. Não vejo nada direito.

— Claro! Você não quer ver, não é, minha filha? O que você resolve, então? Quer ficar um pouco conosco para pensar isso tudo, antes de tomar qualquer decisão?

— Eu agora fui pensar naqueles meninos.

— Pois é. Onde é que eles estão? Quem são eles? Onde andam? Isso tem muito tempo, não é? Quem era o Imperador naquela época?

— Imperador? Ora... Meu Deus, porque não me lembro?

— Não tem importância. É mera curiosidade, apenas para ajudar a você localizar-se mais no tempo, mas deve ter sido ainda no tempo dos Césares, porque você falou...

— Sim. César! Acho que era. Dio... dio... Diocleciano!<sup>1</sup>

— Esse Imperador perseguiu muitos os cristãos. Foi uma época de muitas crueldades. A crueldade era considerada quase normal, mas ninguém está justificado porque errou, numa época em que era comum errar... Está de acordo? Quer, então, ficar conosco, filha?

— É. Eu agora fiquei pensando nessas coisas. Queria meus filhos... Meus filhos, meu marido...

— Como se chamavam eles?

— Décius e Cássius.

— Bonitos nomes!

— Quero meus filhos. Quero meus filhos! (Chora).

— Mas se você quer ir ao encontro de seus filhos tem de deixar essa tarefa ingrata que não te ajuda em nada, minha querida. Que nada constrói para você. Está entendendo?

— Quero minha família!

Desata, afinal, a emoção:

— Oh, meu Deus! Estou tão sozinha! Oh, meu Deus... Eu tenho dois filhos lindos... (Chora desesperada). Isso é que é vida? Meu Deus, é vida isso?

— Não, minha filha. Isso é o que a gente faz da vida. A vida não precisa ser assim, não tem de ser assim.

— A gente é um brinquedo nas mãos do destino. Eu não queria essa vida. Como é que eu vim parar aqui? Meus filhos, meus amigos... Meu Deus! O que eu vim fazer aqui? E agora, de repente, que aflição, meu Deus! Ai... onde é que estou, meu Deus? Isso é um pesadelo...

— Não. É uma realidade, mas vai passar essa agonia. Você vai reajustar-se e poderá encontrar-se com seus amores. Deixa essa luta inglória que nada constrói para você.

— Tenho medo. De repente me deu um medo! Um susto! Estou perdida... Não sei onde estou. Como é que vim parar aqui sozinha?

Recomendamos-lhe que siga com os nossos companheiros, a fim de repousar e meditar antes de uma decisão. Assim ela é retirada.

P.S.

A “Dama da Noite” reencarnada tinha outros desafetos espirituais, alguns dos quais foram trazidos ao nosso Grupo. Conseguiu reequilibrar-se, graças a Deus. Ficaram alguns problemas residuais um tanto sérios no contexto familiar, mas tanto quanto possível, as coisas melhoraram.

NOTA:

DEOCLECIANO (245-313) Imperador romano de 284 a 305.

No volume CAESAR AND CHRIST, da sua respeitável HISTÓRIA, Will Durant resume numa de suas frases elegantes a tarefa de Deocleciano como Imperador: “Augusto criou o Império, Aureliano salvou-o,



Deocleciano reorganizou-o”.

É ainda Durant que o considera “homem de gênio, menos competente na arte bélica do que como estadista”. Decidido a fortalecer o sistema, deu intenso combate ao cristianismo, promovendo simultaneamente o culto de si mesmo, como encarnação do próprio Júpiter. Maximiano, seu parceiro no poder, aceitou modestamente ser “apenas” Hércules.

Foi uma época de luxo e absolutismo. A população foi transformada numa sociedade, de castas, no dizer de Durant “com os camponeses analfabetos numa extremidade e a monarquia absoluta na outra”.

Foi esse o período extravagante em que viveu nossa querida irmã. Naquele tempo escravos não eram mesmo considerados gente e tudo era permitido aos donos do mundo.

Diocleciano vestia-se com mantos de seda bordados a ouro, suas sandálias eram decoradas com pedras preciosas, usava um diadema de pérolas e para chegar-se até ele, na intimidade do palácio, era preciso atravessar um círculo fechado de eunucos cerimoniais e camareiros titulados. E ao chegar, quem lá chegasse, precisava ajoelhar-se e beijar a fímbria de sua túnica.

## REENCONTRO COM HANS

*Já há* algumas semanas trabalhávamos em nosso grupo mediúnico junto aos integrantes de uma comunidade ou instituição espiritual devotada a tarefas desagregadoras na seara cristã em geral e não especificamente espírita, como tantas outras de que cuidamos. O objetivo desses companheiros desarvorados, mas extremamente inteligentes e cultos, era o de minar as estruturas religiosas terrenas. A aversão de seus líderes era pelo problema religioso como um todo, pois vinham, segundo descobrimos mais tarde, do desencanto em relação às diversas igrejas e escolas de pensamento filosófico-religioso de que haviam participado. Ou, para dizer a coisa de outra maneira — o desencanto consigo mesmos transferira-se, por acomodação, às diversas seitas religiosas a que se haviam filiado no passado, em várias de suas existências. Para alcançar o objetivo desagregador a que visavam, infiltravam-se nas diversas agremiações terrenas e procuravam afastar, desviar ou transviar elementos mais promissores que para aqui vieram com tarefas específicas a cumprir em cada uma das correntes de pensamento religioso ora existentes.

Não tivemos, a princípio, oportunidade de dialogar com os seus líderes, que preferiam enviar-nos representantes menos categorizados na hierarquia local e até mesmo pessoas desinformadas acerca dos objetivos finais, meros “habitantes” da instituição, recolhidos nos inúmeros desvãos das vastas e soturnas regiões purgatoriais ou umbralinas.

Por fim, começaram a comparecer figuras de maior relevo. Já a essa altura sabíamos que a estranha instituição era composta de grupos distintos unidos por um traço comum — o desencanto em relação às estruturas e à dinâmica das seitas religiosas a que haviam pertencido enquanto na carne. Dentro de limitada autonomia, cada grupo conservava suas práticas e um arremedo de pensamento doutrinário. Por exemplo, grupos integrados pelos que foram católicos, quanto aos seus rituais e sacramentos. Da mesma forma, os protestantes continuavam a ler, estudar e pregar os textos bíblicos a que se acostumaram e assim por diante, ignorando deliberadamente o fato óbvio por si mesmo de que a própria realidade que estavam ali vivendo desmentia inapelavelmente tudo quanto haviam crido, pregado e praticado aqui na terra.

Nada havia ali que se parecesse com o céu ou o inferno dos católicos; quando muito um purgatório, imerecido, aliás, e inexplicável, pois haviam cumprido tão fielmente quanto lhes parecera, os mandamentos de Deus e da Igreja. Os protestantes, sem a crença no purgatório, ainda menos poderiam aceitar a situação ali prevalecente, mesmo porque exauriram-se de tanto pregar que a fé salva sozinha, sem mais nada. Continuavam, como ficou dito, a estudar os textos bíblicos com a mesma diligência e assiduidade de sempre, inteiramente despreparados, contudo, para estabelecer a conexão entre os ensinamentos contidos nos capítulos e versículos e a vivência evangélica. Quanto aos positivistas — que também os havia ali — a realidade póstuma era ainda mais chocante, pois, a despeito das inteligentes teorizações de sua doutrina sem Deus e sem alma, ali estavam inapelavelmente como espíritos sobreviventes, depois de crerem e pregarem a vida toda que após a morte do corpo físico só resta do ser humano a lembrança do que ele foi e realizou. Também participativa da comunidade um grupo teosofista, não menos desiludido ante uma contundente realidade que, se confirmava seus postulados sob certos aspectos, sob outros desmentiam-nos obviamente.

Numa daquelas noites de trabalho abençoado, recebemos a visita de um líder da corrente protestante. Era uma grande presença — firme, dinâmico, inteligente, culto, seguro de si e de seus postulados — ou pelo menos assim fazia crer. Como nos demais companheiros seus, antes e depois dele, não sentíamos em seu coração nenhum ódio ou rancor em relação a nós. É certo que os desagradávamos com a interferência em seus afazeres, pois é evidente que os estávamos perturbando. Mas parecia convicto de sua filosofia de trabalho, como aliás, nos confessaria mais tarde. Falava bem e com forte sotaque alemão. O Cristo, lembrava ele, nos disse certa vez; “Vós sois deuses”. Portanto, era preciso assumirmos a consciência dessa divindade, e seguir em frente, no exercício pleno e total de nosso direito à liberdade, em lugar de ficarmos presos a sentimentos de culpa, perdendo tempo com resgastes, acomodações, aceitações cármicas e outras tolices.

Sem dúvida, sua palavra deveria ser altamente convincente no meio em que vivia e pregava. Não demonstrava nenhuma hesitação, tinha respostas e argumentos para qualquer objeção ou comentário desfavorável do nosso doutrinador.

Terminado o primeiro debate, despediu-se educadamente e partiu, recomendando-nos que pensássemos seriamente no que nos havia dito.

Voltou na semana seguinte e quis logo saber das nossas conclusões e

principalmente se havíamos decidido deixá-los em paz com suas atividades. Infelizmente para ele, nossa posição modestíssima, continuava sendo a mesma.

Após algum tempo de diálogo veemente, mas educado e dosado em mútuo respeito, foi submetido ao procedimento da regressão da memória, durante a qual se viu numa existência anterior como eminente figura em Weimar, na Alemanha e que, como participante do Concílio de Constância, trabalhou e votou pela condenação de João Huss. Não era aquela sua primeira experiência como dispensador da tortura e da morte por questões religiosas. Já mandara matar gente que pensava de maneira diversa da dele nesse campo. Por isso, numa existência — que também rememorou para nós — vivera a trágica experiência de um cátaro, e fora igualmente queimado vivo como herege, tal como fizera a tantos outros no passado.

Tais revelações, que estavam firmemente bloqueadas no seu inconsciente., causaram-lhe considerável impacto: o suficiente para levá-lo a uma reavaliação de todo o seu procedimento, mesmo porque aquilo que ele acabara de contar-nos em nada conferia com a ideia que ele próprio formulava da sua “grandeza” espiritual, quase divina.

Era, contudo, um nobre, honesto e digno companheiro. Contemplou as mãos um tanto perplexo e falou consigo mesmo: “Então, eu também matei e queimei gente!...”

Voltou na semana seguinte e é na conversa que tivemos nessa noite que nos demoraremos mais, pois há nela preciosos ensinamentos, partidos de um espírito que, a despeito de muitos e graves desenganos, revelou indiscutível lucidez na sua crítica inteligente e objetiva aos diversos movimentos religiosos, inclusive o espírita.

Estava, contudo, bastante modificado, o que percebemos logo pelas suas primeiras palavras, mas principalmente pela emoção que quase o sufocava, obrigando-o a falar aos arrancos, como se desencravasse palavra por palavra do fundo do ser.

Saudamo-lo, como de hábito, com respeito e afeto, agradecendo sua presença entre nós.

Depois de longa pausa, e a custo, ele começa a falar:

— Eu não queria estar aqui, principalmente porque... (hesita)... não queria estar diante de tal interlocutor.

— Por que? Alguma dúvida que você tenha comigo?

— Ora, por que! Porque as almas também tem direito a um recato e

porque somos chamados, às vezes, para mostrar nossas chagas...

É patente sua emoção na palavra entrecortada, nas hesitações, na agonia que tudo nele testemunha. Descobriu ou resolveu admitir que em outros tempos, há cerca de quatro séculos e meio, conheceu pessoalmente o doutrinador de hoje nas lutas pela implantação da Reforma Protestante, liderados todos pela figura ímpar de Lutero. Seu sentimento não é, contudo, de revolta e nem mesmo de frustração — é de decepção consigo mesmo. E por isso o doutrinador tem um gesto e uma palavra de carinho, também emocionados, pois são sempre impactantes esses inesperados reencontros:

— Não, meu querido. Não se preocupe com isso. Você está entre amigos.

— Eu tenho chagas — insiste ele com dificuldade.

— Todos nós as temos... Você sabe das nossas.

— É bem verdade — prossegue ele, mas a voz lhe falta.

— Esteja calmo — retruca o doutrinador. Compreendemos a sua emoção.

— ... que quando nos propomos a fazer um serviço qualquer — retoma ele — um trabalho, é porque temos convicção, porque temos um objetivo. (Pronuncia *opjetifo*, à maneira alemã).

— ... Um ideal... Eu entendo isso tudo. Você está sendo muito nobre. Foi muito bom para nós que viesse com essa palavra..

— Eu não sei se é bom, ou se não é bom. Por que a gente tem que trilhar um caminho em vez de outro caminho? Por quê? Todos somos criaturas que queremos buscar? Queremos uma solução, queremos uma resposta... E eu não estou aqui dizendo que não tenho minhas faltas. Tenho minhas culpas e claro que tenho buscado coisas que me colocassem... bem. numa posição...

Eu tenho buscado... Sempre que estive trabalhando dentro de uma religião eu *estava* sincero lá... Eu queria... mas quando a gente encontra com a intolerância, encontra com pessoas que também... Não estou me justificando...

Faz uma pausa, engasgado pelas emoções e com o sotaque germânico cada vez mais carregado: a pronúncia é *xente*, em vez de gente, *posiçón*, religion, xustificando... O doutrinador aproveita para uma palavra de encorajamento:

— Sim, meu irmão. Fale tudo quando você quiser. Não se preocupe.

— Eu, então, *fica* como que uma bola de neve. . . (*Un ból de néfe*, diz ele).

Você tem uma atitude e o outro é mais intolerante. Então você tem que ser mais intolerante para poder acabar com a intolerância do outro. O senhor vai dizer que estamos num mundo confuso. Estamos, sim, em um mundo muito confuso, um mundo em que ninguém se entende, um mundo em que cada um procura... Bem, então, o senhor vai dizer: “Mas aí você está ajudando a fazer mais confusão lá dentro”. Eu até admito que estava ajudando a botar mais confusão lá dentro. Mas eu tinha um motivo. Eu acreditava sinceramente, como o meu amigo que veio aqui, que... bem... nós acreditávamos que... bem... para que você não tenha que enfrentar nenhuma intolerância (ou seja, combater a intolerância) você tem que ser livre. Você tem que se libertar. Sim, porque eu não acho que Deus *quer* que ninguém seja amarrado, porque Deus não amarra ninguém. Então... em militei lá naquela Reforma<sup>1</sup>, eu ajudei, eu trabalhei, eu acreditei naquilo, eu também achava que tinha que *botar Evangelho pra povo*. Tinha que botar essa linguagem que povo entende. Tinha que todo mundo levar pra casa e fazer seu culto dentro de casa; todo mundo ler o Evangelho e saber o que o Cristo disse. Por que iríamos fazer aquilo? Para que nenhum homem ficasse dono da verdade! (Sua exaltação vai crescendo) Porque a Igreja Católica estava com aquela coisa na mão, que não soltava e só sabia aquilo quem ia para a Igreja. E tinha que fazer o que o padre dizia porque ninguém sabia. Então, eu achava... Quanto prelado que fazia sermão para dizer ao final do sermão o que ele queria que os fiéis *fazer* para ele. Por isso Igreja *ficar* corrompida, cheia de dinheiro... Era pra dizer que você *tem* que dar dízimo, que você tem que dar isso e tem que ajudar. Esmola pra isso, esmola... Eu participei, mas aquilo era muita intolerância. Quando *eu* estava do lado de cá (depois de desencarnado), então eu vi que... bem... se a Igreja Católica não *tinha verdade*... *A gente queria botar pra povo*. Isso foi uma coisa boa que a gente fez, mas...

— Foi uma coisa boa. Claro que foi. Olhe aqui, meu irmão. Estou gostando muito de que você esteja nos trazendo esse depoimento, mas esteja calmo. Somos velhos amigos e companheiros...

— Eu estou cheio de emoção. Foi isso. Eu estou assim... A gente era chamado protestante, porque protestava, a gente... Oh, mas é tudo... *O que adianta?* A gente *vai fazer* a mesma intolerância que a Igreja Católica fez!

—Mas escuta. A Igreja Católica tem, conhecimento do Evangelho do Cristo, como tivemos todos, no Protestantismo, como também tem os positivistas, aspectos muito bons, muito nobres nas suas ideias. Como tem os teosofistas, mas nada disso substitui, meu querido irmão... — e você hoje

sabe disso melhor do que ninguém — a vivência daquilo que o Cristo nos ensinou. Aquilo não é somente tema para sermões — é para *viver*. É muito grato ao nosso coração saber que você está pensando assim, com essas emoções todas que sacodem o seu espírito...

— O que vejo agora é que o tempo passou e eu fiquei parado no tempo só fazendo tolices. Porque também... vamos ser honestos, porque também até aquele protestantismo que a gente pregava, é tudo que também não é a mesma coisa. Pra que existe tanta seita? É que tudo ficou uma... uma bagunça...! Desculpe a palavra.

— É verdade, você tem razão.

— Uma bagunça...! E hoje não se sabe mais o que é palavra do Senhor e o que é palavra do homem.

— É certo, sim. Os nossos pregadores, os nossos oradores, escritores e teólogos teceram um emaranhado de confusão e de perplexidade em torno disso. Mas a palavra do Cristo está ali, viva. A tradução do Evangelho em linguagem popular foi um fator altamente positivo, foi um trabalho que ninguém pode nos tirar a alegria de tê-lo feito.

— Mas depois que você trabalha com uma coisa que você acha que é bom, que é puro... E depois você vê aquilo que virou... Então a gente fica num desencanto!... E eu vou dizer para o senhor: Não tenho nada contra o *seu religión*, mas eu conheço, sabe, eu vivi *no* Alemanha e vivi na França e sofri perseguição na França, porque era protestante (Huguenote) <sup>2</sup> e sei muita coisa. Então, vou dizer... O homem que começou essa religião de vocês (Espiritismo), se hoje ele *vem* aqui e ele vê o que se fez, ele também vai ter desencanto porque ele não criou... tem tanta seita, tanta seita como tem protestante...

— É verdade. Você tem razão.

— Então, que adianta trabalhar?

— Sim, meu caro, mas vamos com calma. Você sabe que o Cristo nos acompanha não é só desde que ele esteve na Galileia, mas de muito antes. Quando ele esteve lá e pregou a sua doutrina de amor, ela também foi desvirtuada. Em torno da doutrina dele é que há essa luta toda que prossegue até hoje e que você está mencionando aí, o que é verdadeiro. Mas ele não se desencantou conosco. A doutrina dele continua válida para todos. Você diz que o mundo está confuso para todos. Todos não. Aqueles que seguiram o Cristo e estão tentando segui-lo sabem onde estão, o que estão fazendo, e porque estão fazendo o que fazem. E mais: o que vão fazer. Você que tem

uma vivência tão grande do Evangelho, não se deixe arrastar pelo seu desencanto.

— Mas eu tenho o desencanto do homem. Eu estava fazendo um trabalho que eu achava que era bom. E agora, virou tudo... Que eu não sei mais...

— Não, meu caro. Você é um espírito com toda essa vivência e esse conhecimento da obra de Cristo... Pregamos a Bíblia muito ao pé da letra, estou de acordo com você. Tecemos em torno dela muito comentário inútil, criamos estruturas e teologias, religiões e igrejas, cultos desnecessários, pois nada disso é preciso. O Cristo ensinava que Deus era para ser adorado e amado nos campos, na vida, sem necessidade de estruturas de pedra. Tudo isso sabemos, mas conhecemos o Evangelho do Cristo. Sabemos que ele não está sendo vivido como deve. Não podemos cruzar os braços com o desencanto pela criatura humana. A criatura humana somos nós.

— É que nós também somos uma decepção para nós mesmos.

— Somos, claro. Se você estiver muito satisfeito consigo mesmo é porque as coisas não vão bem. É bom que você esteja insatisfeito com aquilo que faz.

— Estive essa semana toda pensando em tudo o que tem acontecido. E sabe o que eu achei nisso tudo, que é tão desencorajante, tão desencantador? É que a gente ficou tão metido ali, naquelas coisas, que esqueceu... Eu acho que esqueci que a gente devia *só amar*... Compreende? E quando hoje vejo que pessoas que se amaram tanto tempo *não foi tempo perdido!* São hoje companheiros um do outro. Então vejo que estou tão sozinho... porque isso eu não fiz...

— Não meu querido, por favor. Fomos um grupo de amigos muito unidos naquela época.

— Sabe, a gente só estava interessado em fazer uma coisa. Vamos ser honestos. Tem uma coisa que Luther (pronúncia alemã, correta) *fazer* que eu não achava certo. É que primeiro ele começou achando que pastores não podiam ter família. Como? Se o amor é coisa única que tem no universo!

— Sim, mas ele voltou atrás e corrigiu esse engano, não é? E você sabe muito bem que houve exageros naquele movimento nosso, mas esse trabalho que você citou há pouco, de colocar o Evangelho na mão do povo, a palavra do Cristo tal como ele falou...

— Não sei se foi uma coisa boa. Não sei, porque criou tanto fanatismo, criou tanta... tanta... eu *quer* dizer *um* palavra... tanta *esterilidade* na própria



religião. Quer dizer: palavra *tanto* que não se sentia mais a coisa (Verbalismo excessivo).

— Pois é, meu querido. Então você vê que os caminhos estão errados, mas a essência da pregação do Cristo, não.

— Vou lhe dizer. Tem muitas igrejas protestantes aí. Tem batistas... Há poucos dias mesmo eu estava visitando uma e vendo lá uma pessoa que sabia dizer tudo que era versículo e tudo, mas era incapaz de ter um gesto de paciência com alguém.

— É verdade.

— Então a gente pergunta: Afinal de contas, pra que tudo isso? E o homem... que destino mais terrível tem a criatura!

— Não, meu querido, por favor. Você sabe que depois de todo esse tempo, muita gente está em paz.

— Sabe, eu às vezes acho que daria tudo para estar num canto aí na terra e ter alguém que me *ama*, que eu não me *sentia* sozinho... E vejo tanta gente que tem pessoas que amam e que não sabem nem o valor que tem. Um dia vão ver o que é perder! E eu lhe digo: não perca! Ninguém... Eu não quero mais falar... Eu... eu sou uma ovelha negra. Sou uma ovelha que saiu do rebanho e foi...

— Meu caro amigo, você não saiu. Não podemos sair de Deus. E a palavra de Cristo está muito gravada em nós. Só nos falta ainda... a mim também, meu querido... Não pense você que estou aqui para te dar lições... Só temos que pegar aquela palavra e *vivê-la*. Isso que você está dizendo aí, é verdade, pregam todos os versículos e não estendem a mão ao irmão...

— Isso é o que *todo mundo* faz!

— Não. Não é todo mundo. Muita gente vai além. Você sabe que, acima de nós, aí no mundo espiritual, muitos estão já pacificados, redimidos.

— É, mas dentro *de Protestante*, eles não acreditam que tem unidade, que tem nada disso. É só a fé que salva!

— Mas você sabe que mesmo naquele tempo lá, alguns de nós — eu por exemplo — não concordávamos nisso com o nosso querido irmão maior (Lutero), mas respeitávamos o ponto de vista dele.

— Ele hoje não deve estar nada satisfeito com as tolices que ele também disse.

— É. Ele disse muita coisa assim, mas você sabe que era preciso um homem de muita coragem, naquela situação, você não acha? Para derrubar aquelas estruturas, para sacudir aquele marasmo? Erasmo disse que a época

precisava de um médico vigoroso...

— Sabe? Acho que o mundo é um deserto muito grande. Você chega e não adianta gritar. É como você estar numa arena com um touro tão selvagem e você não *tem* nada que te *defende*.

— Escuta, meu querido. O mundo tem o Cristo e onde está ele não está deserto, mesmo que não houvesse mais ninguém. Temos os nossos amigos espirituais que nos acompanham há muitos e muitos milênios; não é de agora, não é da Reforma. Realmente, o Protestantismo virou uma seita com fins estatísticos: quer mais gente, mais dinheiro, mais propriedade, como a Igreja Católica também. Estão interessados no poder material.

— O senhor vai desculpar que eu diga uma coisa. Mas espírita também está muito voltado... Cada dia quer mais, quer uma sede melhor, por mais isso, quer mais aquilo. É tudo a mesma coisa, é tudo igual! O homem não tem mais salvação...

— Ah, não. Então você não está acreditando nem em Deus... Então você, percebendo todos esses erros, acha que não há mais nada a fazer? Agora é que é preciso trabalhar. Você está começando a entender, como eu estou também, que não é só pregar a palavra, citar o versículo...

— Vou dizer uma coisa pro senhor. Conheço gente que é aí dessa religião que o senhor *é* (pertence), que já diz *que lugar que vai*. Eu já ouvi gente dizer: “Ah, *eu partir*, quando desencarnar, *eu vai* para Nosso Lar! Já *tem* cantinho lá... Eu vai pra Nosso Lar!” E outro diz que vai pr’a Casa de... (nome omitido, por óbvias razões). “Eu vai pra lá! Sabe por que? Porque eu jaz caridade. Dou tantos quilos para tantos pobres. Eu jaz campanha de inverno (inferno, é a pronúncia) que dá tantos cobertores”. E vai comprar o pior, o mais barato. Sabe para que? Para comprar mais. Pra comprar mais lugar lá. Então, em vez de comprar cinco cobertores, que é bom, compra dez... “Vou dar a dez pobres... Estão anotando tudo lá em cima...” Estou mesmo desencantado; é tudo assim. Quando voltar para o mundo, não quero ter religião nenhuma.

— Não, nisso não concordo com você.

— *Tenho visto mais gente perdida porque tem religião, do que salva porque tem religião.*

— Tem razão outra vez. Está certo. Mas isso não quer dizer que a gente não vá amar a Deus e praticar o Evangelho do Cristo. Para isso não precisa haver estrutura religiosa alguma. Você sabe, por exemplo, que não participo de nenhuma dessas cúpulas de poder por aí... E você acha que estou parado?

Estou procurando fazer alguma coisa. Claro que muitos acabam envolvidos em algumas organizações, porque há trabalho a realizar. Um movimento qualquer tem que ter uma certa estrutura. Agora, é preciso realmente, haver cuidado para não se tornar mais importante a estrutura do que a palavra do Cristo. Nisso estou de acordo com você. Mas isso não quer dizer que a gente vá cruzar os braços, não é? Porque o mundo está perdido e porque o homem não tem salvação. Somos espíritos imortais, destinados à paz. Temos salvação, sim. A salvação virá para nós, mas não gratuitamente. Temos que ir buscá-la, construí-la. Não se deixe abater dessa maneira, meu querido. Você tem tanto valor. Realizou tanta coisa...

— Eu não tenho valor nenhum. Vou dizer uma coisa. Essa gente que está aqui não é gente má, não. É gente fanática. Tem muita gente que... É que são todos uns miseráveis... É sim. (Fala de seus companheiros no mundo espiritual).

Nem sempre lhe ocorre a palavra adequada e por isso a expressão do seu pensamento, às vezes, sai um tanto deformada em vista da sua dificuldade com a língua em que se expressa através do médium.

— Sabe... vou dizer uma coisa para o senhor — prossegue ele. Tem muita gente aí *no* Terra, que está na religião católica, religião espírita, sabe que é? Político. E que, como fracassou, então, ele quer uma coisa em que ele pode ser o primeiro, pode ser importante, que ele pode falar que todo mundo vai escutar porque ele está ali na frente.

— É verdade também. A não ser naqueles reparos que fiz, acho que você está certo. Mas, em primeiro lugar, você está sendo muito rigoroso consigo mesmo.

— É porque eu também sou uma alma que está marcada, está perdida...

— Aí não concordo mais com você. Que nós temos marcas, sim, temos. O Cristo nos marcou a todos. Se um dia você se interessou pela palavra dele, você ficou marcado. E você trabalhou no movimento da Reforma. Se a Reforma saiu errada, se desviou-se, se fragmentou-se em centenas de seitas; se hoje está desvirtuada, isso são falhas dos homens que a dirigiram naquela época e que a dirigem hoje.

— Eu *vai* dizer uma coisa. Sabe que esta semana eu dei um teste pra mim mesmo? Por isso que eu vim aqui. Eu vi essas coisas todas e perguntei a mim: Será que, se eu quisesse ajudar uma pessoa, eu *podia'*? Então eu fui lá...

Isto realmente se passou durante a semana. Uma pessoa de nosso grupo, acometida de longa e pertinaz enfermidade incurável, tem crises mais ou

menos graves de tempos em tempos. Aquela semana fora particularmente difícil pelo estado de prostração, de quase desfalecimento. Subitamente, conforme nos disse a nossa irmã, ao telefone, começou a sentir-se melhor como que recuperada quase normal. Tão súbita quanto inexplicavelmente, a ponto de outras pessoas de sua convivência notarem o fenômeno. Curiosa, ela se perguntou como seria possível aquilo. E ouviu a voz que anunciava com forte sotaque alemão:

— Fui eu quem fiz. Eu que estou aqui lhe falando...

O nosso caríssimo amigo estava lá e acabara de passar no teste que a si mesmo impôs. Em suma: ele era capaz de fazer alguma coisa de bom a alguém.

— É isso. Então você acha que está perdido? Por quê? Se você está ligado aos poderes superiores que podem usar tais recursos para servir a uma criatura que precisa de ajuda... Isso não te dá uma esperança nova? Viu como o teste funcionou?

— Sou como um pária — diz ele carregando, como sempre, nos *erres*. E repete, em voz mais alta: Sou um pária...!

— Não. Você encontrou aqui em nosso grupo não apenas um amigo, mas vários. Porque todo este grupo, todos os que estão servindo conosco...

— Sabe, a gente busca tanto! Que a gente está buscando?

— Não sabe? Eu sei. Estamos buscando a paz, como disse o Cristo, só que não vamos pelos caminho que levam à paz.

— Estou acabado... Não sei.

— Não, agora é que você vai começar. Você propôs um teste a si mesmo e passou.

— Sabe o que eu acho? Acho que o Criador... perdão pelo que *vai* dizer... O senhor pode dizer que é falta de respeito. Não é porque o Criador estão tão acima... Criador a pior coisa que ele fez pra criatura, é não *tem* o jeito de acabar! É como pegar uma pedra. É a pior coisa que Deus fez, porque chega um dia que a gente não quer mais ser, compreende? (Está chorando novamente, e falando em alta vozes) E não pode deixar de ser!

— Pois é, meu querido. Nisso está também a grandeza de Deus. Porque você não quer mais ser e continua sendo e você um dia vai estar em paz, e ajustado...

— Sabe, aquilo que se chama de “black humour” (humor negro). Isso que o Criador fez — esse humor negro... Quando a criatura pensa que acabou, vai acabar, quer acabar, então o Criador vem e diz: “Não, você não

acaba!”

— Não, porque você não está perfeito ainda...

— Imagine alguém que não tem mais nada (esperança) e diz assim: “Vou me matar. Criador me fez isso e hoje vou fazer isso a ele. Me matar.” E aí se mata. E aí, não morre...!

— Como eu ia dizendo... Daqui mais um tempo, você vai olhar para trás e pensar assim: “Meu Deus, como eu estava mal... Se Deus houvesse mesmo me atendido não estaria hoje onde estou.”

— Às vezes me pergunto: “Será que átomo tem consciência?”

— Não sei. Acho que não.

— Eu já fui tanta coisa na vida... e não sou nada. Sabe que não há coisa mais terrível que isso? Já fui tanta coisa — repete. E não sou nada!

— Sim, mas a experiência ficou no seu espírito e você chega hoje aqui a uma conclusão importantíssima — que a experiência valeu sob muitos aspectos, mas não pela sua grandeza pessoal...

— Já fui médico, já fui de ciência. Político, nunca... mas não sou nada!

— Nada, não. Você é um ser vivo, um espírito imortal...

— Hoje estou aqui... Não sou mais nem o que eu era antes de vir aqui.

— Não, você é muito mais, porque chegou a conclusões que são importantes para o seu espírito. Você vai partir para uma retomada, observar novos aspectos da verdade. E, por favor, você não está abandonado...

— Cristo disse que no final dos tempos haveria um só rebanho. Acho que só há uma maneira de ter um só rebanho. É quando não existir nenhuma seita! Quando acabar com tudo que é religião.

— Não. Não acho assim, não, meu querido. Que é religião? O caminho para Deus é sempre o mesmo...

— Eu *vai* dizer uma coisa: enquanto houver um templo e um homem que dirija esse templo, o senhor vai ter uma seita personalista...

— É possível, mas isto, meu querido, não nos leva a cruzar os braços e a dizer: “Então não posso fazer mais nada.” Se assim fosse nem o Cristo teria feito o que fez. Que viria ele fazer aqui se pensasse assim como você?

— Sabe? Não sei como o Cristo conseguiu...

— Escuta, outra coisa: nessas existências todas suas, não teve aí um amor, não teve alguém a quem você tenha se ligado emocionalmente. Claro que tem. Onde está esse ser?

— Eu não me lembro de ninguém que realmente deixasse uma marca em mim e que eu deixasse uma marca na pessoa.

— Você não se lembra, mas isso não quer dizer que não exista.

— Tive mulheres — esposas, filhas, mas...

— Nesse grupo de seres há de ter alguém muito ligado a você. Mas mesmo que não tivesse, .o que seria absurdo...

— Bem que eu queria ter uma alma que me amasse.

— Você tem. Mas além desse ser especial que todos nós temos, você tem amigos, companheiros de jornada que muito te estimam e respeitam. Você trouxe aqui, hoje, uma palavra muito emocionante para um velho amigo que serviu junto de você, não apenas na Alemanha, mas também antes, não é? Você vê, então, que não está jogado fora.

— Sabe, o pior é que quando a gente está no mundo, a gente põe tudo nas coisas, e nos outros. A religião é que vai te salvar... Então a gente vê que se não fez uma coisa aqui dentro (aponta o coração) não adiantou nada... Estou envergonhado... Sinto como se tivesse trabalho *naquele* Alemanha e você saiu e foi viajar, viu o mundo inteiro e voltou com uma porção de coisas no *seu* bagagem e quando chegou lá eu estava exatamente no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas. .. (Chora novamente) Eu não saí do meu pequeno burgo!

— Você está supervalorizando o nosso trabalho e subvalorizando o seu. Sim, há muitos enganos aí. Você sabe que mesmo depois daquela existência lá, que tem quase cinco séculos, andamos por aí e cometemos outros enganos, falhamos aqui e acolá, mas o pensamento do Cristo ficou sempre em nós. Tanto é que... O que você está fazendo aqui hoje? Você está aferindo as religiões que a gente conhece e o comportamento do homem, pelo pensamento de Jesus. Você sabe muito bem — é o que você está dizendo aí — que nada disso que está aí é o que o Cristo nos ensinou. Como você não tem seus padrões? Esquece um pouco o conceito de religião. Estou de acordo com você. Não precisa de estrutura nenhuma, nem máquinas de poder, nem aliciamento de gente, nem dados estatísticos — quantas refeições distribuiu, quantos adeptos tem...

— Protestante não distribuí nada, mas tem assim: “Quantas almas eu salvei?”

— Mas porque você sabe disso? Porque ao olhar o Evangelho, você vê que o Cristo não se preocupou em saber quantas almas foram salvas — ele quer salvar *todas* e vai salvar todas.

— Conheço um pastor que tem lá no seu caderninho quantas almas salvou. E o dia que ele morrer, ele *vê* que *ELE não está salvo!* Vê que coisa!

— Hans, gosto muito de sua sinceridade, da sua maneira positiva e direta de dizer as coisas. Mas não seja tão rigoroso. O mundo está aberto, o Cristo continua ali, à nossa espera, o nosso pensamento O alcança a qualquer momento, onde quer que você esteja. Todos vivemos em Deus. Por que, então, o desânimo?

— Porque eu sei. Estou numa realidade que você não conhece tão bem como eu conheço. Você conhece de livros, de ler — eu conheço de viver. Eu estou vivendo aqui; eu sei o que é isso.

— Não é verdade. Você sabe que houve uma existência minha na Igreja, na qual tive uma grande decepção ao chegar ao mundo espiritual, a despeito do prestígio — digamos assim — de que eu gozava na Igreja. O fato de ser considerado um doutor da Igreja, um bem-aventurado ou um santo, ou um Papa, não quer dizer que a gente vai chegar no mundo espiritual e sentir a alegria do dever cumprido. O dever; se cumpre, às vezes, na obscuridade, na humildade. Essa decepção que você ora experimenta, eu também já a tive, meu irmão.

— Mas quanto tempo tem isso?

— Oito ou nove séculos... Estou dizendo, porém, que foi uma experiência que eu já vivi também. Sei de que você está falando. Estou tentando me recuperar. Aquela mancha ficou lá, mas não me deixei abater. O Cristo está nos ajudando sempre.

— Às vezes eu penso que é como se nós dois tivéssemos que fazer uma viagem de navio. Só que enquanto você via o mundo, e aprendia coisas novas, eu ficava lá sentado *num* cabine e não saía.

— Mas quem sabe você conhece o navio mais do que eu?

A essa altura, Espírito manifestante, e doutrinador começam a trocar suas últimas impressões num clima de fraterno entendimento, emoção e confiança, mas ele ainda se mostra desencantado com tudo, principalmente consigo mesmo, talvez por ter sido durante tanto tempo um propagador da palavra de Cristo, mas não um decidido praticamente da belíssima ética evangélica — a doutrina do amor grande, fraterno, descompromissado. O doutrinador procura consolá-lo de suas falhas e mostrar o quanto de positivo tem ele sobre o que reconstruir seu demolido universo interior. Por fim, oramos juntos e ele comenta:

— Sabe, estive pensando... eu já fui tanta coisa, já fui tanta coisa e continuo sendo nada; então, quem sabe se eu for nada *que consegue* ser alguma

coisa? Entende o que eu falo? Eu *deixa* tudo e *vai* viver como homem que não tem casa, não tem família, não tem nada.

— Hans, não sei se será necessário tudo isso. Não tome nenhuma decisão precipitada. Você deve primeiro aconselhar-se com aqueles companheiros mais experimentados nesses aspectos da vida.

— Teve muito gente que viveu assim.

— O Cristo não tinha onde descansar a cabeça, e ele mudou a história.

— *No* Alemanha mesmo tem gente que que era assim...

— É, porque a pessoa que procura viver assim, não fica presa às posições, à matéria, ao dinheiro, ao poder. Por isso é mais fácil viver realmente do espírito, apesar das lulas e você tem fibra suficiente para isso.

— Eu acho que não é fibra; é desencanto. Quando você já teve tudo, com a mão cheia de diamantes aqui e esmeraldas, e está com fome... Eu *dá* isso tudo e *quer* um pedaço de pão... Compreende? Então você vê que não adianta... Eu tenho joias, tenho tudo e tenho fome. Sei que um diamante não vale nada porque não mata a fome de uma criatura.

— Meu irmão Hans, a fome que você tem é espiritual, é de afeto, é de amor...

— Eu sei. Não quero mais nada, não quero nada... Já tive tudo e continuei com fome. Sou um naufrago.

— Você está muito deprimido. Não vá embora de uma vez. Volte ao seu grupo, se achar necessário, mas aqui é a sua casa, aqui, comigo.

— Sabe aquela história que aquele inglês escreveu? Robinson Crusoe? Ele estava (stafa, é a pronúncia) lá e ainda tinha um índio que ajudava. Eu não tenho nem um papagaio... Não tenho um Sexta-feira...

— Tem sim. Eu estou aqui. Quando você se sentir sozinho, melancólico ou triste, venha para cá, onde eu estiver. Está bem?

— Eu tenho que dizer muito obrigado.

O doutrinador aconselha-o a deixar passar o pior da crise que vive naqueles momentos, a fim de pensar com maior lucidez e calma para decidir o que lhe compete fazer em seguida. Mas a solidão ainda paira como um fantasma invisível e sombrio sobre ele:

— Seu eu pudesse dizer *pra mundo*: mais vale uma casa pobre e alguém que ama você lá, do que ter um palácio e não ter uma alma que *você pode* estender a mão e dizer: “É amigo...”

— Mas não é o seu caso, porque você já descobriu seus amigos, onde estão e quem são. Vá em paz, Deus te abençoe. Muito obrigado por você ter



estado aqui e por ter dito essas coisas. Lembre-se: você tem as condições todas para realizar o seu trabalho...

E uma pungente pergunta final:

— Será que você não se envergonha de mim?

— Meu Deus! Eu me envergonharia se você não me dissesse essas coisas. Se você ainda estivesse preso aos erros que todos cometemos, mas com a atitude que assume aqui, eu me orgulho de você e de ser seu amigo até hoje. Vamos, pois, em frente?

— Acho que não tem outra saída, não é? Tem que ir. (Pausa) Quero dizer obrigado para vocês todos. Sabe que, às vezes, só a gente ter alguém que pode escutar e que não censura o que a gente está dizendo, e que não aponta o dedo e diz: “Está vendo? Aquele é um marcado. Só isso já é um grande benefício. Muito obrigado, muito mesmo...”

E assim partiu o nosso querido Hans para as lutas redentoras da reconstrução, da retomada, rumo ao amor maior, à paz. Já não se sente sozinho e abandonado como um “pária”... Um pouco das suas emoções fica conosco a luzir no brilho de nossos olhos úmidos e em nosso coração cheio de esperanças.

Creio que cabe aqui uma palavra a mais sobre o roteiro espiritual do nosso irmão.

Depois de haver perseguido cristãos nos primeiros tempos — e não ficamos sabendo onde mais andou — teve uma existência como cátaro na França, onde foi queimado vivo. Em seguida, viveu na Alemanha como bispo católico, condição na qual foi um dos artífices da condenação de João Huss (futuro Allan Kardec). Novamente na Alemanha, em existência subsequente no século XVI, tomou parte no movimento da Reforma Protestante, de que Huss foi um dos precursores, com as contestações que o levaram à fogueira, em 1415. Hans continuava, assim, comprometido com o exercício da intolerância religiosa, pois, como ele próprio declarou, sentia necessário opor sempre uma forma de intolerância às que encontrava pelo seu caminho. A existência seguinte destinou-se, novamente, a sofrer as consequências de seus atos anteriores — voltou como huguenote na França e ali foi trucidado. Depois de tudo isso, viu-se dominado por um profundo desencanto com todas as religiões, ou pelo menos com as formas de prática religiosa e achou que precisava destruí-las todas, para que houvesse, afinal, um só pastor e um

só rebanho. Mas, se suas intenções eram aceitáveis, e até nobres, seus métodos continuavam equivocados, de vez que, agora no mundo espiritual, trabalhava para neutralizar todos os movimentos religiosos em geral e, em particular, o movimento cristão nas suas diversas e variadas manifestações, no que se inclui, obviamente, o Espiritismo. Com isto, empenhava-se novamente contra a obra do antigo João Huss, que voltara à vida na carne como Allan Kardec para implementar os postulados espíritas.

Em suma, seria injusto deixar de reconhecer, em princípio, a pureza dos ideais do nosso Hans — ele sonhou com uma religião adogmática e impessoal, com um mínimo possível de estrutura para que não fossem criados novos núcleos de poder que continuariam a atrair os obcecados pelo exercício do mando, mesmo que para isso despreparados.

Sua experiência espiritual é ampla, diversificada e profunda. Faltou-lhe apenas, como ele próprio e reconhece, o ingrediente misterioso do amor na elaboração de sua filosofia religiosa. Uma vez compreendido isso, como ele o compreendeu, afinal, fica mais fácil ajudar a construir um mundo melhor.

A história do caríssimo Hans tem um pungente e dramático pós-escrito. Depois do comovente diálogo conosco naquela segunda-feira, ele tomou uma decisão que mudaria todo o contexto, não apenas de sua vida pessoal mas o da instituição à qual servia com inquestionável talento e competência: voltou lá, convocou toda a comunidade para uma declaração e diante de seus antigos subordinados — pois era um líder no mais amplo sentido da palavra — desvestiu-se de todas as suas insígnias, mantos e símbolos de seu poder ali e fez uma dramática confissão pública de seus desenganos. Renunciava à sua autoridade, descia do pedestal do comando, abandonava seus objetivos e ideais, para recomeçar a vida noutra condição que, tanto ele quanto seus ouvintes, sabiam muito bem que não seria nada fácil. Quem assim o desejasse, poderia acompanhá-lo, consciente das responsabilidades novas que assumia, mas ninguém era a isso forçado. Concluiu dizendo que se alguém se julgasse particularmente prejudicado por qualquer coisa que ele tivesse feito, ali estava ele disposto a ouvir a queixa e reparar o erro, tanto quanto lhe fosse possível.

Não é difícil imaginar o impacto que esse pequeno discurso causou na comunidade. A perplexidade era geral; lágrimas surgiam em muitos olhos, a revolta tomou posição em alguns deles e não poucos acharam que ele perdera

subitamente a razão, pois só um dementado poderia assumir uma atitude daquelas. Em nada conferia com a anterior de pompa e autoridade, aquela figura humilde ali a falar de seus próprios erros e a pedir perdão pelo dano que causara a muitos. As opiniões se dividiam e se entrecrocavam por toda a parte, mas ele permaneceu sereno e irreduzível. Quando se retirou, muitos o seguiram porque o amavam e o respeitavam. Outros iriam mais tarde. Muitos ainda hesitavam porque bem sabiam de que lado pendia a balança, quando botavam de um lado aquela situação de relativa “segurança” ali, embora de fuga, e a outra sobre a qual não tinham ilusões, pois a dor do resgate os espreitava, compassiva, mas inexorável, como da própria essência da lei divina.

Soubemos desses detalhes pelo depoimento de outros espíritos que vieram também a nós depois daquela inesquecível despedida coletiva. A fala de Hans para os seus antigos liderados, contudo, não foi surpresa para nós, que em dois contatos pessoais com ele, em nosso grupo, havíamos percebido o valor do seu espírito. Não se podia esperar dele outra atitude — era apenas coerente com a firmeza de suas convicções, a nobreza de seu caráter e a sinceridade de suas emoções. Hans é desses que, uma vez reconhecido o engano, não hesita em voltar sobre seus passos e assumir suas responsabilidades, onde quer que elas estejam, sejam quais forem as consequências. A dificuldade toda era chegar até ele, encontrar o caminho de seu generoso coração, que por muito tempo permanecera oculto atrás de um complexo bloqueio de teorias, desencantos e temores, tanto quanto a memória de remorsos e angústias estava igualmente bloqueada pelo esquecimento anestesiador.

Chegamos a ele pelas vias sempre possíveis, ainda que difíceis, da emoção. Ele veio a nós porque descobrira em nosso grupo um antigo companheiro que integrou, como ele, a equipe que veio incumbida de deslanchar o movimento da Reforma Protestante. Prontamente se restabeleceram os vínculos que, para surpresa sua, não haviam sido rompidos. Pensara mesmo que o antigo companheiro recebê-lo-ia do alto de um pedestal, a sacudir para ele o dedo acusador. Em lugar disso, encontrou um amigo, que ainda o estimava e respeitava, e que tudo fez para que ele não se sentisse envergonhado ali a confessar seus muitos desencantos.

Por tudo isso, ao regressar à sua comunidade espiritual para a dramática despedida coletiva, usou sua autoridade pela última vez para fazer um apelo que se tornava, afinal de contas, o selo indelével de uma afeição profunda que

resistira ao tempo de vários séculos — não queria que nenhum mal se fizesse ao seu amigo encarnado que soubera compreendê-lo e recebê-lo com dignidade. Não desejava vinganças, nem pressões. Assim foi feito.

Como era ele a coluna vertebral daquela comunidade de descontentes, ruiu toda a estrutura e os espíritos que ali viviam foram pouco a pouco sendo reencaminhados amorosamente para mais uma tentativa rumo ao bem, e à felicidade, a qual todos temos direito de nascença, pois Deus assim nos criou.

O caríssimo companheiro voltou uma vez mais a falar conosco através da mediunidade, durante cerca de um quarto de hora. Estava um tanto perplexo ainda, mas tranquilo, consciente das suas responsabilidades e, acima de tudo, gratíssimo a nós, seus companheiros de outrora que, como pobres emissários do Mestre, conseguíramos chegar até ele com o recado e o chamamento.

Aceitara nobremente as novas condições. Estava atravessando um período de profundas meditações e de longos diálogos com alguns companheiros mais esclarecidos e experimentados. Assumiu prontamente a sua condição de discípulo no reaprendizado da verdade. Disciplinado, correto, devotado como todo bom alemão. Já não se sentia tão só; mesmo assim o doutrinador reiterou-lhe observação anterior, dizendo-lhe que, quando lhe pesasse a solidão, viesse estar conosco.

Foi linda a sua resposta: tinha de cumprir ordens lá, pois havia ali uma disciplina a ser respeitada.

Além disso, tivera outra enorme alegria, mesma na tristeza do seu contexto. Um companheiro espiritual nosso, amigo muito querido, que não me é permitido aqui identificar, foi visitá-lo. Chamava-se também Hans. Era otimista, alegre, imensamente talentoso e humano. Conversaram os dois Hans na bela língua materna que os unia e o nosso querido saiu dali desanuviado, pois voltara a crer na esperança, e comprovara a vitalidade surpreendente do amor fraterno. Com o seu arrastado sotaque germânico, contou-nos ele próprio a cena. O outro Hans lhe dissera:

— Deixa de *chorradeira*, Hans...

E ele deixou. Pensando bem, para que mesmo chorar se estava redescobrimo seus amigos e se o futuro, ainda que além dos pantanais e dos espinheiros que ele tinha de atravessar, brilhava lá na frente, à sua espera?

Seu programa de vida? Ele próprio, talvez sem querer, o resumira num de seus diálogos conosco: já fora tanta coisa e não conseguira ser nada; quem sabe se sendo nada conseguiria ser alguém?

Foi assim a história de Hans.

E agora, ao escrever aqui estas reflexões, ainda me agitam as emoções daquela noite de segunda-feira. É certo que todos esses espíritos que conosco debateram seus problemas ao longo de vários anos de trabalho, deixaram em nós uma vibração qualquer, uma certa imantação, um sulco por onde juntos caminhamos alguns momentos cósmicos. Hans deixou-nos, além disso, como que um pequeno vaso de barro plantado de violetas tímidas e coloridas. Mas que perfume bom o da saudade, quando nele se misturam os suaves acordes da esperança..!

NOTAS:

### *1 — REFORMA*

É impraticável resumir numa página ou duas um texto satisfatório sobre a Reforma Protestante, acerca da qual há verdadeiras bibliotecas especializadas. Basta dizer aqui que a Reforma foi, no dizer conciso da Britânica, “o movimento religioso do século XVI que dividiu em duas a cristandade ocidental”.

Como a História procura ser um registro cronológico (*chronos* = tempo, época, duração), fixou-se uma data oficial para marcar o início do movimento: o dia 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero pregou na porta da Igreja do Castelo, em Wittenberg, suas 95 teses, abrindo assim o debate em torno dos problemas que afligiam a Igreja de seu tempo.

A despeito da tremenda resistência que encontrou, a Reforma era já um movimento consolidado em 1530, quando a Confissão de Augsburg definiu seus postulados básicos e caracterizou suas concordâncias e discordâncias com a doutrina católica.

O leitor interessado dispõe de vasta literatura de consulta. Se me permite uma sugestão, poderá começar pelo meu livro *AS MARCAS DO CRISTO* (Edição FEB, Rio), especialmente em seu segundo volume.

### **2 — HUGUENOTES**

Foi o nome atribuído aos protestantes franceses em meados do século

XVI. Segundo Henri Éstienne, os protestantes da cidade de Tours reuniam-se à noite nas vizinhanças do chamado Portão do Rei Hugo, que segundo acreditava o povo, tornara-se um fantasma. Logo um monge sugeriu que os protestantes fossem chamados de huguenotes, de vez que, somente se movimentavam à noite, como o fantasma do rei morto.

Mal a Reforma começou a tomar corpo na Alemanha e já em 1525 os primeiros protestantes franceses foram condenados pela Inquisição e queimados, como Jacques Pavannes e Louis de Berquin.

Em 1535, um édito (decreto) ordenava a “exterminação dos heréticos”. No entanto, quanto mais se intensificava a perseguição, mais se obstinavam os protestantes em desafiar a oposição às suas crenças.

Em 1545 foram massacrados os Waldenses, em 1556 fundou-se a Igreja de Paris; em 1558 foi proposta em Poitiers a consolidação de todas as igrejas francesas.

Em 1560, bastante envolvidos na política, na qual viam um instrumento de libertação das pressões, os huguenotes montaram uma conspiração visando ao sequestro do rei, mas seus líderes foram apanhados e executados. Logo em seguida, o protestantismo foi posto formalmente fora da lei pelo Édito de Romorantin. Mas a luta prosseguiu, os huguenotes reuniram suas forças e sensibilizaram para sua causa o poderoso Conde de Coligny, almirante de grande prestígio. Houve nesse ponto uma tentativa de conciliação e até um colóquio, em Poissy (outubro de 1561) e tudo parecia bem encaminhado para uma solução pacífica das divergências, ainda que o colóquio em si tenha fracassado. Novo édito em janeiro de 1562, assegurava aos burguenotes a liberdade de culto. Infelizmente os acontecimentos se precipitaram numa guerra civil iniciada por novo massacre, desta vez de responsabilidade dos Guises — o Duque e o Cardeal, seu irmão, em Vassy. Em audacioso golpe de estado, o Duque de Guise entrou com suas tropas em Paris e transferiu a sede do governo para Fontainebleau, num formal desafio a Catarina de Mediei, então regente.

Daí em diante, até o final do século foi uma luta contínua e sangrenta, entre católicos e protestantes, Condé de um lado e Coligny de outro. Em 8 de agosto de 1570, um acordo de paz foi assinado em St. Germain. Dois anos depois, contudo, ocorreu a terrível noite de S. Bartolomeu (24 de agosto de 1572), durante a qual foram massacrados não apenas Coligny e demais líderes huguenotes, mas verdadeira multidão de protestantes. A chacina alastrou-se pela França toda, degenerada em caçada humana. Os protestantes que

conseguiram sobreviver ao massacre decidiram-se por uma desesperada resistência, reorganizando-se politicamente em 1573, em Milhau, e consolidando-se em 1588, em La Rochelle, que se tornou verdadeiro baluarte.

Somente em 1598, porém, após 40 anos de terríveis sofrimentos, os protestantes conseguiram o privilégio de manter suas práticas, com o Editto de Nantes, decretado por Henrique IV. Com a morte de Henrique, em 1610, o poder começou a ser exercido por católicos menos tolerantes e a luta recomeçou.

Para resumir: durante cerca de três séculos não foi fácil ser protestante na França. Ainda em pleno século XIX, quando ruiu o Império Napoleônico (1815), uma vez mais os protestantes foram expostos a perseguições e vexames. Somente a partir da década de 20 naquele século, os seguidores da Reforma começaram a encontrar clima menos hostil às suas crenças e práticas religiosas.

## O ESCRIBA DE CESARÉA<sup>[\*\*]</sup>

O companheiro cuja história narramos aqui era a pessoa ideal para contatos, entendimentos, acordos e arranjos. Hábil articulador, manipulava com segurança e muita fluência a palavra falada, tudo isso a serviço de vasta inteligência e de não menos amplas ambições.

Saudou-nos cordialmente, desejando uma noite proveitosa, que enriquecesse nossa “folha de serviço”, pois ela era nosso cartão de visitas e a ficha tinha que estar limpa. Buscavam, com o nosso Grupo, um entendimento de trabalho. Queriam divulgar a luz e era difícil encontrar quem quisesse trabalhar, assim como nós, sem interesse pessoal e sem exigir nada em troca. Representava uma comunidade na qual os objetivos eram muito elevados. Tinham pronto um trabalho de grande envergadura que necessitava apenas vir à luz, ser “materializado” no plano físico. Vinha, pois, propor-nos colaborar nessa tarefa grandiosa.

Se nos havia escolhido? Não. Cabia a nós escolher, aceitando ou não a honrosa tarefa. O assunto? Bem, eram páginas “esclarecedoras” sobre pontos da Doutrina Espírita, não diria controvertidos, nos quais, porém, muitas pessoas encontravam motivos para divergências. Haviam feito um levantamento prévio das necessidades existentes no seio do movimento e decidiram-se pelo trabalho que ora nos ofereciam. O “redator” já tinha os textos prontos e como nosso Grupo oferecia boas possibilidades viera a nós com a oferta.

Como um dos critérios da Doutrina dos Espíritos é o de passar tudo pelo crivo da razão, eles se propunham a trazer-nos algumas páginas para exame preliminar de nossa parte. Que achávamos da ideia?

Para ser mais específico, tinha, por exemplo, uma página sobre *aquela questão* que era um verdadeiro pivô de desentendimentos. Para colocar o assunto nos seus devidos termos, realizaram extensas pesquisas — bibliotecas da terra e do espaço, esclareceu — a fim de trazerem uma contribuição deveras importante sobre o tema. Pesquisaram a época do Cristo, haviam reunido documentação pertinente e lá estava o estudo. Não que eles houvessem tomado uma posição — não afirmavam nem negavam coisa alguma — mostravam este caminho e aquele caminho, deixando ao leitor as



conclusões.

— Mas se vocês querem esclarecer, como é que vão deixar as conclusões por conta do leitor? — ponderou o doutrinador.

Ele não se deu por achado. Das comparações nasceria a luz. Eles não tinham uma posição sobre o assunto e nem se importavam com esse aspecto; o que desejavam era criar, produzir, trazer informações, pois o espírita precisa libertar-se. Eles não tinham de ser fiéis a esta ou àquela escola ou corrente de pensamento. O Espiritismo, na sua opinião, é a doutrina da liberdade.

A necessidade disso era evidente. Se o doutrinador visitasse as inúmeras instituições por aí, veria quanta insinceridade e falta de confiança. Quando um médium está descrevendo uma vidência, por exemplo, todos dizem, compungidos: “Que beleza! Que maravilha!” Lá fora, contudo, depois da sessão, o comentário é outro: “Fulano (ou Fulana) não está bem. Aquilo é da cabeça dele mesmo; animismo puro. Ou está fascinado”. Um horror!

É preciso, pois, abandonar o fenômeno, sempre suscetível de tais críticas, desvios e inconvenientes. O que importa mesmo é o que se escreve, é o ensinamento, a mensagem esclarecedora. É preciso também acabar com as sessões ditas de desobsessão. Cuidado com elas! São trazidos ali espíritos doentes, entidades verdadeiramente “poluentes”. Lugar de doente é no hospital e de louco no hospício. É preciso aproveitar os médiuns em trabalhos mais nobres, acabar com essa lamentável perda de tempo. Há uma óbvia necessidade de comunicações *inteligentes*. É certo que eles já dispunham de alguns medianeiros, até mesmo em importantes posições estratégicas, *graças a Deus*, mas são ainda poucos. Precisavam com urgência ampliar essas equipes de trabalho, pois o tempo urge. É preciso trazer a mensagem da ciência; é preciso mais trabalho de laboratório dentro do movimento. Chega de Evangelho. Kardec conceitua o Espiritismo como uma doutrina tríplice, mas o aspecto científico está sendo negligenciado, como também o filosófico. A maioria vive mergulhada na religião. É necessário atualizar a doutrina. O homem dispõe de um tremendo potencial. Ele não é Deus, mas pode cocriar.

O Espiritismo, a seu ver, é fechado sobre si mesmo, cheio de preconceitos e dogmas. Poucos são os colaboradores aceitos. Questiona-se tudo. Veja-se, por exemplo, o caso das mensagens: tem que ser assinadas por um nome respeitável, que encontre ressonância no meio espírita. Que adiantaria assinar com um A ou B ou X ou um asterisco?

Como ele é muito dramático e eloquente, finge que está lendo um papel e diz, em tom de desprezo e ironia:

— Vejam só — mensagem de um asterisco!

O autor da mensagem tem que exibir a sua credencial. Se pode usar qualquer nome? Claro que pode. Em fragrante contradição com o que acabou de afirmar, diz agora que um nome nada é — apenas um símbolo. Paulo, por exemplo, mudou de nome. Se vier hoje dar uma comunicação não a assinará com o nome de Saulo. É preciso, assim, um nome que diga algo ao leitor — Felipe, por exemplo. Ou de alguém que já tenha mourejado no Movimento, enquanto aqui na carne.

Já que ele vem oferecer um trabalho, contudo, o doutrinador deseja fazer algumas perguntas. Por exemplo: a que chama ele de dogma espírita? Ele fica em silêncio por algum tempo, hesita e diz: “Ora, são tantos, que nem me ocorrem agora!” Por fim lembra-se de um — o do carma. Acha que os espíritas ficam muito presos ao conceito negativo de carma, quando o conteúdo semântico do termo em sânscrito é o de ação e reação. Entende que ninguém deva ficar de braços cruzados conformado com a sorte — a revolta é positiva. É preciso levantar-se e trabalhar.

(Esse é precisamente um dos pontos críticos da filosofia de todos estes companheiros transviados, mas o que eles dizem não é exatamente o que sabem e, portanto, o que pensam. É realmente preciso levantar-se e seguir em frente, em lugar de ficar parado, lamentando-se da *sorte* ou do *destino*. Há contudo, uma diferença enorme em aceitar as duras e difíceis condições do resgate e seguir servindo, amando, trabalhando ou revoltar-se contra tais imposições, rejeitando as dores que precisamente vão libertar-nos. Em vez disto, tais companheiros continuam a empilhar faltas em cima das que já trazem do passado e que deliberadamente resolveram ignorar).

Pouco adiante, a conversa deriva para o problema das controvérsias e desentendimentos que, no seu entender, existiram mesmo entre os seguidores imediatos do Cristo. Chamando Paulo de irascível, lembra suas divergências com Pedro, em Antioquia; com Tiago, em Jerusalém, sobre a circuncisão de Tito; com Barnabé por causa da sua audácia em falar pessoalmente com Popéia<sup>[11]</sup> Sabina. (Parece um tanto fixado em Paulo).

(Aos poucos vai revelando a segurança com que relembra fatos e aspectos daquela época e dos homens que viveram e lutaram naquele contexto. Seu conhecimento dos Evangelhos não é menos seguro e erudito. É certo, como ele diz, que cada um dá o seu colorido pessoal àquilo que faz e às ideias que divulga. Deliberadamente, porém, ele procura ignorar o fato de que a doutrina é a mesma nas suas estruturas básicas. A gênese de todas

aquelas divergências puramente pessoais foi uma só, e se resumia nisto: deveria a doutrina do Cristo caracterizar-se apenas como uma seita judaica, a ser pregada apenas aos judeus, admitindo apenas judeus ou seria um doutrina universal, a ser ensinada também aos gentios? Tiago era pela sectarização; Paulo pela universalidade. Ambas as posições foram e são respeitáveis. A discussão seria hoje totalmente acadêmica, mesmo porque não resta sombra de dúvida sobre quem estava com a razão).

Nosso companheiro tinha, ainda, ideias muito bem definidas sobre o conteúdo de cada um dos quatro Evangelhos e sobre as tendências pessoais de cada um dos seus autores. Mesmo ao risco de alongar um pouco mais esta introdução, entendo que valha a pena reproduzir aqui o seu pensamento.

Para exemplificar o que entende por colorido pessoal, diz ele que Lucas é o homem prático, o médico, o cientista, metódico, organizado. Seu Evangelho é *limpo*. João, o místico, botou no seu texto todo o calor da sua emotividade. Mateus é político e escreveu um Evangelho político. Marcos, a seu ver, não tinha uma contribuição pessoal, direta a dar. Parece transmitir algo por ouvir dizer, de segunda ou terceira mão. Seu Evangelho é *sem sal*, frio, indiferente, distante, sem vivência.

Vemos, pois, que o nosso companheiro tem ideias próprias, sabe expô-las, é um argumentador hábil, apresenta-se muito bem informado e, acima de tudo, é um mestre consumado na arte de formular *meias verdades*. Provavelmente se aceitássemos a sua oferta de trabalho e colaboração, traria nas suas primeiras comunicações assuntos mais ou menos neutros, bem pesquisados e bem argumentados que não ferissem frontalmente nenhum ponto doutrinário ou evangélico; mensagens, enfim, senão aceitáveis, pelo menos admissíveis, após um ou outro reparo mais ou menos irrelevante. O objetivo era o de nos levar a entreabrir a porta — eles se incumbiriam de botar o pé embaixo, de modo que não pudéssemos mais cerrá-la. A técnica do envolvimento é sempre a mesma. Mal comparando, é como o amor: a gente só vai dar conta de si quando já está irremediavelmente apaixonada. A essa altura, contudo, o feio nos parece lindo, o falso tem as aparências de verdadeiro, tudo o que brilha é ouro, os defeitos são virtudes...

Eis aí o perfil espiritual desse companheiro que evidenciou conhecimento muito profundo dos textos evangélicos e inquestionável familiaridade com certas intimidades do movimento espírita, mencionando fatos e nomes que, por motivos óbvios, não puderam ser aqui reproduzidos.

Nesse ponto damos início ao processo de regressão da memória e,

muito relutantemente, ele vai a um passado que o explica por inteiro, tanto quanto à sua bem articulada, ainda que falsa, filosofia. É o que veremos a seguir.

A primeira coisa que diz, já regredido no tempo, é para pedir que lhe deem um castiçal porque é hora das vésperas. É um sacerdote e está na sua igreja. Ainda não desembarçou bem a palavra em estado de transe, o que é comum. Por alguma razão, porém, localizou na memória aquele ponto específico, aquele dia em particular, aquela situação e não outra. O doutrinador quer saber por que é importante aquele dia. Ele está se preparando para ordenar alguns novos sacerdotes. É, portanto, um bispo, o que ele confirma. Mas ainda não está explicado por que ele se fixou naquele dia em especial. O doutrinador insiste:

— E por que esse dia é importante? Alguém, aí entre os novos sacerdotes por quem você tenha interesse especial?

— Eles são todos muito ricos e trazem um bom dote para a Igreja e isto é muito bom.

— É você que administra esses bens da Igreja?

— Sou eu.

Vai ordenar dez padres naquele dia. Todos de famílias importantes e ricas. É, portanto, um dia muito lucrativo para as suas ambições e, com isso, ele revela o aspecto interesseiro e ambicioso de sua personalidade, o fascínio pela riqueza e pelo poder material que ela proporciona.

— São nobres e muito ricos. A Igreja não aceita pobres — diz ele. Pobres somente para serem cavaleiros ou coisa assim. É porque o pobre não tem dinheiro.

Ele também, segundo informa, é de família nobre. Qual seria, porém, o significado de tudo aquilo no seu relacionamento com o Cristo, tal como revelou em nosso diálogo inicial, antes da regressão? O doutrinador lembra que o Cristo não recomendou a acumulação de riquezas.

— Seu amigo Cristo — diz ele — para nós só tem um valor que é justamente esse: atrair riqueza. Vendemos tudo em nome do Cristo. Eles acreditam — são uns tolos. Vendemos relíquias, indulgências. Vendemos tudo. O Cristo é um grande negociante. Compra tudo.

O doutrinador lhe diz que aquilo ali é apenas um episódio isolado, mas não é ainda o núcleo de seu problema com Jesus. É preciso ir mais fundo, mais atrás no tempo. Ele tenta escapar, dizendo que não há nada no seu passado.

Ao cabo de alguns momentos, contudo, parece ter *chegado lá*.

— Festus<sup>1</sup> — é a sua palavra-chave, o código do seu arquivo secreto —  
É meu amigo, diz ele.

— Você é cidadão romano?

— Sou.

— E o que faz você aí?

Sente-se ainda confuso. Ou está novamente negaceando? O doutrinador o ajuda com passes e sugestões apropriadas. Ele diz que está em Cesaréia e observa determinado cristão, pelo qual parece nutrir particular interesse. Trata-se, evidentemente, do Apóstolo Paulo que ali esteve preso à disposição de Festus que acolheu seu apelo a César<sup>111</sup>, como se sabe. Daí as suas reiteradas referências a Paulo no contexto da nossa conversa inicial. Por várias vezes falou com Paulo.

— Sobre que vocês conversaram?

— Sobre os Evangelhos.

— E você aceitou as observações dele? Concordou com ele?

— Sou um homem prático. Vejo que se tanta gente está seguindo isso é porque deve haver algum ponto... A gente pode tirar alguma vantagem disso.

— E que vantagem você pretende tirar?

— Ainda não sei. Estou pensando. Mas preciso conhecê-los bem.

O que você faz? Qual a sua atividade? Você é um militar, um sacerdote, o quê?

— Sou uma espécie de escriba. Anoto nos autos as reuniões. Assisto aos julgamentos. E eu é que faço as atas das reuniões, as decisões...

É, pois, uma espécie de escrivão, um servidor público. Não devemos nos esquecer de que Festus era um delegado do poder romano ali em Cesaréia e é apenas lógico<sup>111</sup> que as estruturas administrativas fossem pelo menos uma imitação das sofisticadas instituições da metrópole que então dominava o mundo e tinha seus homens por toda a parte.

— Vamos em frente. Você ficou aí muito tempo?

— Eu vim para cá porque queria tentar a vida num lugar diferente. Preciso de muito dinheiro. Quero enriquecer.

Confirma que veio de Roma diretamente para ali e empregou-se como um dos servidores da administração de Festus. Seus planos, porém, eram ambiciosos e ele estava ali na condição de um aventureiro, que vem tentar a sorte onde ficar rico era uma probabilidade. Percebeu logo a importância do

movimento cristão que nascia e tratou de informar-se bem sobre ele. Não sabia ainda o que poderia tirar dali, mas não podia desprezar nenhuma oportunidade de ganhar dinheiro fácil. O Cristianismo parecia ter esse potencial de lucro para quem quisesse e soubesse explorá-la. Por isso, estudava sua filosofia e seus homens. Por sorte, teve acesso direto a uma das personalidades mais importantes daquela época no movimento: o Apóstolo Paulo, que ali estava retido. Explica-se facilmente essa conexão: como escrivão oficial, acabou quase íntimo de Paulo, que muito deve ter conversado com ele sobre a doutrina cristã e o movimento que surgia.

— Como não sou um patrício — prossegue ele — não tenho muitas chances em Roma; aqui eu tenho.

— Vamos, então, para frente, para que você possa me dizer o que aconteceu aí.

— Não precisa. Estou vendo tudo tão claro! Você não está vendo? Os cristãos são tão tolos... Vou procurá-los e digo-lhes que quero me converter. Acho que deve haver uma mina qualquer neste movimento. Eu entro e eles me fazem... a primeira coisa que me fazem é me levarem a estudar com alguém os Evangelhos.

No são Evangelhos, são uns escritos... Não sei bem o que é isso. Umhas listas... São normas... Então, tenho um instrutor que se senta comigo toda tarde e me dá algo para ler e depois pergunta como eu interpreto do que li. E aí fala daquele a quem chamam de o *Senhor*. E conta tudo de novo. E sabe? Tem uns tão infantis que quando contam, choram, as lágrimas rolam. Eles choram...

— Quem é esse instrutor seu? Como se chama?

— Ele? Ora... Não importa! Eu tinha um respeito por ele. Ele era muito sincero. Não quero falar dele.

— Você o respeita até hoje, e o estima, não é?

— Sim. É verdade.

— Vamos, então, em frente. Vamos ver o que aconteceu depois. Você se informou sobre tudo isso. E daí?

— Bem, mas só que eu era um falso cristão. Depois fui com eles para Roma. E lá vesti a outra roupa, tinha outro nome. Eu contava todos os fatos sobre eles.

— E você continuou a ter amigos entre eles?

— Entre eles quem?

— Entre os cristãos.

— Não! Eu *era* um deles. Eu tinha uma dupla vida. Com eles eu era um deles e com os outros eu era um dos outros. Romano. Daí, meu amigo, o que aconteceu depois? Aqueles casos trágicos. Aquelas mortes... *Eu nunca estava junto*, (diz com ênfase) porque ... Sabe? Quando vinham aquelas batidas em Roma? Eu é que muitas vezes tinha dito onde é que eles estavam. Então eu não ia lá, é claro. E com isso eu recebia minhas recompensas...

— E o amor?

— Meu amigo, meu amor era o dinheiro. Eu queria enriquecer e eu estava enriquecendo. Queria comprar um título, comprar um palácio e ter quantas mulheres quisesse. Sabe o que foi pior? Eu descobri uma mina depois daquelas mortes todas. Aqueles papéis! Os escritos! Tinha gente que pagava para ter aquilo. Então eu comecei... Você sabe que eu sabia escrever. Comecei a copiá-los e a vendê-los.

— Você tinha os originais?

— Eu copiava deles. Eu vivia com eles... E o que eu não tinha, acrescentava, ora! Eles tinham me contado, não é? E depois, para aqueles novos convertidos que diferença fazia? Eles não conheciam...

— Que documentos você copiou?

— O que você chama de Evangelhos. Copiei mais de um.

Eu dava nomes diferentes. Eu dizia que era um, que era outro e outro... E cada vez mais ficava rico. Não acreditava em nada daquilo, mas vendia Evangelhos. Eu vendia os escritos. Não se chamavam Evangelhos. Chamavam-se “Os *Escritos do Senhor*”. Outros diziam assim (fala em voz baixa): “*A palavra do Senhor*”, *daquele* jeito, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

— Mas já eram atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas?

— Não... não. Por quê? Eram eles que faziam.

— Quem fazia

— Ora... eu não sei hem. Sei que eu copiava. Eu vendia...

— Vendia a quem? Quem comprava?

— Os recém-convertidos.

— Mas tinha gente rica comprando?

— Tinha. E os próprios cristãos... Eu era muito bom... Às vezes eles diziam: Mas eu não tenho dinheiro!” Então eu entrava na casa deles e encontrava algum objeto de valor e trocava... E dizia: “Por amor à causa, aos *Escritos do Senhor*, fico com essa taça” e dava o Evangelho a eles. Depois eu vendia (os objetos).

— Continue. Você distribuía também as Epístolas de Paulo? Ou as de Pedro?

— Paulo era muito severo!

— Você o encontrou lá em Roma também?

— Não. Eu só queria me meter no movimento. Eu sabia dele, mas nunca quis estar perto porque era perigoso. Ele era muito visado, muito procurado. Eu tinha medo. Podiam me estranhar numa daquelas reuniões e eu queria muito viver.

— Continuemos, então. Vamos para frente. O que aconteceu depois?

— Daí eu fiquei muito rico, mas muita gente morreu por minha causa. E nunca souberam. “Você é uma víbora!” Alguém me grita ao ouvido que eu sou uma víbora.

— Como é que foi que terminou a sua existência? Morreu muito rico e muito velho? Como é que foi? Vamos em frente.

— Eu também fui marcado pelo Cristo. Você me perguntou se eu não tinham ninguém em particular. Eu tinha. Uma jovem. Por isso queria ser rico. Por isso queria comprar um título, porque ela era uma patrícia e quando parti para Cesaréia disse-lhe que voltaria rico para ela. E fiquei rico, comprei o título. Eu estava todo preparado para me apresentar. Comprei uma vivenda. Não era um palácio, mas era uma daquelas vilas, grande, rica. Tenho que contar isso?

— Sei que isso é penoso para você. Você não é obrigado a falar. Por favor, entenda bem isso. Mas creio que...

— O Cristo se vingou de mim. Tudo aquilo que estava nos escritos era falso. “Dar a outra face”, ele dizia, mas não me deu a outra face... “Perdoar setenta vezes sete”. Mas ele não perdoou... “Amai-vos uns aos outros como eu vos ameí”. Mas Ele não me amou. Eu tinha comprado essa vila. Eu já tinha um lar, escravos... para ela. Preparei a casa. Há muito que eu não a via. Quando cheguei à maldita cidade tinha havido uma batida que eu tinha denunciado aos soldados. Mas você não poderia nunca imaginar que uma patrícia jovem e bela, estivesse ali. (Falo isso agora e parece que se esvaziou todo o sentimento dentro de mim. Me sinto tão vazio...) Ela foi apanhada. Eu me dirigi à sua casa e encontrei a família em desespero. Perguntei por que e sua mãe me confessou: ambas eram cristãs. A filha tinha ido as prédicas.

— Quem estava pregando?

— Era uma viajante que chegara a Roma e ela fora ouvi-lo.

— E lá foi presa. Mas você não podia salvá-la? Isso acontecia muito lá.



Ela não quis ou você não pôde?

— Como salvá-la?

— Não tinha prestígio, poder, dinheiro?

— Fui vê-la, mas os olhos dela me olhavam e já não me viam. Eram duas contas redondas, lindas... Tinha olhos luminosos, compreende? Cheios de luz. Eu via luzes nos seus olhos. Eles brilhavam. Era uma luz estranha, intensa! Era uma luz que eu nunca tinha visto antes (Diz isso em altas vozes e em pranto.) Eu não lhe falei? Ela me disse “*Obrigado!*” porque ia para o Senhor... Eu disse: “Mas eu sou o seu senhor! Você é minha prometida.” E ela me respondeu: “Eu encontrei um novo Senhor. Encontrei um Senhor que me ama e me liberta”. Ela estava louca, seus olhos estavam loucos, entende? Mas, coisa estranha, o pior é que assim mesmo eu tentei, mas não consegui falar com ninguém. Voltei para a minha vila, agora vazia, sem esperanças, sem amor. Eu achava que tudo tinha sido tão inútil e me parecia ouvir todas as vozes que gritavam, daqueles que morreram para que eu tivesse dinheiro. E, de repente, me senti tão desesperado que olhava para minhas mãos e via sangue nelas. Fui para dentro, pegava as moedas e via sangue nelas... E gritei e chorei, bati com a cabeça nas paredes pela minha casa inteira. Batia e gritava porque sabia que o Cristo tinha se vingado de mim. E eu dizia: “Onde está a sua misericórdia, onde está o seu perdão? Vem aqui, se você é homem! Quero lhe traspassar com a minha espada!” E eu gritava e gritava. Fiquei assim dias, sabe? Depois, bem depois, quando tudo já estava terminado, eu sozinho, desesperado, naquele casarão imenso; os criados, amedrontados, fugiam pelos cantos, porque eu gritava e bradava e quebrava tudo. Sabe que eu quebrei tudo? Tudo que eu comprei para ela quebrei. Mas quebrei com ódio. Pisava em cima, sapateava até ver em cacos. Amassava as ânforas. Tudo; quebrei tudo. Quando fiquei cansado de quebrar, o ódio dentro de mim abateu-se e caí prostrado. Aí é que eu vi. Era noite, estava escuro. Eu vi... De repente, um pontinho luminoso, como se fosse uma faísca. Depois, outra faísca e aquilo cresceu, foi crescendo... Comecei a achar aquilo estranho. E foi aumentando, aumentando... E quem eu vi diante de mim? Ela! Mas não era ela. Era ela, mas era um anjo de luz pura. E então senti remorso porque fui eu que a matei. E aí acho que eu gritava: “Cristo! Cristo! Eis a tua -vitória”. Queria ir para ela, porque *eu a amava*, compreende? E ela tirou das dobras da roupa uma cruz e me mostrou. E depois disso desapareceu.

— E você?

— O meu ódio pelo Cristo cresceu, cresceu... e eu fiquei irracional. Queria que ele tivesse um amor para eu matar!

— Mas foi Ele que a matou?

— Ele se vingou. Ele fez dela cristã.

— Mas não foi você que a denunciou?

— Mas se ela não fosse cristã, se ele não a tivesse conquistado, fascinado, enlouquecido...

— Ela não estava louca, não é? Ela não apareceu a você toda iluminada? Estava em paz.

— Os cristão eram todos loucos... Não sei se ela estava em paz. Isto me confundia um pouco.

— Você a viu depois, no mundo espiritual?

— Não, porque, de repente, me senti como que dentro de um túnel escuro, caindo e não tinha mais fundo, cada vez caía mais, caía mais... (Morte?).

Nunca mais a encontrou, em outra vida, nem na espiritualidade. Pelo menos não se lembra.

— Eu continuei com ódio do Cristo por muito tempo. Queria qualquer coisa para fazê-lo sentir, para ele sofrer. Parece que o Cristo não sofreu.

— Ele não sofreu bastante na Cruz?

— O sofrimento na carne não é tão forte. É preciso você sofrer no coração, no sentimento.

— O seu sentimento, então, era maior do que o dele...

— Eu corri, juntei riquezas, porque desejava materializar um sonho. E quando já tinha tudo pronto, num simples gesto, ele me pôe tudo por terra. Para mostrar que era forte. Que era o Cristo. Ainda estou muito perdido. Só queria entender o porquê das coisas, meu amigo. Por que tanta luta? Lutei tanto para juntar tanto e depois tudo o que eu tinha não era nada. De repente, não era nada.

— Mas, você copiou os Evangelhos, as anotações, muitas vezes e distribuiu para muita gente. De alguma forma você ajudou outras criaturas a entender...

— Que nada! Eu adulterava muitas vezes, eu preenchia...

— Sim, sim. Mas alguma substância do pensamento de Jesus ficou naqueles documentos, não é? Infelizmente, porém, você entendia o Cristo apenas como fonte de recursos materiais e aquele que teria de cumprir fielmente os seus caprichos. Por que você não o seguiu com a sua noiva?

— Para o patíbulo? Você está louco!

— Para a luz.

— Para o martírio. Você não sabe o que era aquilo! Era pior do que faziam com os cães. Faziam coisas horríveis. Você precisava ver o que eles faziam com um mulher cristã antes de matá-la. Porque muita gente aproveitava para agir independentemente. Você precisava ver os horrores que faziam com uma mulher. Não. E com o homem também. Mutilavam-no, às vezes. Ficavam cortando-o aos pedacinhos para ver até que ponto o cristão aguentava. E eu ia? Eu não poderia, não...

— Está bem. Não pode, não teve coragem, mas ela teve, não é? Por que você hoje não se volta para ela e não procura entendê-la melhor, a ela que tem acompanhado os seus passos com tanto amor, com tanta expectativa...

— Foi o Cristo, não foi? Foi ele que fez tudo. Foi ele... Ele a conquistou. Eu não mandei matá-la!

— Não; você não mandou matá-la, mas você a denunciou... Praticamente desencadeou tudo aquilo.

— Eu nunca poderia saber que ela, a minha Letícia, a minha alegria, fosse ser cristã.

— E aquele companheiro que te ensinava o Evangelho? Você também nunca mais o viu?

Longa pausa. Em seguida, em pranto:

— Será que ele me perdoa? Meu amigo, me perdoe! Me perdoe! Meu Deus, me perdoe! Eu estava louco. Era a cegueira, a loucura do dinheiro, a loucura da posse.... Você nunca soube o que foi isso. A loucura por uma mulher que você quer possuir, que você ama. Você perde o senso das proporções. Você só quer atingir aquilo. Você mergulha numa loucura, num redemoinho de loucura... Meu Deus, tive tudo nas mãos!

— Você teve oportunidade de conviver com aqueles companheiros tão devotados.

— Mas eles não estavam na terra! Não era possível! Eles não queriam dinheiro. Você sabe que havia dias que eles não comiam porque não tinham o que comer. Era como se não fizesse falta... Eles se alimentavam de ar, de vento, daqueles escritos, de preces, de água. Eles bebiam água quando não tinham o que comer.

— E outros, o que tinham, davam...

— Davam tudo. Eles não tinham nada. Você pode compreender alguém que não tenha nada? Que não precisa de nada e que quando ganha, dá? Eles

ganhavam e davam. Eles só tinham as sandálias, só tinham a roupa que vestiam, Nunca entendi isso. Eu era pobre, mas tinha horror a ser pobre. Queria ser rico. Havia qualquer coisa nos olhos deles, nos olhos dos cristãos, que você tinha medo de olhar. Eu tinha medo, porque parece que se olhasse muito eles iam ver tudo dentro de mim.

— Era a sua consciência que te incomodava, meu querido irmão; como incomoda até hoje.

— Eles não falavam nada. Eles souberam, depois, que era eu. Você pensa que alguém me condenou? Eu preferia que eles me tivesse condenado, que tivessem me batido, que tivessem feito qualquer coisa para se vingarem de mim. Eu me sentiria compensado.

— Mas se pelas coisas que aconteceram você culpa o Cristo. Imagine se os cristãos fossem se vingar de você! Aí é que você iria ficar mais fixado na sua aflição.

— Mas eu fui mal para eles...

— Sim, mas perante as leis do Nosso Pai você terá oportunidade de redimir-se dessas fraquezas. Você não deve é ficar preso a esse passado, com esse remorso angustioso que lhe paralisou. Você dizia em nossa conversa anterior que a pessoa tem que se levantar e não deve ficar paralisada por causa do seu carma. Verdadeiro isso. Agora está na hora de você levantar-se e, a despeito dessas agonias, dessas angústias, começar a trabalhar, a subir a escada, de volta à luz. Por que você vai viver sempre na dor, na aflição, na angústia, na separação? Esses séculos todos já não chegam?

— Mas eu não posso voltar lá! Não posso dar a vida àquela gente toda de novo. Que vou fazer?

— Meu filho, nem aqueles companheiros precisam que você dê a eles agora a vida de volta.

— Eu não posso dar àquela mãe a filha que tirei. Eu tirei! Ela quase enlouqueceu. Eu a tirei dos braços dela.

— Sim, sim; mas ela te ama até hoje. Você sabe que ela não desapareceu, não deixou de existir. Está se lembrando disso? Que ela é um ser pensante e que te ama? Você não está perdido, sozinho, abandonado. Você tem amigos, tem irmãos.

— Eu não era o único falso cristão. Havia tantos...

— Sei, meu querido. Mas não seja mais um falso cristão. Você continua tentando os mesmos caminhos de dois mil anos atrás. Por isso é que você está preso na sua dor. É preciso que você tome o seu catre, como diz o

Cristo, e siga. Não fique um paralítico espiritual. É preciso fazer alguma coisa, lutar pela verdade. Aproveite esse momento, essa dor de consciência que te incomoda, pois aí está um fator positivo. Ela é a voz de Deus em nós.

— Muitos morreram por minha causa. Muitos foram torturados. Se faziam horrores com os cristãos... Eu estava lá; eu vi!

— Mas voltemos um pouco. É Leticia, o nome da moça? Você não gostaria de estar com ela ainda uma vez? Reencontrarem-se?

— Como posso olhá-la, se a matei?

— O espírito dela continua...

— Eu sou um criminoso! Pior do que isso, porque matei todos os irmãos dela, os cristãos. Matei muitos.

— Isto quer dizer, então, que você tem que ficar pela eternidade a fora nessa posição em que você se encontra, preso ao seu passado? Não, meu querido. Você tem que aproveitar-se dessas lições e voltar-se para o Cristo.

— E fazer o quê com os meus erros? Fazer o quê com o meu carma?

— Pedir perdão e...

— Mas quem vai sofrer o meu carma? Vou fazer o quê?

— Você mesmo, meu querido irmão. Você terá os recursos para isso. Não vai ser abandonado. O trabalho é seu. Podemos te ajudar, dar o nosso apoio.

— Que eu tenho que fazer? Voltar para um corpo outra vez?

— Provavelmente.

— E ser torturado, ser queimado...

— Não, necessariamente. Você pode ser uma pessoa que faça o bem, que crie outros seres. Que seja um bom médico, por exemplo, para curar muitas doenças. Um bom pregador para ensinar o verdadeiro Evangelho do Cristo. Há muitas maneiras. Não é preciso passar pelas agonias todas outra vez.

— O Cristo foi uma figura terrível; até mesmo naqueles que não criam nele, naqueles que se aproveitaram dele, em todos, ele deixou a sua marca. A despeito de nós mesmos, tínhamos que reconhecer a sua realidade. A despeito de tudo, tínhamos que reconhecer que ele existia, que ele existiu.

O tempo esgota-se e o companheiro é despedido com um apelo para que pense sobre tudo aquilo que conversamos e decida o que fazer. Pedimos também a ajuda da nossa Letícia.

— E eu estou perdoado? — pergunta ele.

— Você é que precisa perdoar-se. O Cristo já te perdoou há muito

tempo. Nunca te acusou de coisa alguma.

— *Você* me perdoa? Será que *ela* me perdoa? Será que o *Cristo* me perdoa? Pensando bem, aqui neste momento, falei tanto com você! Sou tão insignificante e me julguei tão superior que achava que o Cristo ia se vingar de mim! E agora me parece que fiz essa briga toda sozinho. Que ele nem por um momento se envolveu comigo nesta briga. Briguei sozinho!

— Um momento! Ele se envolveu sim: trouxe você aqui hoje para conversarmos.

— Eu achava que estava me vingando... Meu Deus! Que loucura! Eu pensando que ele ia se vingar de mim! Quem sou eu? É uma loucura total! Eu queria dormir. A cabeça me dói, quero dormir e esquecer...

Aí está a história do nosso querido escriba de Cesaréia. O conhecimento de sua vida nos dá as chaves do seu perfil espiritual. Condenava o sentimentalismo e a emoção porque foi pelo amor a uma jovem que deu início ao seu terrível processo de alienação. Condenava o Cristo, embora fingindo-se seu servidor, porque entendia que Jesus se vingara dele, atraindo lhe a noiva. Adulterava agora a mensagem do Cristo, introduzindo nos textos o sutil veneno da falsidade, tal como fizera com os antigos “*Escritos do Senhor*” na Roma de seu tempo. Lá como aqui, vendia, traía, falsificava, denunciava, fingia, sempre movido por incontroláveis ambições. Lá como aqui, passava por cristão e vivia no meio deles para melhor traí-los. Tudo igualzinho. Ainda na Europa medieval, como bispo católico numa importante cidade da França, carregava a terrível maldição da cupidez pelo ouro.

E, no entanto, bebera a água pura da palavra do Senhor praticamente ao nascedouro, convivera com alguns dos seus mais autênticos e sinceros divulgadores e nada disso lhe servira, a nada aproveitara de todo esse conhecimento, senão para ganhar dinheiro e prestígio. Quando tudo parece resolvido, a noiva é capturada em consequência de uma denúncia dele próprio e ainda lhe agradece pela honra e a oportunidade do martírio com que ele a presenteou ...

Por tudo isso, condenava também a Doutrina Espírita que insiste em chamar nossa atenção para as responsabilidades cármicas. Os erros eram tantos e tão graves que não sabe nem como e por onde começar a jornada do resgate.

## NOTAS: 1 — *FESTUS* (Porcius Festus)

As províncias romanas eram administradas por homens da confiança pessoal do Imperador e em seu nome exerciam poder absoluto sob o título oficial de Procuradores. Festus sucedeu a Félix como Procurador da Judéia e embora haja permanecido no cargo cerca de dois anos apenas — pois morreu no poder — exerceu considerável influência na vida de Paulo de Tarso. Tratou o prisioneiro com dignidade e até respeito, preservando-o em Cesaréia da fúria dos seus terríveis adversários de Jerusalém e concordando com o apelo do pregador a César, isto é, para que fosse julgado em Roma, como cidadão romano que era, por haver nascido livre na cidade de Tarso.

No livro *AS MARCAS DO CRISTO* (Edição FEB, 1979) admito a possibilidade de Frederico, o Sábio, Eleitor da Saxônia, ter sido Festus reencarnado, mas a hipótese é meramente especulativa. De ambos guardou a História imagem serena, firme e discreta.

## 2 — *CESARÉIA*

Edificada por Herodes, o Grande, às margens do Mediterrâneo e a cerca de 100 quilômetros de Jerusalém, Cesaréia foi a metrópole romana da região, residência oficial tanto dos reis herodianos como dos Procuradores romanos. O nome foi dado em homenagem a César Augusto.

Sua estratégica localização geográfica no eixo de movimentadas rotas comerciais entre Tiro e Egito, assegurou-lhe importante função econômico-financeira e, portanto, social e política. Era uma cidade rica e bela, dotada de suntuosos edifícios públicos e particulares. Atraía muitos forasteiros e, certamente, aventureiros, como parece ter sido o caso do Espírito manifestante cuja história ficou relatada páginas atrás.

## INFERNO INTERIOR

Recebemos naquela segunda-feira a visita de mais um desses companheiros autoritários e agressivos. Suas primeiras palavras são de crítica à médium. Não admite meio termo — deseja assumir o controle, o comando total, sem a mínima restrição por parte do seu instrumento, e este parecia-lhe algo relutante, o que não era verdadeiro. A dificuldade foi do próprio espírito em se acomodar à instrumentação mediúnica.

Quando o saudamos, como habitualmente o fazemos, ele declarou que fazia questão de ser cumprimentado com todas as honras a que tinha direito pela sua posição. Era uma autoridade, um líder, um comandante e estava ali bem consciente das suas prerrogativas.

Em realidade, nem era para estar ali, porque trabalhos daquela natureza — contatos, negociações, coleta de informações, etc. — eram atribuições de subordinados seus. Infelizmente, porém, os seus servidores mais credenciados haviam sido afastados por nós e ele se vira ante a contingência de entrar em ação pessoalmente.

Acontecia que já há algum tempo vínhamos trabalhando junto ao seu grupo e, pouco a pouco, seus companheiros foram cedendo e abandonando as lamentáveis tarefas a que se entregavam. A reunião da semana anterior fora decisiva. Comparecera aos nossos trabalhos uma das importantes figuras da sua organização. Antes, porém, de vir a nós, haviam combinado entre eles um esquema de proteção, segundo o qual um grupo de companheiros selecionados ficaria reunido em cerrada concentração lá, na intimidade de seu reduto, a fim de dar-lhe o apoio vibratório necessário. A ideia era *protegê-lo* do que sempre chamam de nossas *artimanhas*. Assim foi feito. O manifestante estava como que ligado mentalmente ao grupo de apoio reunido para sustentá-lo. Acontece que os nossos mentores espirituais aproveitaram o mesmo dispositivo de comunicação entre eles para fazê-los ouvir todo o diálogo travado entre o Espírito e o doutrinador. O impacto causado entre eles pela inesperada regressão da memória do companheiro os deixou completamente aturdidos e houve certa debandada, porque o que mais temem esses desatinados irmãos é o implacável confronto com as suas realidades íntimas e a conseqüente perspectiva de recuperação através da dor.



Fazem eles o possível para prorrogar o quanto possam a permanência no mundo espiritual nas instituições das sombras onde servem, porque enquanto ali estiverem estarão ao abrigo da terrível “inimiga” — a dor.

Contou-nos, pois, o autoritário companheiro que ora nos visitava que tudo fizeram para *desligar os alto-falantes* que, misteriosamente, transmitiam-lhes o debate da semana anterior. Fora tudo em vão e resultara em verdadeiro desastre para a comunidade já desfalcada de alguns dos seus mais eficientes elementos.

Por isso tudo, ali estava agora diante de nós o chefe supremo, o comandante, com toda a sua irritação. Não que se considerasse derrotado. Longe disso! Estava firme, mais autoritário do que nunca.

Segundo nos contou, passara toda a semana a estudar-nos, para saber com quem iria encontrar-se naquela noite, e, naturalmente, para planejar a sua estratégia, como um bom e valente general em campanha. Como não tinha mais os seus *fichários*, porque os subordinados que os mantinham haviam sido afastados, ele viera estudar nos. Mas não apenas isso: visitara amigos seus em outras instituições que, segundo ele, nos conheciam melhor. Debateram o assunto, consultaram fichas existentes em outras organizações, mas o problema era mais difícil do que ele antecipara.

A pessoa a quem ele visava especificamente não era nada fácil de ser aliciada, muito embora, na concepção daquele arguto *general*, todo homem tenha o seu preço. Qual, porém, seria o preço daquele a quem ele buscava interessar nos seus planos? Que desejava ele? Que ambicionava? Quais eram seus sonhos, seus anseios, suas aspirações? Sabiam de suas mágoas, de suas aflições e dificuldades, mas quanto às demais perguntas, diz ele, a ficha só continha pontos de interrogação. Havia mesmo prêmios para aqueles que conseguissem substituir algumas daquelas mudas anotações por palavras concretas. Como, por exemplo: ele deseja ser chefe disto ou daquilo? Pretende tornar-se famoso com algum trabalho de pesquisa ou com obras literárias? Quer dinheiro? Posição social? Destaque? Ou deseja afastar algumas pessoas de sua vida? Enfim, qualquer coisa serviria de ponto de apoio para uma proposta, porque, no seu entender, tudo se resolvia numa proveitosa troca de interesses.

Como, porém, convencer aquela criatura a aceitar alguma coisa em troca do que eles precisavam?

Mesmo assim, num gesto terminal, como quem joga tudo o que tem, trouxe alguns planos para discutir conosco. Neste ponto interrompe o

diálogo e dirige-se a alguém a seu lado com um comando seco e curto:

— Me dá isso aí, meu filho. Não. Não. Esse outro. Essa prancha aí.

Tomou-a nas mãos, abriu-a sobre a mesa e explicou que se tratava de um esquema de trabalho. Não era propriamente um organograma, embora pudesse parecer-se com um — tratava-se da representação de *esquemas ideográficos*. Parou, um tanto em dúvida. Será que estávamos entendendo? Em vez de distribuir posições, ou mesmo funções, estava caracterizando *ideias*. Para administrar um desses pontos ideográficos contava com um de nós, que, segundo ele, serviria de *porta giratória*. Enfatizou bem a expressão, dizendo que não era uma porta comum, mas *giratória*; escusou-se, contudo, de explicitar a sua imagem neste ponto.

Infelizmente, todo aquele planejamento fora inútil porque não reconhecia em nós autoridade suficiente para exercer a função exigida no tal esquema. Embora dispuséssemos de outros predicados que considerava positivos — gosto pela pesquisa, tirocínio, por exemplo — mas não tínhamos suficiente energia. Ele precisava de gente dura, firme, que soubesse mandar, dar ordens, pois, afinal de contas, eles lidam com espíritos de nível tal que precisam de muita disciplina. Estava, pois, algo desconcertado.

O cerne do problema, contudo, não era esse, e por isso muitos cometem o engano de subestimar a inteligência e habilidade desses companheiros desarvorados. O que realmente estava acontecendo é que ele perdera toda a sua estrutura, assistira impotente ao seu inexorável desmoronamento. Estava praticamente sozinho e só lhe cabia *entregar-se* (expressão adequada para um comandante) ou *aliar-se ao inimigo*, ainda que provisoriamente, para que, no momento oportuno, pudesse livrar-se dele também. Seu secreto objetivo, portanto, era atrair-nos para os seus planos, acenando-nos com belas posições e estimulando-nos com elogios bem estudados.

Pouco adiante, aliás, admitiu isso, em parte. Nosso doutrinador lhe disse com honesta franqueza que ele não tinha mais condição de fazer o trabalho que ali estava planejado.

— Com o seu grupo eu poderia — responde ele com franqueza identicamente honesta. — Apoiaria o meu trabalho no seu grupo.

Não. Infelizmente para ele, não aceitávamos a sua proposta. E mais ainda: sabíamos que toda a sua empáfia resultava de mero jogo cênico. Reconhecíamos a sua bravura — ele lutara valentemente e estava tentando demonstrar que perdia com dignidade.

Disse-nos que, certa vez, quando encarnado, passara três dias e três

noites sem dormir na cabeceira de uma mesa de conferência. Seus colaboradores se revezavam porque não suportavam seu ritmo de trabalho. (Por este episódio, creio que o identificamos).

Confessava-se agora sozinho. Nunca pensara estar cercado de covardes. Como pudera tolerá-los por tanto tempo? Alguns foram seu braço direito aqui na terra. Outros lhe deviam até a vida. Só porque ouviram falar em dores, abandonaram tudo, apavorados. Não fosse o que chamava de nossa *coação moral* sobre os seus comandados (o incidente dos alto-falantes) e estaria tudo bem.

O doutrinador lhe sugere, então, que exerça sobre nós idêntica coação moral e nos obrigue a fazer o que ele deseje.

— Seria uma humilhação para mim — responde ele do alto do seu tremendo orgulho. — Eu não preciso coagir; *eu ordeno!* Só os fortes vencem.

Não tem, contudo, como nos ordenar que aceitemos a participação nos seus planos. A essa altura, sabe que a sua estratégia falhou, mas ainda está firme e se mantém autoritário, inquebrantável.

Neste ponto o doutrinador se levanta para orar e, como de hábito, coloca-se ao lado da médium que mantém o espírito incorporado. Sua reação é imediata:

— Sente-se! Não costumo ter ninguém acima de mim!

Além do mais, as vibrações do doutrinador lhe causam uma sensação de calor e mal estar. Volta-se novamente para o seu ajudante de ordens e lhe diz:

— Não precisa, não. Não vou utilizar.

Seria o planejamento alternativo? Não sabemos. Ele apenas comenta que algo que o *menino* disse o levou a pensar numa tolice tão grande... Qual teria sido?

Vai se irritando mais e mais com a posição em que se encontra ante o doutrinador. Incomoda lhe alguém acima dele, ainda que no mero posicionamento físico, ocasional.

— Não estou acostumado a olhar e ver um rosto acima do meu. Olham-me de baixo.

Sua mente ainda se ocupa com as dificuldades em atrair para seus interesses a pessoa de que precisava. Fica numa espécie de solilóquio a pensar alto: aquela pessoa é indecisa, fraca, sem objetivos, sem *leitmotiv* (a expressão é sua). Quem nada deseja é morto. O que se pode oferecer a quem nada quer? Tudo é troca. Ninguém faz nada sem troca. Todo homem tem seu preço. Quem é, afinal, aquela criatura? É um titã da mitologia? Um habitante do

Olimpo? Um nume? Basta-se a si mesma?

Mas o enigma persiste e ele não tem mais alternativa a oferecer. Aliás, oferecer o quê, a quem nada quer?

Sua filosofia é a mesma de sempre: o homem é livre para escolher o que melhor lhe parece. O Espiritismo insiste em cercear essa liberdade com os seus postulados coercitivos. Para que existe o livre arbítrio? Não é para se fazer tudo quanto se queira? Nem Deus nos impede, diz ele. Por exemplo: Por que condenar uma mulher que se recusa a ter um filho? Não é um direito que ela tem?

Reconhece, porém, que a essa altura é inútil falar.

— Que faço eu agora? Sozinho! Eu, de repente, fiquei sozinho! Estou caminhando por uma trilha que não sei onde vai dar.

Pela primeira vez parece tomar consciência dessa posição totalmente inesperada. Habitado a expedir ordens, a comandar, a dirigir, sente-se completamente perdido ao perceber que não tem mais a quem dar ordens, mas o orgulho permanece intacto:

— Não me *considero* grande — diz ele a uma interpelação do doutrinador — *Eu sou* grande!

Diz ter tido grandes amigos e trabalhado com grandes homens, pois *os semelhantes se atraem*.

Acha que o homem precisa crescer, ser grande, pois somos parte integrante da grandeza de Deus, temos que buscar a grandeza.

É evidente, contudo, que se sente perdido, pois resolve recorrer a uma prece — à sua moda, naturalmente. É assim:

— Ser Divino que controla todas as coisas: Fui criado à tua imagem e semelhança para crescer para tua maior glória.

Chamaríamos isso de a *prece do orgulhoso*. A Divindade é solicitada a sustentá-lo no seu orgulho para que ela própria, a Divindade, também se engrandeça nele!

A essa altura, porém, a indução magnética vai se lhe tornando irresistível, por mais que ele reaja e se recuse a abaixar a cabeça. De repente, mergulha fundo no transe magnético.

É neste ponto que passamos a reproduzir o diálogo.

A primeira fala é dele.

\*\*\*

— O que você quer saber?

— Qual é a sua dor? Por que a sua mágoa com o Cristo?

— Com o Cristo? Eu sirvo ao Cristo. Sirvo ao Cristo aqui na Santa Sé. Eu não estou em dor. É uma riqueza! Tanto ouro!

— O que você faz aí? Qual é a sua posição?

— Sou uma espécie de secretário.

— Mas que faz um secretário aí?

— Faço tudo — diz com um pequeno riso.

— E quem é o seu Papa?

— (Novo risinho irônico). É que ele leva o nome do grande... Pensa que toda essa riqueza que está aí foi ele que botou. Ah! você precisa entrar para ver como isto é rico, como tem ouro, prata, mármore...

— Mas qual é o nome dele? Que nome ele usa?

— É o Inocente (pausa) Terceiro.

— O que aconteceu aí de importante para a sua evolução espiritual? Que foi que você fez aí que o levou a parar nesse período?

— Eu aqui faço muita coisa. Que fiz eu de especial? Não sei. É, talvez porque é tão bonito. Eu amo a riqueza, o luxo. Você tem a impressão de que está caminhando nos próprios salões do céu. Muita gente acredita que os salões do céu sejam pavimentados de ouro.

— E você quando morreu foi para o céu?

— *Eu vou* para o céu. Não morri. Estou vivo. Quando eu morrer vou para o céu.

Do que se depreende que a regressão é total: ele *está lá* e não apenas se recorda. O doutrinador pede que ele se desloque no tempo, a fim de verificar o que mais aconteceu ali, além do seu fascínio pela riqueza do Vaticano. Ele ri novamente e diz:

— Deu uma surra num monge. Eles se dizem monges, mas não são. Não foram ordenados.

— Eles foram lá pedir permissão para funcionar como ordem religiosa, não é?

Não é difícil identificar de quem se trata, porque foi durante o papado de Inocêncio III que o primeiro grupo de franciscanos se dirigiu a Roma para pedir aprovação para as três singelas regras da ordem que então se iniciava. Oficialmente, contudo, não eram *ainda* considerados monges pela Igreja; apenas *se diziam monges*, como diz o Espírito.

Continuemos.

— Sim, mas eles não são ordenados. Como é que podem... (se disserem monges)?

— Você os levou ao Papa?

— Eu permiti. Sou o secretário.

— E por que você bateu?

— Sim, bati num deles. Bati porque, ora... Bati, mas não foi aqui, não. Não foi aqui dentro. Porque isso é uma subversão da lei e da ordem.

— Mas precisava bater?

— Sim, porque é preciso dar o exemplo. Eles abominam tudo isso. E ele foi recriar-me porque consegui que uma rica família fizesse doações. Eu queria mandar fazer uma escultura de Nossa Senhora, toda de ouro maciço. E precisava de doações para fundir e formar a estátua da Virgem.

— E ele te recriou por isso?

— Bom. Ele descobriu umas coisas a meu respeito. Descobriu que eu... bem... Ele já está morto. Então posso falar. Ele descobriu que eu passava apenas um terço das doações para o livro e ficava com o resto para mim. Primeiro ele me fez um sermão sobre a pobreza. Influenciado por aquele louco, magro e que nem se alimenta... (O próprio Francisco). Acho que o que ele tem é fome, sabe? Enlouquece todo mundo; uma figura assim estranha, esse rapaz. Primeiro ele quis me pregar um sermão sobre a pobreza, e como ri na cara dele, ele ameaçou que iria dizer às famílias o que eu estava fazendo, porque eu estava, como ele disse, manchando o nome da Igreja de Deus, da Virgem, da Santa Virgem. Ele acha que a Santa Virgem... Parece que eles cultuam a Santa Virgem. Eu não tenho nada contra ela, mas ela está lá no Céu e a gente tem que viver aqui na Terra.

— Mas e daí, o que aconteceu? Você o agrediu?

— Eu o agredi, porque ele descobriu que eu tinha um lar secreto.

— E ele morreu?

— Eu tinha que silenciá-lo, porque não podia perder a minha posição. Tive que silenciá-lo.

— Como foi? Com veneno?

— Não. Foi com um punhal. Foi perto de um rio. Depois, amarrei-lhe uma pedra ao pescoço e joguei — duas pedras, uma no pescoço e uma nos pés — para que afundasse o corpo, porque não posso permitir que ninguém fique no meu caminho. (Sua voz é calma e fria, como se falasse apenas sobre o que almoçou hoje). Sabe porque eu junto todo esse ouro? Tenho, sim, uma família secreta de que ninguém sabe.

— E você tem filhos?

— Tenho. Uma filha. Coitada! Filha de Padre! Não pode nem ter um

nome. Mas ninguém sabe. Eu sou o tio, para todas as pessoas. O que desejo é sentar-me na Grande Cadeira. (Ri)).

— Vamos para frente, no tempo?

— Para frente? Onde é a frente?

— O futuro. Seu espírito sabe. Que aconteceu mais tarde?

— Mais tarde? (Pausa). *Aqui* está tudo frio. Não me sentei na Grande Cadeira. Não nessa vida.

— Meu querido irmão. Isso aí ainda não é a causa principal das suas agonias. Vamos mais para trás, bem mais atrás no tempo, até o ponto em que você possa identificar-se com a figura de Jesus.

Longa Pausa. Ele começa com um vago gemido a sua viagem de volta ao passado remoto. Depois começa a cantar algo e explica que se trata de um ritual.

— Preciso consagrar umas pombas para o sacrifício.

— Você é um sacerdote?

— Sou. O culto de Jeová.

— Você é da lei moisaica, então. Onde você vive?

— Vivo aqui em Jerusalém. Hoje tenho que officiar. Consagrar os pombos para o sacrifício. Um camponês os trouxe.

— Você o conhece?

— Ora... quem conhece os camponeses? São todos iguais.

— O que você faz aí no templo, além disso?

— Sou o segundo sacerdote.

— Quem é o primeiro?

— O primeiro? Quando você fala no primeiro, vejo que não sou o primeiro, mas eu queria ser. Quero ser o dono...

— Me diga, então, o que aconteceu aí de importante? Que época é essa?

— Está escuro. Estou caminhando nas ruas à noite. Vou a um encontro secreto, no Palácio de Herodes.

— Você vai falar com ele? Que você tem em mente?

— Sim. É sobre isto que se fala. Isso que o povo murmura. Que existe alguém que é maior em Israel ou vai ser o maior em Israel.

— E o que você vai propor a Herodes?

— Devemos fazer uma reunião para resolver essa questão. Porque uns dizem aqui que se trata do Rei de Israel, mas eu não creio nisso e quero chegar a ser o Primeiro Sacerdote. Não vou permitir que nenhum estrangeiro venha me ameaçar. Mesmo que seja um menino.

— Por que estrangeiro?

— Porque ele é estrangeiro. Qualquer um que queira tomar de assalto a autoridade só pode ser estrangeiro.

— Mas você conhece o menino?

— Não. Estou tão confuso... Não quero me lembrar. Estou confuso. Não sei...

É evidente que reluta e teme o impacto das recordações ressuscitadas.

— Não sei. Estou confuso. Quero dormir. Deixa-me dormir.

— Sim, você vai dormir, mas primeiro precisa recordar-se de tudo o que se passou aí para você libertar-se da sua fixação nesse período. Vamos. Coragem. Vamos te ajudar. O que foi que aconteceu?

— Ouço choros e lamentações. Estou enjoado. Eu também fui responsável por essa matança.

— O que foi que você fez?

— Por favor, estou confuso. Sinto um redemoinho de coisas na minha cabeça. Não sei. Estou confuso.

— Não vamos forçar você a dizer aquilo que não quer dizer. Está entendendo? Só queríamos deixar bem presente no seu espírito que essas agonias, essas dores, essas faltas, esses erros, não podem...

— Estou perdido no tempo. Onde estou? Sinto o cheiro de tanto sangue! Mas de quem é esse sangue? Me foge. Estou confuso...

— Se você acha que é preciso lembrar-se disso, você pode lembrar-se.

— Estou confuso. Ouço uma mulher que chora. E o choro dela me aflige. Me aflige muito. Mas o que é isto? Estou perdido no tempo. Quem sou eu?

— Por que não posso aceitar esta seita? — prossegue ele. — Sim, esta seita. Estou velho. Mas sinto nesta seita uma ameaça às nossas Leis, às nossas tradições. O Torá tem que ser preservado.

— Está, portanto, localizado no tempo. Sabe quem você é, e sabe o que fez...

— Assinei muitas sentenças de morte contra seguidores da seita.

— E como foi que terminou isto?

— Muitos traíram nossa confiança.

— E nada disso tocou o seu coração? Mandou também matar amigos, parentes e companheiros?

— Sim. Era uma doença dentro de mim. Era um fanatismo. Apedrejei e vi apedrejar muitos amigos meus. Traí amigos que me vieram em confissão.



Eu os denunciava ao Conselho dos Sacerdotes e os condenava.

— E qual a lição que você tira disso? Nem uma palavra de compaixão, nem um gesto de amor, nem uma afeição mais profunda em seu coração esses séculos todos? Não é possível, meu querido.

— Afeição mas profunda? Como?

— Você nunca amou?

— Eu amei, mas quem me poderia amar depois de tudo o que fiz?

— Venha aqui para nós, neste momento em que estamos aqui a conversar. Procure lembrar-se daqueles seres que você conheceu.

— Estou sozinho, sempre fui sozinho. Não tive amores. Eu era muito egoísta para ter amores.

— Nem mais recente, em outras vidas?

— Não creio no ser humano.

— Sim, mas naquela vida na Itália você tem uma filha. Não era uma afeição em seu coração?

Ele responde com a mesma voz impessoal e pausada:

— Era o produto de um ato físico.

— Mas não tinha uma alma? Não era um espírito?

— ... Eu só tive um amor — a paixão pelo poder, por ser o primeiro, por estar em cima, por ser quem manda, por ter os destinos nas mãos.

— E agora? O que você conclui disso tudo? Você conseguiu o que queria? Ou vai conseguir? Pretende continuar essa luta inglória?

— Acho que durante muito tempo, porque não podia criar, eu mandava matar. Era uma maneira de ser grande. É horrível, não é?

— São erros muito graves. Erros de perspectiva que você vai precisar ajustar no seu espírito. Conte com a misericórdia de Deus. O Cristo não te abandonou; você é que o abandonou. Você é que não o aceitou.

— Sempre conheci o Cristo na Terra de forma material. O Cristo eram as imagens, o Cristo era o ouro, o Cristo era o poder, o Cristo era um anel. O Cristo era um anel e um cetro. E uma coroa.

— Mas, e agora, com a sua consciência de todo esse passado, com os conhecimentos e as experiências que você tem, você acha que valeram a pena essas agonias todas, o sofrimento que você impôs aos outros e as decepções que você hoje carrega? Não te dá uma vontade de mudar o rumo da vida? Que tal descer desse pedestal e enfrentar as lutas comuns da existência? Buscar a afeição daqueles a quem você espezinhou e maltratou.

— Não posso buscar afeição se nunca a dei.

— Deus sempre te deu o amor que está em você, no seu coração. O Cristo te ama. Nós aqui presentes, somos companheiros seus de lutas evolutivas. Oferecemos, como te disse e repito, a nossa mão, o nosso coração. Fica conosco um pouco até que você possa retomar a sua marcha. Está de acordo?

— Você me trouxe de novo para a Santa Sé... Estou vendo tudo!

— Sim, mas aí não tem nada que te interesse, não é?

— Tem o ouro, o brilho e a coroa que eu desejo.

— Você chegou a conquistar essa coroa?

— Não. Eu vi o terceiro sair e o quarto Inocêncio. E eu continuei secretário. Eles queriam um mero criado! <sup>1</sup>

— Mas você conviveu também com espíritos generosos, como o nosso Francisco, a quem você conheceu pessoalmente. Certamente eles têm interesse em te ajudar e em ver seu espírito libertado dessas prisões de vaidade, de ambição, de poder. Você deve contar com eles para o ajudarem a sair disto. Conte com as nossas pequenas forças também, com as nossas preces, nosso respeito pela sua dor, pelas suas angústias. Está bem?

— Conheci a Inquisição por dentro. Tive uma posição de destaque e novamente mandei tanta gente para a morte e o martírio!

— Agora chega, então. Não é?

— Conheci Savonarola<sup>2</sup>. Foi grande e eu o invejava porque ele era grande. Estive sempre dentro dessa Igreja. Oh, você vai me condenar, não é? Estive presente também no Auto de Barcelona na queima dos livros<sup>3</sup>. Queimei feiticeiras, mulheres assim chamadas. Sou um sanguinário...

— Meu querido, por favor, agora é tempo de parar para reconstruir.

— Minhas mãos são sangue correndo. São fontes de sangue. Sangue...

— Isso não faz de você um ser desprezível para nós; apenas uma criatura que desejamos ajudar. Você vai ficar conosco. Está bem?

— Tenho medo de tocar as coisas com as mãos. Minhas mãos só sabem destruir. Tenho medo... Não toque em mim! Só sei destruir. Não aprendi a fazer mais nada. Minhas mãos estão viciadas — só sabem matar!

Começa a soluçar e dali a pouco desata-se, afinal, o pranto sentido, convulsivo, desesperado. Rompeu-se a última barreira.

— Não! Só sabem matar! Minhas mãos são facas, são punhais, são veneno! Eu me escondi na falsa grandeza tanto tempo porque tinha medo da minha pequenez. Tinha medo... Inflei-me por fora porque tinha medo de

olhar-me por dentro e só ver sangue, destruição. Existe lugar para mim? É preciso fazer um inferno para que eu viva lá.

— Existe, sim, um lugar para você em nosso coração.

— Como posso eu, um monstro, olhar para alguém? Vão colocar-me numa prisão, vão cortar-me as mãos porque senão voltarei a matar.

— Não; Não vai. Você tem uma experiência muito grande e os mesmos talentos e as mesmas energias...

— Meu amigo, convivi tanto com esse conhecimento de mim mesmo... Por isso eu tinha medo. Por isso eu fugia. Por isso tinha medo da sua doutrina, porque quando a conheci, quando li aqueles livros em Barcelona, foi como que uma convulso dentro de mim mesmo. Eu via que havia ali tanta verdade! Eu não sabia dos meus males, mas lia e, de alguma forma, eu sabia. Eram condenações e eu tive medo. Por isso ajudei a queimar, por isso incentivei para que se queimassem, na tola ilusão de fugir da minha própria consciência. Você vê o que eu sou? É isto que eu sou...

— Não, meu querido. Vejo em você, como em todos nós, os erros cometidos, mas vejo também...

— De repente... Meu Deus! Estou sumindo! Estou encolhendo! Estou encolhendo! Eu não tenho mais forma! Não sou humano! Sou um monstro... Não, meu Deus! Não me castigue assim, meu Deus! Me mata, meu Deus! Me destrua, mas não assim... Ai... você vê? Eu não sou humano! Sou um monstro de sangue e destruição. Sou um monstro... sou um monstro...

Poucas vezes testemunhamos tamanho desespero. A sua voz foi morrendo aos poucos num prolongado gemido sincopado. Subitamente esvaziado daquele colossal orgulho que o mantinha numa postura artificial, mas muito real para ele, seu espírito viu-se em toda a miséria da sua pequenez e mesquinharia. No seu próprio dizer, a grandeza era apenas um balão que ele mantinha bem inflado para não olhar para dentro de si mesmo e ver como era insignificante. Grandes eram somente os seus crimes, as atrocidades, as loucuras. Derrubada aquela estrutura de condicionamentos, ele se vê tal qual é: um monstro, que não consegue manter a aparência humana. Já nem ouve a nossa palavra de consolo e esperança, porque mergulha fundo no inferno interior que construiu para si mesmo.

Nossa emoção é intensa. Ajudamo-lo com passes e com uma sentida prece para fortalecê-lo naquele momento de suprema angústia. Para onde vai? O que o espera? Como vai emergir desse caos íntimo em que mergulhou? De que maneira renascer? Mutilado, deformado, alienado, esmagado,

aparentemente, pelo “destino”. Certamente séculos de dores o aguardam, mas, ainda e sempre, terá em si a partícula sagrada do amor que Deus colocou em todos nós ao nos criar. Por onde quer que ele siga, a luz seguirá com ele. No entanto, é preciso apagar por algum (longo) tempo a luz da inteligência, retirar-lhe o poder de se servir das mãos, talvez bloquear lhe a palavra ou a luz dos olhos. Não sei. Disse-nos ele não ter amores, mas ninguém é assim órfão de afeto. Em algum ponto do Universo alguém o ama,. É hora de tomá-lo nos braços e ajudá-lo na lenta e penosíssima escalada.

Por muito tempo ficaram em nossa lembrança as aflições desse querido companheiro. Que tremenda rede de desenganos, meu Deus! O processo da sua dissonância, não tanto com o Cristo pessoalmente, mas com tudo o que o Cristo ensinou e tudo quanto ele significa é uma das coisas mais trágicas que temos presenciado. Ajudou a tramar a chamada *matança dos inocentes*, da qual nos fala Mateus. Viveu o suficiente para ver o Cristianismo nascente e contribuiu para a tortura e a execução de muitos que haviam resolvido seguir o que chama de “a nova seita”. Daí em diante, viveu continuamente dentro da Igreja, em busca de posições de relevo, da pompa, do ouro, do poder. Serviu aos Papas com os olhos da ambição postos na “Grande Cadeira”.

Em Francisco de Assis viu apenas um jovem desvairado, cujo problema, no seu entender, era a fome. Na Inquisição voltou para continuar matando e torturando. Já no século 19, em Barcelona, não se queimava mais gente, mas ainda se podia queimar livros. Foi o que fez, ao participar do famoso Auto de Fé. Antes, porém, confessa ter lido aqueles estranhos livros (de Allan Kardec), que causaram no seu espírito o impacto de uma convulsão íntima. Ele sentia ali o vulto imenso da Verdade, mas descera tão fundo no poço dos crimes que o medo daquela realidade levou-o a condenar o quanto antes os livros, na esperança de que as labaredas consumiriam também os seus remorsos.

Suas vidas são uma trágica sequência de crimes. Há nelas, contudo, uma assustadora coerência na linha de ação: buscar a grandeza para fugir à tremenda realidade da sua mesquinhez espiritual; parar a Doutrina de Jesus no tempo e excluí-la do espaço mental dos seres humanos, porque ela nos lembra a cada instante as nossas responsabilidades e queimar livros que traziam de volta uma renovação do Cristianismo. Não porque fossem mentirosos, mas precisamente porque eram verdadeiros. Finalmente, o trabalho de demolição do Espiritismo como Doutrina e como Movimento,

através do envolvimento de pessoas desavisadas. Que doutrina horrível essa que chama a nossa atenção para o carma, demonstra a lei de ação e reação e ensina que a criatura responde rigorosamente por tudo quanto faz. Nada disso. O homem deve ser livre e grande, fazer o que entender, usar, enfim como lhe aprouver, o seu livre arbítrio, dádiva de Deus.

Antes de encerrar esta narrativa, leitor, façamos uma pausa, não para expressar o nosso santo horror por aquele que, no seu próprio dizer, se julga um monstro, mas para enviar-lhe um pensamento de fraterna afeição, de honesta e sincera compreensão. Mesmo que não possamos carregar por ele a sua cruz, não coloquemos sobre seus cansados ombros o peso do nosso horror. Nosso pensamento de carinho há de fortalecê-lo nas provações que o aguardam e que tanto ele temia.

NOTAS :

## **INOCÊNCIO**

Treze papas e um antipapa chamaram-se Inocência, desde o primeiro deles, de 402 a 417, até Inocência XIII, de 1721 a 1724.

O antipapa é aquele que a Igreja não reconhece como papa legítimo, considerando-o usurpador, seja porque se apossou do poder pela força, seja porque se elegeu de maneira irregular. Resolvida a contenda, o falso papa é deposto e considerado inexistente, podendo outro tomar-lhe o nome e respectivo número de ordem. No caso dos Inocências isto ocorreu com o terceiro que, eleito em 29 de setembro de 1179, foi deposto e feito prisioneiro no convento de La Cava, em janeiro de 1180, sendo sucedido por Lúcio III.

Em 1198 Lotário de Conti di Segni foi eleito (regularmente) e tomou o título de Inocência III, governando até 1216. É este um dos papas a que se refere o Espírito manifestante.

É de supor-se que o nosso querido irmão tenha vivido longos anos ali no Vaticano, pois ele declara haver conhecido também o próximo Inocência, o quarto, que somente seria eleito em 1243, tendo dirigido a Igreja até 1254. Neste ínterim, três outros papas ocuparam o trono pontifical: Honório III, Gregório IX e Celestino IV.

Não há dúvida de que Inocência III foi um grande papa, como assegura o Espírito. Foi um homem de ação e exerceu o poder com inquestionável

autoridade pastoral e política. Os negócios do mundo eram seus negócios, conforme assegurava a doutrina, ainda recente, de S. Bernardo. Não hesitou mesmo em recorrer à força militar (cruzadas) contra os infiéis (muçulmanos) na Palestina, e contra os hereges (albigenses), no Languedoc.

Quanto à instituição da ordem dos Franciscanos o período é esse mesmo. Em 1206 Francisco deixou a casa paterna e dedicou-se à sua vida de renúncias e de serviços aos pobres. Logo começaram a chegar os primeiros seguidores e quando eram doze, partiram para Roma em busca da aprovação do papa.

Inocêncio III recebeu-os com bondade, mas com sérias dúvidas quanto à possibilidade de viverem aqueles idealistas em extrema penúria de recursos materiais, como propunham. Concordou, contudo, em dar uma aprovação provisória e verbal à nova ordem, cujos membros elegeram logo Francisco como superior e este fez promessa formal de obediência ao Papa.

O frade que o espírito diz ter sacrificado não deve ter sido franciscano e sim alguém que se deixou impressionar pela veemente pregação pelo exemplo, pois era muito impactante o contraste entre a pompa do Vaticano e aqueles pobres sonhadores, maltrapilhos e ascéticos.

## 2 — **SAVONAROLA** (Girólamo)

Brilhante pensador, escritor e orador sacro, nasceu em Ferrara, na Itália, em 1452 e morreu (queimado) em 23 de maio de 1498.

É difícil reduzir a umas poucas frases a agitada vida desse vigoroso espírito, contido à custa pelas rígidas regras monásticas de seu tempo.

Ainda durante o noviciado, no convento de Santo Domenico, em Bologna, já escrevia ele poemas contra a corrupção que lavrara na Igreja.

Tornou-se um dos maiores oradores sacros de seu tempo — senão o maior — mas o conteúdo de sua pregação escrita e verbal começou a inquietar a Igreja, pois chocava-se com frequência com os bem-comportados e assentados dogmas de sempre.

Dotado ainda de notáveis faculdades mediúnicas, era mesmo de esperar-se que acabasse tenazmente perseguido pela cúpula do poder religioso.

Tão intenso foi o seu carisma pessoal que, sem estar credenciado por nenhum mandato político, chegou a ser o virtual ditador de Florença, até que foi preso, barbaramente torturado e condenado à fogueira pelo Santo Ofício.

Manteve até o trágico final seu destemor e sua disposição para dizer exatamente o que pensava. Antes do sacrifício foi degradado, como mandava

o ritual, por dois dominicanos, o Bispo de Vasona e o prior de Santa Maria Novella. Finalmente, o bispo pronunciou a fórmula prescrita:

— Desligo-o da Igreja militante (terrena) e da Igreja triunfante (celeste).

E Savonarola, imperturbável:

— Isso está acima de teus poderes!

O nosso manifestante daquela noite conheceu, portanto, o destemido monge, em outra das suas encarnações e não, obviamente, naquela em que viveu junto a Inocência III.

### **3 — AUTO-DE-FÉ**

O auto-de-fé era um ato público em que pessoas condenadas pela Inquisição abjuravam e eram executadas, geralmente pelo fogo.

O auto a que se refere o Espírito deu-se em Barcelona a 9 de outubro de 1861, por ordem de D. Antonio Palau y Termens, bispo local, e é episódio bem conhecido dos espíritas.

Foram queimados solenemente naquele dia cerca de 300 volumes de livros espíritas importados regularmente da França. Eram principalmente, obras de Allan Kardec, além de um livro mediúnico editado por Joana d'Arc a Ermance Dufaux e, o hoje raríssimo estudo do Barão de Guldenstubbé sobre a escrita direta, além de outros.

Como se depreende da narrativa do Espírito, não foi ele o Bispo Palau y Termens — que, aliás, manifestou-se mais tarde, já desencarnado, lamentando o seu gesto de intolerância — e sim algum prelado que levantou a questão, pois, segundo se conta, o bispo nem se achava na cidade no momento em que as obras estavam já para ser liberadas pela Alfândega, quando alguém interferiu e acabou levando a denúncia a ele.

O assunto vem tratado pelo próprio Kardec na REVISTA ESPIRITA de novembro de 1861, número 11, sob o título OS RESTOS DA IDADE-MÉDIA.

## O OCEANO E A GOTA D'ÁGUA

Conforme ficou dito alhures neste livro, não cuidávamos especificamente de casos de obsessão em nossos trabalhos. Eventualmente, porém, eram trazidos ao nosso grupo alguns problemas pessoais, como também já vimos.

O relato que se segue é um desses. A pedido de alguém da família, inscrevemos o nome de uma moça em nosso caderno. Não tomamos conhecimento pormenorizado da situação dela. Sabíamos apenas que era uma criatura atormentada e emocionalmente desequilibrada, que vivia sob terrível pressão de adversários desencarnados. A partir de certo momento, começaram eles a ser trazidos ao nosso grupo. Dois deles eram ex-escravos que em tempos outros ela mandara torturar barbaramente, aqui mesmo no Brasil, em existência anterior. Tivemos também o curiosíssimo caso de um chinês que se especializara em torturas e fora como que “contratado” para exercer sua tarefa junto dela.

Disse-nos ele que na sua antiga pátria pertencera a uma organização que se incumbia de punir severamente criminosos que escapassem às malhas da lei. Pelo que depreendemos, constituíam algo assim como um remoto e implacável “esquadrão da morte”. Fazia aquilo com a maior tranquilidade e senso *profissional*, se assim podemos dizer. Seu único escrúpulo era verificar se a pessoa a ser torturada era realmente culpada, pois não queria punir inocentes. A responsabilidade pela punição, a seu ver, se é que havia alguma, cabia aos juízes que condenavam a pessoa. Ele era apenas o instrumento da penalidade decretada em sentença. Não podia, pois, entender por que estávamos interessados em “defender” a moça e muito menos com ele. Se tínhamos algo a dizer que nos dirigíssemos aos promotores e juízes que examinaram seu processo e a condenaram.

Era, contudo, uma pessoa razoável e demonstrou, posteriormente, lucidez e bom nível de conhecimento. Falava manso e com invariável polidez, utilizando-se de imagens típicas da mentalidade oriental. Por fim, fazendo uma concessão à cerrada e delicada argumentação do nosso doutrinador, resolveu propor uma saída honrosa. Sabia, disse ele, que um de nós estudara por curiosidade o *I Ching*, o famoso e antiquíssimo oráculo dos chineses.



Disse mesmo que não o entendíamos, mas que o respeitávamos, o que denotava certa dose de sabedoria de nossa parte. Uma vez que tomávamos as dores da moça, deveríamos consultar o *I Ching* para saber se ela era culpada ou não. Não era esse, contudo, o aspecto mais importante para nós, pois é evidente que sujeita como estava a tantos atormentadores, claro que a moça era culpada perante a lei divina.

O Cristo não disse que o pecador se torna escravo do pecado e não sai de lá enquanto não houver resgatado até o último centavo da sua dívida?

O doutrinador fez-lhe uma contraproposta, dizendo-lhe inicialmente que a moça não estava em julgamento ali e não tínhamos como absolvê-la ou condená-la, mas por que *ele* não consultava o *I Ching* para saber se ele estava certo em persegui-la?

Ele aceitou a proposta, confessando honestamente que não havia pensado nisso. Na semana seguinte voltou para dizer que se retirava do caso. Foi para ele um verdadeiro despertamento aquilo. Estava perplexo e nos dias que antecederam a sua segunda visita ao grupo, meditou longamente, e com a profundidade típica dos chineses, sobre muitos daqueles aspectos que até então lhe haviam passado despercebidos. Tivemos um diálogo maravilhoso e ele se despediu como verdadeiro amigo e irmão. Impressionou-nos sobremaneira a lucidez e franqueza com as quais examinava a si mesmo. Guardamos dele uma funda e comovente lembrança.

Na semana seguinte ao segundo diálogo com o amigo chinês, tivemos o caso que aqui vai relatado. O problema era ainda a jovem atormentada, que parecia ter no seu encaixo verdadeira multidão de seres sedentos de vingança e encharcados de ódio.

Este era um deles. Tenazmente apegado ao monoideísmo da vingança, ficava a girar indefinidamente em torno dos conceitos típicos de todos os vingadores. Era rude e truculento no falar, firme e positivo e, respeitado o seu contexto, bastante racional na irracionalidade de seu rancor, se assim podemos dizer. E foi logo definindo claramente sua posição, bem diferente — disse ele — daquele “chinês frouxo” que o precedera:

Eu não tenho medo de ninguém e também não trai ninguém porque sou franco mas também sou fiel. E vou dizer mais uma coisa pro senhor aí: não vai adiantar nada... Pode falar. Se é aquele negócio que o senhor está tratando (o caso da moça), vou dizer logo de saída: Olha, de onde estou não arredo o pé. Eu sei porque estou lá. Tenho meus motivos: não estou lá a toa. Se estou na situação que estou, se fiquei na situação que fiquei, é porque aquela

criatura foi quem me botou como estou. E me botou sabendo que ia botar e fez porque quis fazer; porque é ruim mesmo, porque é uma cobra jararaca... Olha, não é nem jararaca — é pior. É pior! Você tem aí uma cobra que é... eu esqueço o nome que vocês dão... Acho que é urutu. Uma cobra que fica de tocaia, esperando com o bote armado. E pode ficar ali dias inteiros de bote armado. E quando você passa, é aquele bote; é aquela dentada que não tem jeito porque o veneno dela não tem cura. E eu estou sabendo porquê. EU fui mordido. Então estou sabendo o que estou fazendo e não arredo o pé. Ninguém me faz arredar o pé dali. Nem Jesus Cristo! E digo mais: não adianta nem começar a falar e vir com nome de Jesus pra cá, porque já estou cansado de saber... Eu conheço Jesus. Ele não passou pelo que estou passando, pelo que passei para chegar onde estou. Jesus não tem nada com isso... Então, não se meta nos meus negócios! O negócio é meu com ela! Está entendendo? Então, agora o senhor pode falar. Pode fazer sua defesa, pode pedir, pode pedir o que quiser porque eu... EU, José Francelino das Neves — que foi um dos nomes que eu tive — eu, EU que estou lhe falando, não arredo o pé dali. Nem que o senhor me mande um castelo de ouro. Dali eu não arredo o pé! Já sei que o senhor vai dizer aí: pra que o senhor, um morto, quer um castelo? Então já vou entrar na sua jogada. Nem com o céu! Me mostre a minha mãe de joelhos. Nem que o senhor bote aí uma que já foi minha filha pra pedir de joelhos, uma que já foi minha mulher... Eu não saio! Eles podem ter perdoado; eu não perdoei. E eu não perdoo! Compreende? E não adianta dizer que eu tenho culpa no cartório. Tendo ou não tendo, não tem nada que ver. Posso ser o cabra pior que existe, com o pior crime, que nem por isso vou perdoar aquela que fez um crime contra mim. Quem acha que eu cometi crime que me cobre, como estou cobrando. E não adianta ficar cavoucando para mostrar coisas (regressão). Quem tiver alguma coisa contra mim, estou aqui, venha cá e cobre. Eu estou cobrando e vou cobrar. Faça o que eu estou fazendo. Estou cobrando e vou cobrar.

Por essa crua amostragem pode-se avaliar a veemência de suas emoções e da sua obstinação na vingança. O doutrinador chama a sua atenção com bons modos, mas com firmeza, para as referências ao Cristo que nos parecem desrespeitosas, mas não pode deixar de reconhecer que é difícil demovê-lo de sua atitude. Ele sabe muito bem que só está conseguindo cobrar dessa maneira porque a moça em outro tempo errou gravemente contra ele e, portanto, é culpada. Disso sabemos e o admitimos, mas ele não quer considerar a recíproca, igualmente verdadeira: quando ele sofreu nas mãos

dela, ele era culpado de alguma falta grave anterior. Isso não interessa a ele. Se está reabrindo o ciclo para expor-se à uma nova rodada de vingança posteriormente, não é problema que o aflija. O que importa agora é massacrar a criatura que tem em seu poder, pois agora a vez é dele.

— Vocês são engraçados — diz ele a certa altura. — Quando vocês tem uma contenda aí (na carne), vocês correm logo para o advogado, contratam advogado, mandam para a justiça, vão cobrar o que é devido, vão fazer tudo direitinho, preto no branco. Agora, quando chega a vez da gente, que tem uma cobrança e chama advogado e bota lá... Vocês vêm: “Ah! não, você não pode ir cobrar. Você tem que perdoar!” Como é que vocês dizem isso, se aí, com uma coisa à toa — dinheiro — vocês brigam por dinheiro e vão para a justiça por causa dele? Vão pra justiça por causa de mulher que trai o marido; vão pra justiça pra tudo! E porque a gente não pode?

— Mas estamos dizendo a você que não pode?

— Digo porque já estou sabendo do que se trata. Agora o senhor pode falar. Pode falar que vou escutar. Eu estou aqui porque eles me disseram: “Vai lá porque eles estão defendendo a moça...”

Fazemos aqui uma pequena pausa necessária para um esclarecimento adicional. O caso desta moça levou-nos a travar conhecimento com uma estranhíssima instituição do espaço, organizada e mantida por juristas desencarnados, tudo como na terra: advogados, promotores, juízes, meirinhos, códigos, leis, jurisprudência, processos, tudo, com uma única atrofia, se assim podemos dizer: raríssimos advogados de defesa, a não ser uns poucos, admitidos em causa própria e uns tantos, mais raros, *ad hoc*<sup>\*\*\*</sup>, ou melhor, voluntários.

O mecanismo é o seguinte: qualquer pessoa que tenha uma queixa contra outra, apresenta seu caso a um perito-examinador. Suponhamos que tenha sido vítima de uma torpeza qualquer: traição, roubo, tortura, vingança... Inicia-se um processo que vai, em primeiro lugar, a um departamento ou grupo especializado em coleta de informações. O objetivo aqui é saber se a queixa é autêntica e se a suposta vítima tem mesmo razão de apresentá-la, mas também para saber se naquele processo que ali se inicia não está envolvida alguma pessoa da própria instituição ou que alguém ali tenha interesse em proteger. Cumprida essa formalidade inicial, o processo sobe a instância superior, onde são examinados os fundamentos jurídicos e demais aspectos colaterais e subsidiários. Nesse ponto, quando possível, o acusado é solicitado a comparecer para defender-se ou, pelo menos, alegar suas razões.

Tem para isso sete dias. Magnanimamente os juízes deixam aberta a opção para algum voluntário — advogado, naturalmente — assumir o encargo da defesa, o que raramente acontece. Decorrido o prazo, o processo vai a julgamento e o juiz prolata a sentença, claro que condenatória, com os melhores fundamentos e nos melhores termos jurídicos, mas que resulta, em suma, no seguinte: Sim, a culpa do acusado está caracterizada. Pode exercer sua vingança à vontade, contratando, inclusive, quem desejar para ajudar.

Obviamente o caso é tomado como uma ocorrência estanque, ou seja, não são examinados os antecedentes, ninguém cogita de saber como e por que o acusador agora se apresenta como vítima para converter em vítima seu antigo algoz. A questão é posta em termos simples, duros e crus: está caracterizada a dívida. Que seja cobrada.

É por isso que o nosso Francelino fala em advogados, tribunais, cartórios e juízes. Mas, continuemos.

— Disseram para mim — informa ele — “Vai lá (ao nosso grupo), mas você já vai sabendo do que se trata. O que se trata é isto: Fulana, aquela Fulana, está lá porque está pagando o que deve e porque foi julgada de acordo com as leis de Deus. Deus não é maior? É. Não é Deus que governa o Universo? É. Então, se Deus é maior e se é Ele que governa o Universo, ela está lá porque Deus quer que ela esteja lá. Eles vão dizer: Coitadinha, pobrezinha, não sei quê. Estou dizendo isso para o senhor saber exatamente qual a minha posição... Pode falar, agora. Manda a primeira pergunta ...

Como se vê, o nosso caro irmão está obstinado, e não quer nem pensar na hipótese de que se Deus permite o sofrimento da moça agora porque ela errou contra ele, também permitiu o dele antes porque ele errou contra alguém. Isso não vem ao caso agora. E para botar um ponto final:

— O que interessa é que agora é minha vez de cobrar. Ela me cobrou? Não importa. Quando ela cobrou o problema foi dela. Agora o problema é meu e eu estou cobrando. E fim de papo!

— Então, você quer é cobrar, pagar não! Na hora de pagar, não. Você se vinga na cobrança. Como é isso?

O argumento parece impressioná-lo um tanto. Ele não sabe explicar-se e se classifica como um ignorante que está ali para escutar, pois é um bronco. O doutrinador começa mansamente a levar o diálogo para o terreno pessoal das lembranças, tentando saber como se passou a história que o levou ao desespero da cobrança inexorável. Ele ainda foge, mas está mais calmo e até mais receptivo. Temos cuidado em não isentar a moça de suas culpas perante

ele, pois ela realmente é culpada, mas por outro lado, não desejamos e não podemos botá-la em julgamento. Ele chega mesmo a admitir que essa história de ficar um a cobrar do outro indefinidamente tem que chegar a um fim. Alguém tem que começar a pensar numa saída, isto é, um dos dois.

— Até concordo com isso. Concordo que alguém tem que começar a pensar. Só que desta vez não sou eu.

Cautelosamente, a história começa a desdobrar-se.

— Essa criatura que está aí — diz ele — é infernal! Ela, os parentes dela todos. Ali é tudo farinha do mesmo saco. E farinha de mandioca podre!.

— Mas você não está no mesmo saco também? Está.

— Está bom, você quer saber, não quer? Vou contar. Olha, conheci essa dona num tempo (em) que ela era fazendeira. Aliás, quase todo mundo que está lá conhece ela. Tem gente que conhece ela de outro tempo (outras existências), quando ela não era fazendeira. É que ela sempre foi gananciosa... Mas isso não interessa, não, porque nessa outra eu não estou. Nesta eu sei que estou. Ela era, então, fazendeira. Aliás, ela não era; quem era fazendeira era a mãe dela. E eu... Olha! é um negócio complicado... É um negócio *muito* complicado... Eu... não eu, mas meu pai, era vizinho deles. Meu pai era mais rico do que eles, tinha mais terras. Então — eu era pequeno — meu pai um dia apareceu morto no meio duma picada no mato. Morto! E ninguém soube quem matou. Não foi bicho, porque bicho não dá facada e ele foi morto a facada. No peito. Eu tinha uns dez anos e então, esses vizinhos, que diziam que eram amigos de meu pai, me levaram pra casa deles. Eu não tinha mãe, não. Minha mãe morreu de parto. Parto meu. Então me levaram pra lá e me criaram. Criaram eu com ela. Era mais nova que eu dois anos. Fomos criados juntos, mas eu sei que eles fizeram uma embrulhada! Diziam pra mim que meu pai tinha deixado dívidas. Eu era o único herdeiro do meu pai, sabe? Minha mãe morreu de parto e eu era o único filho. E eles pegaram tudo que era meu e disseram para mim que aquilo era para pagar as dívidas e que estavam fazendo o grande favor de me criarem para não me deixarem solto no mundo, porque eu não tinha parente, nem ninguém. Meu pai era imigrante. Tinha vindo da Itália e eu não sabia; não conhecia parente nenhum. Fui criado, espoliado... Lá me tratavam como empregado. Depois, quando cresci, gostei dela. E ela gostou de mim — pelo menos fingiu que gostou de mim. Olha! foi uma embrulhada danada! Me puseram de feitor. Até que um dia descobri que eles tinham me espoliado, tinham me roubado tudo que era meu. E quando soube disso fiquei furioso e aí eu disse que ia pra

justiça e queria o que era meu. Então, o que ela fez? Ela disse pra mim, toda chorosa... Depois é que soube... Disse que estava tudo certo, mas que ela não tinha culpa do que os pais dela tinham feito pra mim. A gente já era moço... E disse que gostava de mim e que a gente se casasse. Aí, sabe o que eles me obrigaram a fazer? Quando eu concordei com ela, então ela trouxe um papelzinho que já estava todo preparado. Eu devia assinar pra dizer que não tinha... não tinha... Como é que eu vou dizer a palavra? Eu não tinha... Não, não é direito, não. Eu não tinha... nada pra pretender, nada pra... reclamar, nada, nada, nada...

— Era um papel de renúncia, então...

— Aí, depois daquilo ficou tudo em paz. Fizeram um jantar e me levaram lá pro jantar para comemorar o noivado. Noivado esse, meu senhor, que eu deitei pra- dormir e não acordei mais... E sabe por quê? Porque a pilantrinha... Tinha vindo um janotinha lá da França, um janotinha que fazia versos, ficava cantarolando aqueles negócios... cheio de rendinhas, bonitinho... E ela se encantou por ele. Quer dizer, fui dormir e não acordei mais... Quer dizer, acordei, mas acordei noutra, como o senhor está sabendo muito bem. Que aí eu fui ver... Sabe o que eles fizeram? Outro jantar. Pra comemorar a morte do idiota. E agora? E agora? Que o senhor acha? Comovente a história, não é? Não é comovente?

— Não, meu querido. Não quero brincar com a sua desgraça.

— E ainda vou dizer mais ao senhor. Ainda fui bobo — que eu era bobo... Sabe como é, um rapaz novo, todo apaixonado, acreditava em tudo. — Teve lá um preto, escravo da fazenda que me disse: “Sinhozinho, sinhozinho, toma tenência, sinhozinho”. E eu nada de entender. Nada! E ainda dizia: “Deixa de besteira! Ainda te boto no tronco”. Depois é que fui ver tudo isso. Agora o senhor vai dizer o quê pra mim? Vai dizer que eu tenho de perdoar? Vai? Olhe, vou dizer uma coisa pro senhor. — Até que perdoar eu perdoava, o crime. E vou dizer que meu pai também foi (vítima de um) crime... Eu perdoava o crime, agora, eu não perdoar é aquela perfídia! Fui tripudiado. Foi traição! E isso eu não perdoar, não! Me matar... até... até admito, mas matar daquele jeito, rindo de mim... Sabe o que eles fizeram com o cadáver? Chutaram a cara dele. Olha só! Pode um homem esquecer isso? O senhor disse pra não faltar com o respeito a Jesus Cristo. Não falto com respeito, não, mas onde estava ele nessa hora? Que eu, inocente ali, eu bobo, bobo, e o Cristo deixou eu passar por bobo.

— Vamos devagar. Você contou a sua história e agradecemos a

confiança que demonstrou em nós.

— Estou dizendo isso pro senhor ver do que se trata. O senhor está vendo que tem motivo. Tem motivo. E vou dizer mais: ela sofre, porque eu faço ela sentir as facadas que deu no meu pai, faço ela sentir-se sufocada, porque foi veneno que me deram. Eu faço. Dou chute na cara dela como ela dava chute na minha cara, eu piso na barriga dela. Faço!

— Mas isso melhora a sua condição? Te dá algum alívio? Resolve algum problema seu?

Pausa. Parece pensar um pouco antes de responder. Em seguida:

— Não sei, não. Eu acho que raiva é um negócio terrível! É como um fogo que está dentro da gente, queimando, queimando sem parar. Então, às vezes, quando eu vou lá, saio até cansado.

— Mas não sai satisfeito.

— Não saio satisfeito, não. Para sair satisfeito eu tinha que matar ela uma porção de vezes.

— Mas isso também não ia resolver o seu caso, não é? Matar... pisar nela, dar chute... Isso não resolve a sua agonia, porque você está tão preso a ela quanto ela a você. São dois prisioneiros, um do outro. Você não acha?

Ele ouve em silêncio. E depois:

— Você já imaginou o que é uma mulher fazer isso com um homem?

— Eu sei, meu irmão. Não estou justificando o que ela fez. Ainda mais que você gostava dela. Ela era uma moça bonita?

— Era. Muito bonita! Toda coquete... Mandava vir as rendas de Paris... e tudo isso com o meu dinheiro! E até digo pro senhor, eu até abro mão disso. Que se eu tivesse casado com ela eu mesmo “dava” aquelas coisas. Eu “dava” porque eu gostava dela. Era capaz de botar o mundo nos pés dela. Compraria tudo que pudesse comprar. É por isso que não perdoo.

— Então, quer dizer que você um dia a amou de verdade. Você gostou dela.

Silêncio. Longo silêncio. Ele parece mergulhar nas lembranças. Por fim, acrescenta:

— Isso não muda nada. Nada. A mãe dela é uma jararaca que nem ela! O pai dela... Foi todo mundo com-bi-na-do. Quem tinha entrado na falência era ele. Ele é que ia perder a fazenda. Então, matou meu pai pra ficar com os bens de meu pai. Pra poder pagar a fazenda que ele ia perder.

— Mas olha aqui, meu irmão. Você não ouviu de nós nenhuma palavra de justificação para isso. Os erros foram graves, sim, não há dúvida nenhuma.

— Eu não tenho razão? Não disse ao senhor que tinha meus motivos?

— Vamos devagar. Tem, sim, motivo para muito sofrimento. Sofreu muito, mas não vejo em que você está melhorando o seu sofrimento perseguindo a moça. É nisso que não vejo lógica.

— Ela tem direito de ser feliz quando eu fico aqui no horror? Que vou dizer ao senhor com toda a franqueza: eu não estou bem, não. Eu não sou feliz, não. E acho que nunca vou ser feliz. Mas ela também não vai ser! Se depender de mim, não vai ser porque *eu não deixo!*

— Mas você disse aí anteriormente que concorda e admite que a gente tem muitas vidas, não é? Naquela vida você estava e nas outras talvez não.

— Eu sei porque tem gente lá que diz que conhece ela e não é dessa época que eu conheço. Que ela já fez das delas noutras... Essa garotinha não é fácil, não, hein?

— Isso eu concordo, mas você também reconhece que só consegue cobrar dela porque ela tem faltas, tem culpas. Por favor, meu irmão, pense também que quando ela cobrou, você tinha culpa. Se não é daquela vida, é de outra. Como é que Deus iria permitir que ela te fizesse tudo isso?

— Ela não podia cobrar uma coisa que eu... Se eu fosse ruim pra ela ou qualquer coisa... Ela não cobrou, não. Cobrar o quê? Me roubar? Então a lei faz assim? Você cobra roubando? Você cobra assassinando? Cobra fazendo crime, não é? Então Deus permite?

— Não está permitindo a você?

— Eu não estou matando ela. Não estou cometendo um crime.

— Porque o espírito não morre... Ela não te matou também — matou seu corpo.

— Matou sim. Lá o promotor disse assim: crime em primeiro grau, com agravante porque foi cometido com requintes de perversidade. Foi crime doloso. Foi pérfido. Olha, tem tantos itens da lei em que ela está enquadrada só por esse crime! Foi duplo assassinato. Me matou, me espoliou e desrespeitou o cadáver.

— Em tudo isso estou de acordo com você, mas por que você ficou exposto a essas coisas horríveis? Você era inocente naquela vida, sim. Não tinha feito nada, estava com boas intenções, queria até casar-se com a moça. Até gostou dela. Disso estamos sabendo. Mas você não admite que possa ser alguma coisa de trás? Que você tenha feito coisa parecida com alguém em outra vida?

Isto, porém, a seu ver, somente serve para justificar a sua cobrança de



agora, pois ele não consegue sair do círculo vicioso que traçou em torno de si mesmo. Não tem importância nenhuma para ele “ficar nisso” mais alguns anos. Não tem pressa...

— Eu não perdi minha vida, é verdade, porque não morro, mas perdi a razão de viver. É pior do que estar morto.

— Mas a sua razão de viver era a sua fazenda? Você não disse há pouco que a gente fica preocupado com prejuízo e corre para o advogado, que isso não vale a pena...?

— Se a gente está morto e não acabou... pois é. Agora, você está morto e vê que continua a viver e, ao mesmo tempo, você vê que perdeu a razão de viver, vê que não tem mais objetivo na vida. E tem que continuar vivendo... É muito pior! Olha, é pior do que morrer. Eu preferia que morreu acabou, virou poeira lá na sepultura. Agora, eu estou duas vezes morto: estou morto aqui e estou morto porque não tenho nenhum objetivo, porque minha vida é aquilo mesmo todo dia, todo dia...

— Já entendemos bem o seu problema. Você já imaginou ficar nessa vida mais quinhentos anos ou dois mil anos?

— Vou ficar, vou ficar! Que diferença faz? Tenho que ficar, porque tenho que viver. Eu não morro!

— Mas você preferia viver em paz do que viver assim atormentado? Que adianta você ir lá e dar chute na cara dela? Que resolve isso para você?

— Tenho motivos. Vou dar enquanto ela precisar.

— Então você tem um motivo para viver: a vingança.

— Talvez. É. Não tinha pensado nisso. Táí...

— Que ótimo, então. Que beleza! Isso te satisfaz, então...

Ele para por um momento e se pergunta em voz alta:

— Isso me satisfaz?

— Um momento: e o seu pai? Como mesmo que ele se chamava?

— Gumercindo.

— Mas não era italiano? Você disse...

— Era. Imigrante. Quando ele chegou aqui, sei lá, ele mudou de nome.

— Mas você nunca mais o viu? Nunca esteve com ele aí no mundo espiritual?

— Nunca mais.

— Não procurou ou não quis saber... Nem sua mãe?

— Eu não conheci minha mãe.

— Sei, meu caro. Você não a conheceu na carne, como um ser humano

lá, mas ela é um espírito, como você é um espírito. Ela deve estar por aí também. Você nunca a viu? Não sabe quem ela é, por onde anda?

Pausa.

— Agora essa, do meu pai... É mesmo... porque eu nunca vi meu pai? Meu pai tinha que estar lá também se vingando, não é?

— Não. Ele pode achar que não. Tinha que estar por quê? O que será que ele anda fazendo? Você nunca se lembrou de procurá-lo, saber como ele está, o que está fazendo, por onde ele anda?

Ele ouve, em silêncio.

— Engraçado... nunca pensei nisso!

— Você viveu até dez anos com ele. Ele era um homem bom? Como é que ele era?

— Ele era. Era muito quieto... Os colonos chamavam ele de “seu Mercino”, que achavam muito difícil (o nome). É que meu pai tinha um nome complicado. Era Gullielmo. Aí não dava... Gumercindo ficou mais fácil. Mesmo assim, eles ainda chamavam ele de “seu” Mercino.

Pela primeira vez deixa escapar um riso descontraído, no qual brilha uma gotícula de saudade e afeto. Pela primeira vez, portanto, estamos conseguindo desviar um pouco sua mente da fixação obsessiva na vingança que há pouco ele descobriu ser a única razão da sua vida. O doutrinador procura cautelosamente dirigir seus passos pela nova trilha que começa a abrir-se em seu coração. E pergunta:

— Mas quem te criou, então, até os dez anos?

— Ele. Tinha também uma preta velha. Não sei como se chamava. A gente chamava ela de Naiá. Era gorda, gorda, toda redonda...

— Ela gostava de você?

— Ela gostava...

— Pois é. Então você tinha ali ao lado pessoas que te ajudaram... Embora não tivesse sua mãe. São pessoas de quem você se lembra mas que nunca quis procurar... Ficou preso nisso. Como é mesmo que ela se chamava?

— Naiá. A gente chamava ela de Naiá. Não sei que nome ela tinha. A gente não se interessa por nome de escravo.

— Também é um espírito que está vivo aí no mundo espiritual. Quem sabe ela pode conversar você, saber onde está seu pai...

Longos e meditativos silêncios ocorrem agora.

— Ela que dizia que era Naiá... Falava com aquela língua atrapalhada.

— Mas você maltratava os escravos?

— Não, eu estava com dez anos. Meu pai era um homem bom. Meu pai nunca deixou maltratar ninguém. Ele dizia que todo mundo era gente. Que escravo era gente. Tinha que tratar bem.

— Certo. Estou de acordo com ele.

— Às vezes até as visitas ficavam dizendo que ele tratava bem demais os escravos e isso era mau exemplo para as outras fazendas. Ele dizia: “Escravo é como boi. Se você tratar mal o boi ele não produz. Mesmo que você considere o escravo como um boi, tem que tratar ele bem”. Ele falava assim. Ninguém aceitava isso, não. Ninguém gostava muito dele, não.

— Escuta: então, está explicado porque você não o encontrou aí, no mundo espiritual. Você ficou com muito ódio, com muita raiva dessa moça e ele, como é um espírito sereno, bondoso, foi para outro lugar.

— Às vezes ele escondia escravo fugido, que ia pra lá pedir pra ficar ali. Me lembro que uma vez chegou lá uma pretinha... Eu era pequeno ainda. Eu nem entendia muito. Sei que ela tinha tido um filho. Depois ela contou. A sinhá dela queria tirar o filho dela e dar pros outros.

— Seu pai não deixou?

— Não. Ela fugiu e foi bater lá em casa. Aí o pai deixou ela ficar lá. E ela ficou.

— Ele era um homem bom, não é? Quer dizer que você tinha pessoas boas ao seu lado: seu pai e Naiá.

— Tinha, tinha sim.

— E a sua mãe? Ele dizia que ela foi uma boa esposa?

— Sei lá! Meu pai nunca mais se casou. Até dez anos ele nunca se casou, nunca teve outra mulher. E nem tinha as escravas, não. Ele respeitava. Era um homem quieto e não se casou. Muita gente lá, até viúva mesmo, queria casar-se com ele, mas ele nunca quis. Era um homem direito. Ele era muito calado, quase não falava.

Já agora a conversa é mansa e informal, como se dois amigos estivessem ali a rememorar coisas passadas. Ele está calmo e meditativo.

— Às vezes... O senhor está me fazendo lembrar essas coisas... Às vezes, muito raro, eu escutava ele cantarolando aquelas músicas... É, ficava...

— Ele não falava sobre a Itália?

— Não; ele não falava muito.

— Mas você gostava dele.

— Gostava. Ele era muito bom. Todo mundo lá tinha que rezar; os escravos, todos... Ele fazia... Ensinava. Às vezes falava de Jesus, falava de

Deus... essas coisas de padres, de religião. Coisas de Igreja. Ele fazia todo mundo ir à igreja. O senhor foi me fazer lembrar dessas coisas. Todo mês vinha o Cura pra rezar missa lá.

— Era perto de que cidade essa fazenda?

— Ah, não sei. Não me lembro... É tanto tempo! Ou eu não quero lembrar, sei lá...

— Você vê que se passou muito tempo. Era o tempo do Imperador, não é? (Ele confirma). Vê que já se passaram aí mais de cem anos. Quem sabe seu pai precisa de você para alguma coisa; tem algum plano a seu respeito.

— Vai ver até que ainda existe a fazenda lá, não é?

— É possível. Onde mesmo que ficava? Como se chamava a fazenda?

Ele suspira fundo. A saudade claramente instalou-se em seu coração.

— Você não acha que está perdendo muito tempo com esse caso aí? — prossegue o doutrinador.

Mas ele segue com as lembranças:

— Meu pai tinha trazido coisas da Itália quando veio com minha mãe. Trouxe uns quadros. Sei lá, eu não dei muito valor a essas coisas. Também depois que meu pai morreu **eles** não me **dei** xaram nem estudar, nem nada. Eles diziam que eu vivia de íuvm na fazenda.

— Vamos esquecer essa parte triste aí, essa dificuldade toda,

— Como é que eu posso esquecer? A raiz da minha vida está toda aí. Eu podia ter meu pai, podia ser muito feliz.

— Um momento. Você *tem* o seu pai; você não quer é pro curá-lo. Você o abandonou, esqueceu dele, de todo mundo, para cuidar da sua vingança. Não vejo o que você ganhou com isso em cem anos. O que você fez nesses cem anos: vingou. . . sofre, ficou lá preso àquela criatura, coitada, que é uma infeliz também. Você é outro infeliz. Para que isso tudo? Isso resolveu alguma coisa? Então, meu caro, o que estou pedindo é isto: você vai agora pensar um pouco nisso tudo. E vamos, por favor, ter um pouco de calma, lembrar-se de tudo, mas sem ficar preso a essas agonias. Você podia estar fazendo outras coisas. Podia até ter nascido em outra vida, estar trabalhando em alguma coisa útil. Fica lá dando pontapé na moça... Isso não adianta absolutamente nada para você.

— O que o senhor foi fazer! Me lembrar de meu pai. Agora fico lembrando tanta coisa! Gullielmo Francesco...

— Você não usava o nome dele? Por quê?

— Não usava. Não sei; não me lembro.

— Isso não importa. Estou apenas procurando trazer você para um outro tipo de pensamento, de ideias, para você não ficar amarrado, imantado, preso àquela criatura que é uma infeliz.

— Pois é, mas o senhor mexendo nessa panela funda está fazendo vir tanta coisa na minha cabeça! É até pior. O senhor falou esse negócio que me confundiu. Puxa! Como é que eu não uso o nome de meu próprio pai? Estou vendo a coisa pior ainda. Lá dentro de mim, num lugar que não sei onde, estou vendo uma cena lá. Foi naquela sala que eles chamavam de parlatório. Tinha uma mesa preta e uma portinha cheia de coisinhas assim que você puxa assim e ela sobe e enrola toda. (Escrivaninha de tampo corrediço).

Foi ali que se consolidou a trama sinistra de espoliação. Pelo que se depreende da narrativa do pobre José Francelino, formulou-se, com a conivência de algum notário, um termo de adoção para o menino que passou a integrar oficialmente a família de seus “protetores”. O nome que ele menciona é, por certo, o daquela gente que destruiu tudo quanto ele tinha e era. Órfão de pai e mãe, sozinho aqui no Brasil, com os vínculos cortados com eventuais parentes italianos, mudaram-lhe a identidade. Como não tinha quem viesse reclamar qualquer parte de sua fortuna em caso de sua morte, tornou-se vítima prioritária. Desvendava-se, pouco a pouco, em toda a sua extensão e profundidade aquele diabólico enredo. Conseguímos, contudo, atrair sua atenção e seus pensamentos para outros aspectos mais importantes de sua vida.

Nesse ponto ele foi retirado pelos nossos amigos espirituais.

Na semana seguinte estava de volta. Em pranto.

— Parece que o céu caiu em cima da minha cabeça — começa ele. Todas as desgraças caíram em cima de mim. Todas as desgraças do mundo — os desenganos, as agonias...

— Por favor, desabafe. Diga tudo o que está sentindo, para que possamos ajudá-lo naquilo que for possível, amparar seu espírito como irmãos, não como mestres ou seres perfeitos, porque somos também imperfeitos como você. Queremos te ajudar.

— O que você pode fazer para me ajudar? Você já imaginou uma pessoa que passou a vida inteira brigando por uma gota d’água e de repente vê que tinha um oceano inteiro pela frente? Perdi tempo por causa de uma gota d’água... Aquela desgraçada! Ela é que é culpada. Foi ela que me manteve preso esse tempo todo.

— Não. Você está fugindo outra vez.

A revolta é mais profunda por causa do amor frustrado, pois ele se entregou confiante àquela que seria a sua desgraça. Pensara mesmo durante a semana em mudar tudo, mas não conseguia deixar de ficar a remoer toda aquela perfídia horrenda. Como se vê, a dificuldade continuava sendo sua poderosa imantação ao trágico episódio que ele reconhece, na sua visão global, ser uma simples gota d'água, mas da qual não consegue fugir. A mágoa, agora, é pelo que “eles” fizeram-no perder em termos de avanço espiritual. Na realidade, ele não se importa com o que perdeu em termos materiais: dinheiro, fazendas, bens em geral, e sim, o tempo. Pouco depois, não podendo mais conter-se, explode a chorar:

— Eu vi meu pai! Não pude conversar com ele; pude ouvi-lo. Meu Deus! Passaram-se tantos anos que eu não sei nem como medir. Os dias, as horas...

Não sabe nem o que o manteve preso à infeliz criatura, em torno da qual até agora tem girado o seu pensamento. Ele mesmo parece apalpar as palavras para tentar identificar suas emoções; ódio? amor? despeito? mágoa? Não sabe o que foi.

— Foi o ódio, sim — diz-lhe o doutrinador, mas foi o amor também, porque você a amava e *ainda* a ama.

— Não — diz ele lentamente. Eu não a amo. A princípio, eu tive muito ódio dela. Aquilo foi tomando conta... Eu só queria magoá-la, atormentá-la, machucá-la...

— É, mas você também atormentou-se muito porque a mão que fere também fica ferida.

— Agora, acho que ela é uma desgraçada.

De sua parte, ele admite que realmente a amou, mas ela não tinha nem capacidade para amar, pois enganou a muitos. Amava apenas ao dinheiro, à posição, ao poder, enfim, que tais coisas proporcionam. A mágoa maior ainda é a que resulta de haver ele esquecido até de seu pai, e por isto ele ainda responsabiliza seus antigos algozes fantasiados de protetores, sem reconhecer ainda que foi o seu ódio pessoal que o manteve ali subjugado a eles, a persegui-los.

— Eu sofri tanto! Porque a gente sofre, está entendendo?

Vocês costumam dizer que somos espíritos perseguidores, mas vocês não sabem quanto a gente sofre lá dentro. Não adianta. A vingança não compensa nada. Fica sempre um vazio, um desespero dentro da gente.

— Mas aqui entre nós você teve essa compreensão. Não recebemos

você como um perseguidor, mas como um companheiro, um irmão que sofre.

— *Morto ou vivo, a gente é sempre gente.* — diz ele. Meu pai disse para mim que eu vim para cá como vítima, mas uma vítima com pureza no coração. Aprendi com ele. Eu disse ao senhor que eu não maltratava os escravos. Eu era feitor, mas não maltratava. Meu pai me ensinou que eles eram como a gente. A gente não maltratava nem os animais. O senhor se lembra que nas reuniões eles falavam que um escravo era como um boi. “Mas você trata mal um boi?” dizia ele. “Se fizer isso, ele não vai servir para você. É a mesma coisa.” Meu pai disse que eu vim puro, mas depois que cheguei aqui (no mundo espiritual) fui tomado de tanto ódio... Ele disse que estava perto de mim para me receber. Depois que tomei o veneno, ele disse que eu fiquei cego. “Meu filho, eu estava com os braços estendidos para receber você, mas no momento em que transpôs a barreira da matéria, você foi tomado de tanto ódio, tanto ódio que, de repente, foi como se um raio afastasse você de mim num segundo, em quilômetros. E eu perdi o acesso a você... E não pude nem sequer recebê-lo. Fiquei esse tempo todo orando e pedindo e tentando te influenciar, mas você não ouvia!”

— Ele também sofreu suas dores, suas angústias, ao ver você assim por tanto tempo bloqueado por esse ódio. Não estamos aqui defendendo ninguém. O mal que foi feito a você é, de fato, muito grave; mas você sabe agora que não foram eles, especificamente; foi o ódio no seu coração que o prendeu lá, pois você poderia ter se desligado.

— Mas não é tão fácil assim! É fácil falar...

— Eu sei que não é fácil. É difícil, sim; muito difícil, mas é possível. Tanto é que ele foi para você com a esperança de trazê-lo para junto dele e tentar explicar tudo isso. Você ficou fora do alcance do carinho de pai, que ele trazia.

— Ele disse para mim: “Meu filho, por mais que te amasse eu não podia fazer nada. Não era eu que não ia a você; eu ia, mas você não vinha a mim!”

— Ele não podia violar o seu livre arbítrio. Agora, meu irmão, de uma coisa você precisa se convencer. Não sei se ele te falou a respeito. Você não sofreu aquilo inocentemente, não é?

— Ora, isso não tem importância nenhuma. Não faz diferença agora. Então a lei manda uma criatura assassinar outra, manda envenenar, manda trair?

— Não. A lei não manda; ela permite. A lei mandou você perseguir?

Não; você escolheu assim.

Como se vê, mesmo após uma verdadeira tempestade emocional que sacudiu todo o seu mundo íntimo e o encontro com seu pai, ele ainda se obstina em não aceitar o mecanismo reajustador da lei divina. O doutrinador insiste que não há sofrimento inocente no mundo, mas ele não quer saber de argumentos. Não nos resta, pois, alternativa senão a de mostrar a ele o que realmente o levou àquela trágica situação. E isto só é possível mergulhando nas memórias do passado mais remoto.

— Meu Deus! Porque não me deixaram lá, pescando com meu pai? Feliz! Eu não conhecia a maldade do mundo, não sabia o que é ódio.

Na semana anterior ele contara um banal e comovente episódio. Certa ocasião fora pescar com o pai; mas este era um homem tão compassivo que parece o incomodava até arrebatara os peixes do seu mundo líquido e belo. Uma vez apanhados dois peixes, disse ao filho que estava encerrada a pescaria. Para quê mais, se eram apenas os dois para comê-los? O garoto, contudo, na euforia do momento, usou um stratagem e pediu:

— Pai, deixa eu pegar mais um para Naiá?

Gullielmo deixou, provavelmente com um sorriso fugidio nos lábios. Era um bom mesmo. Deve ter sofrido horrores no mundo espiritual a seguir, sem nada poder fazer, os desvairamentos do filho! O que podia agora fazer era mostrar-lhe que fora tudo uma lamentável perda de tempo... sofrimento inútil e desnecessário.

— Eu era para estar bem (disse-lhe o pai) porque fui a vítima. E acabei fazendo um benefício, porque transformei o criminoso em vítima. Então ela ficou na condição de vítima, todo mundo com peninha dela, até meu pai; e eu fiquei na situação do criminoso, eu que era a vítima! Vê que coisa! Passei a ser o algoz, eu, a vítima. Vê se você entende que burrice eu fiz!

Seu desejo agora é esquecer tudo. Tomar um remédio que o faça dormir para acordar com tudo apagado da memória, como que por um passe de mágica, mas a saída não é por aí.

\*\*\*

Oramos, e em seguida, levamo-lo, pela magnetização, ao recuo no tempo, em busca das suas soterradas memórias.

Começa a falar, em italiano, sobre uma fortuna e sobre “i donni” — as mulheres — muitas delas. Parece ser um rico e irresponsável “playboy” de séculos passados.

A história começa a sair em fragmentos que, aos poucos, vão fazendo



sentido. Ele se casou com uma jovem por nome Marcela que a seu pedido, conseguiu convencer o pai dela a passar a fortuna toda para o nome dela, herdeira única, pois não tinha irmãos. Em seguida induziu a esposa a fazê-lo herdeiro universal, em documento de cartório, tudo legal. Depois que ele teve tudo bem garantido em suas mãos...

— Bem... eu não precisava mais dela — diz ele. Ela... ela... morreu.

— Ah! morreu? Mas como?

— Bem, eu não precisava mais dela — repete ele; — precisava do dinheiro.

— Mas que morte estranha essa! Como foi isso? Ela ficou doente?

— Foi uma história assim parecida com isso — diz ele após longa pausa. Ela gostava muito de vinho. Um dia ela tomou uma taça de vinho e foi dormir e não acordou mais!

— O vinho fez-lhe mal, então.

— Você sabe... Não se pode tomar essas coisas. “Perchè” sou o herdeiro de tudo... Eu estava desesperado. Precisava pagar uma dívida. Eu era um homem importante. (E corrige logo:) Eu *so* um homem importante! Não posso deixar que uma mancha do jogo estrague minha reputação. E então... Aquele luto, fui para casa... Missa. Fiz tudo direito. Fui o perfeito viúvo. Eu gostava dela, realmente, mas não tive outro jeito...

— O pai dela estava vivo ainda?

— Estava.

— E ele não veio perguntar como é que ela morreu?

— Veio. Veio. Mandou que chamasse “il dottore”... Veio “il dottore”, fez os exames e não tinha muito para dizer. E depois, não se podia fazer um escândalo. Tinham tanto medo de escândalo!

— E você casou outra vez?

— Não, tinha as “donni”, mas não queria casar-me com nenhuma delas. Muitas...

Quanto ao jogo, passou a ter mais cuidado.

— E o dinheiro deu para você viver, mesmo pagando a dívida?

— Sim, eu era rico. Tinha a boa vida de um nobre da época. Uma vida como todo mundo tinha. Uma adega com muitos vinhos...

— E seus pais eram vivos?

— Não. Eu herdei de meus pais os bens.

— Sei; então você herdou de seu pai e também de sua mulher.

É impressionante a calma com que conta isso tudo, com indisfarçável

pitadinha de cinismo, como se fosse a coisa mais natural do mundo fazer aquilo tudo para preservar o seu “status” de nobre, rico e *blasé*.

— E como morreu seu sogro — pergunta o doutrinador que sente ali mais um problema.

— Bem, um dia... Ele não se conformava porque Marcela era uma filha que... Um dia ele disse assim para mim que sabia que eu tinha matado Marcela. Que ele não se importaria que eu tirasse os bens dele, mas que não tirasse a vida da filha dele. Ele então disse que ia lá falar com... (autoridades?).

— Denunciar?

— É. Aí eu disse para ele que nós precisávamos conversar. E fomos. Um dia eu disse para ele: “Vamos sair por aí de manhã numa hora calma”. Mas ele não aceitou, porque fazia muito frio. Ele tinha lá suas dores. Eu disse: “Está bem, vamos à noite”. E fomos uma noite a caminhar. Estávamos passando por uma ponte e conversando... Eu usava, sabe, uma... “Como si chiamma?”... Como é o nome? Uma coisa que se usa para andar.

— Bengala?

— É, uma coisa... é isso. Só que a minha tinha sido de meu avô e era toda de prata maciça e era pesada. Tinha uns desenhos. E quando a gente estava no meio da ponte, vi que não vinha ninguém, de um lado e do outro e eu... Bem, você pode imaginar, não é?

— Sim. Então ele morreu ali?

— Sim, ele caiu dentro do rio. Eu não podia deixar que ele desarrumasse toda a minha vida!

— O rio arrastou o corpo dele e nunca mais foi achado?

— Foi, mas muito longe.

— E não desconfiaram de você?

— Não. Eu fui o primeiro a dar o alarme de que ele tinha desaparecido. Eu disse que ele tinha marcado um encontro comigo à noite e eu saí e fiquei esperando, mas ele não chegou. Então, no outro dia, fui falar. Estava preocupado com o velho.

— Ninguém viu vocês na véspera?

— Não. Essas coisas parece que o diabo ajuda...

— Aí, então, você ficou sem nenhum problema. Não tinha mais a mulher nem o sogro que desconfiava. Ficou tudo bem para você... Qual a sua idade nessa época?

— Trinta e três.

— E você viveu ainda muitos anos lá?

— Sim.

Nunca mais se casou. Passou a beber muito vinho, no vão esforço de afogar aquilo na embriaguez. Ele mesmo confessa que se tornou um libertino completo. Só queria gozar aquelas coisas todas, nada mais importava.

Nesse ponto o doutrinador o traz de volta ao presente, sugerindo-lhe que se mantenha consciente de todo o episódio que acaba de narrar.

Desperta, queixando-se de aguda dor de cabeça.

— Quer dizer que eu não presto mesmo, não é? — é a sua primeira pergunta.

— Não, meu querido. Não é isso. O objetivo da sua confissão ...

— De qualquer ângulo que você me olhe, eu não presto.

— Não. Não estamos acusando você. Estamos mostrando apenas que a lei se cumpre em nós. Estamos mostrando a inutilidade do ódio, a perda de tempo com o crime, o erro, quando temos todo um caminho a percorrer. Temos seres superiores que nos amam, que nos esperam. Que muitas vezes nem podem ajudar-nos porque criamos bloqueios. Estamos mostrando que nenhum sofrimento é inocente. Que temos nossas culpas que precisamos do perdão para as nossas falhas e, que portanto, temos também de perdoar conforme nos ensinou o Cristo, no Pai Nosso.

— Mas, então, isso é uma máquina de fazer crimes, de matar, de odiar...

— De certa forma, sim, mas você pode pará-la a qualquer momento.

Nosso companheiro, contudo, ainda não aceita o resgate doloroso no Brasil Império. Diz ele que lá na Itália foi outra vida, era o vinho, eram as mulheres...

Como concorda em sair do caminho dela já considera ter feito uma importante concessão. Aliás, já saiu, acrescenta. Agora, perdoar, não promete. Ainda não consegue. Afinal, não é um santo...

No momento, diz ele, está mais preocupado é com o que *não fez* e não com o que fez que isto ele sabe. Está bem esclarecido, mas compreende que não pode mudar assim de uma hora para outra ali. Seria mentiroso se dissesse que perdoa tudo e esquece. Precisa de tempo.

— O senhor não sabe como foi difícil encontrar meu pai. Ao mesmo tempo que fiquei tão feliz me senti tão envergonhado! Eu queria voltar a ser aquele menino bom e puro, que meu pai conheceu. Eu não queria ter tido aquilo tudo na frente dele para ele ver e saber. Compreende? Eu amava meu pai!

— Amava não. Você o ama até hoje. Ele está aí.

— Não queria que ele tivesse tido essa decepção comigo. Isso é que mais está doendo dentro de mim agora. É tão difícil! O senhor não sabe como é difícil! Meu pai disse para eu ter compaixão dela. Vou pedir ao senhor pelo amor de Deus, me ajude! Estou tão confuso dentro da minha cabeça!

O diálogo prossegue, agora voltado para a doutrinação propriamente, a palavra de conforto, de consolo, de encorajamento.

Já no final, ele acrescenta uma informação:

— Sabe o que meu pai disse? Ele disse que quando a gente veio para o Brasil (renascer), era para ele ter dinheiro; eu seria filho único. Era para eu casar-me com ela e restituir-lhe os bens. Está entendendo? Mas — diz ele, a chorar outra vez — *ela não soube esperar, não é? Eles precipitaram tudo*, estragou-se tudo! Podia ter acabado tudo ali, meu Deus!

— É; porque todos os espíritos estavam ali reunidos novamente. Seu pai também estava naquele episódio lá em Gênova?

— Meu pai? Agora não sei.

— Não importa. O certo é que a lei divina reuniu vocês ali, colocou junto de vocês um espírito superior, que era seu pai, para acomodar todos.

— É. Ele disse que era esse o plano. Eu casava com ela e assim a reabilitava e, ao mesmo tempo, eu lhe restituía os bens todos.

— Quer dizer que o Espírito era o mesmo, daquela moça, Marcela?

— Era. Mas acho que ele nunca confiou em mim. Podia ter esperado. Por que ele não esperou? Por que eles precipitaram tudo, meu Deus? Não foi ela, foi o pai dele. Ele armou tudo. Ela era apenas o instrumento. Lá em Gênova eu era filho único e ela filha única. Aqui a mesma coisa.

— É. Ela foi envenenada; você foi envenenado. Tudo simétrico, mas tudo precipitado.

— Eu não culpo tanto a ela. Foram eles que levaram ela a fazer as coisas.

— Ela não tem assim uma maldade intrínseca...

— Não. Isso é porque eu estava cheio de ódio, sei lá. O senhor me desculpe. Agora estou mais calmo. Ela não teve culpa, coitada! Ela...

— Foi um instrumento, embora também tenha errado.

— Quando eu tinha dez anos ela também era uma criança. Ela não teve nada com o assassinato de meu pai. Foram eles. Crescemos juntos...

— Não se esqueça, meu irmão, que você a ama e ela também o ama. Vocês terão novas oportunidades no futuro. Peça a Deus que dê forças a você e a ela.

— Mas ela está tão mal, coitada...! Afinal, ela não é tão ruim assim. Eu fui muito pior. Perdi tanto tempo! Fiquei que nem um negro ali no tronco, esquecido. Sabe que, às vezes, um escravo morria no tronco porque se esqueciam dele lá? Eu fiquei assim. Só que eu mesmo me botei no tronco.

— Por isso eu disse que você estava tão prisioneiro quanto ela. Mas é que na hora em que estamos envolvidos nas emoções, não admitimos argumentos, não aceitamos razões, não queremos discutir o passado, achamos que estamos certos...

— Passou o tempo, acabou a fazenda e eu fiquei lá. O senhor me desculpe! Agora estou calmo, mas eu estava tão agoniado... Ah, meu Deus do céu!

Essa é a história de José Francelino das Neves. Não nos cabe acrescentar um longo comentário porque ela fala por si mesma, na rigorosa simetria dos fatos. Se, à base do episódio ocorrido na fazenda brasileira, algum ficcionista tivesse de criar um história semelhante para explicar uma pela outra, não teria conseguido, por certo, fazê-la tão bem como o fez a própria vida: lá em Gênova, um jovem que já nascera rico e filho único, assassina a mulher, também rica e filha única, para apoderar-se de outra fortuna, a fim de salvar-se da bancarrota. Como o pai dela desconfia, matou-o também e, perante a lei dos homens, permanece impune. Aqui é a moça (a mesma, pois é o mesmo espírito) que funciona como sinistro pivô de um episódio macabro. Filha única, tem seus bens em perigo, às portas da falência e, por isso, matam um pai e depois o seu filho para que possam apoderar-se de seus bens. Tudo desnecessário, pois aquela fortuna providencial já estava mesmo destinada a ela por meio de um casamento já programado.

Só resta agora lamentar o tempo perdido, a inutilidade do sofrimento, a frustração da oportunidade desperdiçada. Contudo, a vida continua e também os seres, as situações, as oportunidades, o aprendizado e, enfim, a libertação, a paz, a felicidade.

## O OLHO DO RODAMONHO

A não ser pela ocasional leitura de uma página de antologia ou pelo episódio fugaz de uma novela ou romance, pouco sabem as gerações mais recentes dos horrores da escravidão no Brasil. Oficialmente extinta em 1888 pelo generoso decreto de Isabel, a escravatura deixou cicatrizes profundas na memória de milhões de seres, tanto dos que sofreram aflições inomináveis, como dos que as impuseram com requintes de perversidade a pobres criaturas indefesas. Dolorosos compromissos cármicos foram gerados ali para angustioso resgate no correr dos séculos — lágrima por lágrima, gemido por gemido, tortura por tortura, tal como diz a lei, pois aquele que peca — ensinou Jesus — torna-se escravo do pecado e não se liberta da dor enquanto não houver resgatado a última promissória, por menor que seja o seu valor nominal. Não que o pagamento tenha que ser efetuado com a moeda mesma da dor, pois temos diante de nós a opção do amor. Pedro sabia disso quando escreveu que “o amor cobre (ou anula) verdadeira multidão de pecados”<sup>[111]</sup>. A lei não é carrasco impiedoso e implacável, e sim uma técnica de ensino. Uma vez aprendida a lição universal do amor, para que iria ela insistir na cobrança?

O trabalho mediúnico nos põe, às vezes, frente a frente com a aflitiva problemática da escravatura no Brasil. Dos casos que nos foram trazidos pelos Amigos Espirituais para tratamento, destacamos o que constitui este relato, pelas lições que encerra, pelo seu denso e emocionante conteúdo humano. Não aplicamos ao espírito que naquela noite se manifestou o recurso da regressão da memória para que pudesse contemplar as simetrias da vida. Limitamo-nos a ouvir, reverentes e ternos, a sua penosa história, colocando uma ou outra observação ou apelo. Sentimos que havia em seu coração muito mais desespero do que ódio, muito mais angústia do que satisfação pela vingança que, no momento, exercia sobre uma pessoa encarnada. Esta é a mesma de outros episódios aqui relatados, como aquele que recebeu o título de “A Gota d’água e o Oceano”. Pobre irmã atormentada! Seus desvarios foram tantos que levantaram verdadeira multidão de cobradores desesperados.

Ao incorporar-se<sup>[111]</sup>, o Espírito custou a acomodar-se ao instrumento mediúnico. Agitava-se e repetia incessantemente duas ou três sílabas sem sentido, até que conseguiu fazer-se entender, ao pedir a sua dose de “marafa”, o que não estávamos preparados para atender. Mas não o rejeitamos sumariamente somente porque se apresentava daquela maneira. Se viera bater às portas do nosso pequenino grupo é porque tivera permissão dos nossos orientadores e alguma coisa esperava-se de nós para ajudá-lo.

A custo conseguimos dar-lhe as boas-vindas e fazer chegar a ele a fraterna saudação inicial, pois ele estava muito agitado e fixado no seu problema, insistindo em exigir sua bebida. Conseguiu nosso doutrinador dizer-lhe, por fim, que ficaríamos à espera de que ele pudesse controlar-se e falar-nos de forma inteligível dos seus problemas e das razões que o traziam a nós. Dito isso, calamo-nos e aguardamos. Aos poucos ele foi-se dominando, mas ao falar, revelou-se agressivo: não o chamáramos? Pois então...

Como continuássemos a aguardar pacientemente, ele começou a tomar ciência do ambiente, das pessoas e principalmente da ausência dos símbolos, dos rituais, dos implementos e das técnicas a que estava habituado. Ensaiou iniciar suas práticas, como gestos e sons, mas era óbvio que se sentia pouco à vontade ali e desejoso de saber logo por que o chamáramos e o que desejávamos dele.

— Chamô, tô aqui pra escutá. Fala, que eu tô aqui pra escutá. Chamô, fala! Pra que chamô?

O doutrinador procura esvaziá-lo dos gestos e expressões peculiares às suas práticas habituais, a fim de que possamos ter esperanças de chegar ao cerne de seus problemas pessoais. Acaba confessando que sabe por que foi chamado ali. A essa altura está mais calmo e razoável, embora declarando que nada pode fazer para remediar a situação, mesmo porque ele é um dos “donos” da moça, que está em poder de um bando terrível de perseguidores. São muitos, diz ele, e ela é a *Senhora*. Trata-se, pois, como em seguida se confirmou, de ex-escravos que, juntamente com outros, cobram sua parte da dívida a uma proprietária impiedosa que os fez sofrer horrores.

— E quem é dono de você? — pergunta o doutrinador, na esperança de que ele se lembrasse de Deus.

— É a Senhora — respondeu ele. Só que hoje quem manda não é da. (E com evidente satisfação: “É nós que manda!... E que vai mandá, ôi, que vai mandá!...”

Aproveita o tema para cantar com base nalguma melodia de terreiro, o

estribilho “Que vai mandá...”

Daí em diante fala mais desembaraçado, ainda que no seu linguajar característico. Declara que nada tem contra nós e nem contra “os outros” (os Amigos Espirituais), só que não podem deixar a moça...

— Nós num pode deixá ela porque somo dela, ué! Ela compro a gente! Agora a gente é dela... E não vai deixá ela, não.

E como bate palmas ritmadas, o doutrinador leva-o docemente a conter-se, no esforço de tirá-lo do seu contexto, da sua fixação, a fim de poder alcançar as razões mais profundas do seu comportamento.

O raciocínio não deixa de ter sua dose de sutileza: como é que eles vão deixar a moça se ela é proprietária deles? Além do mais, o que estão fazendo é *justiça* e por isso nada poderão alterar. E tem mais: que manda nisso tudo é alguém que ele chama de *Coroné*. Mas ele não sabe das razões do coronel. Só sabe que ele “tem uma gana nela...”

— E você não tem?

Pausa. Pensa para responder e informa:

— Eu tenho e não tenho... mas faço porquê... (hesita). Porque o coroné disse que se eu fizé tudo ele me liberta.

— Você está preso?

— Ele me comprou.

Aí está, pois, o esquema terrível. O Espírito a quem ele identifica como coronel conseguiu convencer o bando de ex-escravos de que os comprou da Senhora antiga e que serão postos em liberdade se fizerem tudo direitinho como ele mandar.

O doutrinador começa a lhe falar, mansamente, tentando explicar-lhe a nossa posição. Não os condenamos, não os acusamos e não lhes negamos direito à profunda mágoa que resultou de um tratamento desumano. Procura levar o diálogo para o terreno pessoal, mas o manifestante se mostra cauteloso, recusando-se, por exemplo, a dizer o nome pelo qual deve ser tratado. Ao cabo de alguma hesitação, diz o nome da fazenda:

— Eu vivia nas Treis Cruz...

Mas não sabe dizer (ou não quer) onde era isso no Brasil e nem que tempo era aquele. Império? Colônia? Aos poucos, contudo, vai se revelando. Diz que cortava cana. Como as perguntas vão se amiudando, ele dá uma parada e comenta:

— O Coroné disse pra ter cuidado com muita palavra... Ocê tá com muita palavra. Eu não entende muita palavra.



O doutrinador insiste em falar-lhe mais, afirmando que ele entende sim, pois é um espírito com mais experiência do que está revelando naquele rude linguajar de ex-escravo sofrido e ignorante. Fala-lhe da morte do corpo físico e da partida do espírito para o mundo invisível. Sendo espírito imortal, ele teve outras existências e sabe de muitas coisas, mesmo porque frequenta trabalhos mediúnicos, onde a despeito de práticas exteriores dispensáveis, as noções básicas que sustentam tais atividades são válidas, como sobrevivência, reencarnação e responsabilidade cármica, além, obviamente, da comunicabilidade entre encarnados e desencarnados.

— Você está sendo tratado aqui com muito carinho, com muito amor — prossegue o doutrinador — porque compreendemos a sua dor, mas não adianta nada para você, meu querido irmão, impor sacrifício e sofrimento aos outros. Todos somos filhos de Deus. Compete a Deus ministrar a sua justiça, não a nós.

— Eu não faz justiça. — O Coroné faz.

— Você é um instrumento na mão dele, não é? Ele está usando você para fazer o que ele chama de justiça, mas isso é apenas vingança. É certo que você estão castigando uma pessoa que maltratou vocês, mas... O que foi que ela fez a vocês? Como é que foi isso?

— Quê que ela fez? (Pausa) Taí, de se preguntá. Que justiça ela fez?

— Você acha, então, que o castigo é sempre uma justiça? Você, por exemplo, está justificando ela, não está? Você acha, então, que está fazendo isso porque ela errou com vocês, não é? Ela foi má para vocês...

Ele percebe a dificuldade da pergunta e onde o doutrinador pretende levá-lo, ou seja, ao reconhecimento de que a lei só admite a punição daquele que errou e que, portanto, quando ele foi punido também devia. Por isso ele escapa sutilmente:

— Ocê sabe o que ela fazia? Ela botava tacho — Sabe o que é um tachão?... de água fervendo e fazia nego pisá nágua fervendo... de castigo! E uma vez ela... o que ela fez comigo, eu já era nego véio. E já estava mais pra morrê... Então, eu não ligava muito. Eu não compreendia, mas não diantava... Não diantava falá... Mas eu tenho gana nela... porque ela fez com... com uma menina.

— Sua filha?

— Era minha neta. Ela fez com a menina. Ela fez muito *már* com a menina. E a menina não tem culpa. (Note-se o tempo presente. A coisa ainda está tão viva na sua memória, que ele diz que ela não *tem* culpa). Não tem

culpa. Porque foi o Sinhô que se engraçou com a menina. E sabe o que ela fez? Ela mandou ferver um tacho d'água e fez a menina sentá *aquelas parte* dentro d'água fervendo...

Narra esses horrores com a voz pausada, monocórdia, tão sem emoção quanto lhe é possível, mas as pausas e hesitações denunciam as dores maiores quando toca as feridas que doem mais naquela sofrida memória que é uma só dor, e vibra num só tom de angústia e desespero. Ao fim de uma pausa mais longa, acrescenta com a mesma voz estranhamente calma:

— Esse eu não perdoo ela... A gente faz ela passá... A gente bota ela no tronco. Sabe que a gente bota? E a gente vai apertando aqui e ali e vai apertando e aí a cabeça dela parece que vai *istorá* e ela grita e ela grita... Ninguém vê que a gente tá botando ela no tronco, mas a gente bota... E a gente aperta... e ela grita, grita... Eu gosto de vê ela gritá, porque enquanto ela grita eu não *iscuto* os grito da menina...

— Sim, meu querido, você tem toda razão de sentir essa dor. Isso prova que você tem um grande amor pela menina, pela sua neta, mas o fato de você fazer sofrer a Senhora não diminui seu sofrimento, meu caro irmão, nem o sofrimento da menina. Por outro lado, você está fazendo isso com ela porque ela foi muito ruim e a lei de Deus permite que vocês façam isso, autoriza, mas não justifica, meu irmão. A gente só pode castigar aquele que errou. Está de acordo? Você não pode castigar uma pessoa inocente, pode? Não é isso mesmo? Você compreende bem isso. Se ela fosse inocente você não ia lá fazer o que faz. Concorda? Você não ia castigar, por exemplo, a sua neta... Ela não tem culpa. A senhora tem culpa. E você castiga. Você não acha que quando foi castigado você também tinha alguma culpa? Não como escravo, meu querido irmão. (Ele faz um arremedo de sorriso). Você sabe que a gente tem muitas vidas, não sabe?

Ele sente o perigo em potencial que a conversa está desdobrando ante seus olhos e prefere escapar, dizendo que ele também faz caridade e ajuda muito gente com seus remedinhos a base de ervas. Deve servir em algum terreiro mediúnicos porém o problema, contudo, é com a moça a qual ele não admite ajudar.

— Eu ensino a fazê infusão.

— Você dá passe também?

— Quê que é passe?

— Ajuda com a mão para curar uma pessoa, aliviar uma dor.

— Isso é reza! Eu faz reza...

— Você então faz o bem. Como é que você pode misturar o bem com a tortura?

A resposta é hábil, ainda que um tantinho cínica:

— A gente ajuda quem é bom, e a gente *corrige* quem é ruim.

— Então, vocês todos estão ligados a ela porque ela maltratou vocês...

— Eu... não é porque ela maltratou eu.

— É porque maltratou a menina? (Ele confirma). A menina morreu? (Sim). E você encontrou-se com ela aí onde você está?

Ele ouve quieto faz uma pausa e comenta:

— É tão triste! É tudo... Por que você me fez lembrá tudo isso?

— Meu querido irmão. Quero lembrar que o fato de você torturar a Senhora, não cura a sua dor. E você fica tão ruim quanto ela.

— Ela tem que sabê o que é sofrê. Ela tem que sentí todas dô que ela fez. Sabe como é que essa menina morreu? Quando ela saiu dali... Você pode imaginá como ela saiu. Levaram ela pra mãe dela. E sabe, a mãe dela o que fez? Ela ficou louca e gritava tanto! Ela dizia pra mãe dela: “Minha mãe, me mata! Minha mãe, me mata!” E a mãe dela, sabe o que fez? A mãe dela não tinha nada. Ela pegou uma *froquilha*... Sabe o que é uma *froquilha*? Pegou e enfiou a *froquilha* aqui lá nela (aponta para o peito) pra ela não sofrê.

— Pois é, meu querido. Não queríamos fazer você sofrer mais com essas coisas, mas essa história, esse caso que você está contando nos traz...

— Eu não queria mais lembrá isso.

— A mãe dela é que era sua filha? (Ele confirma) E você está sozinho aí?

Ele parece ignorar a pergunta, tão perdido se encontra nas suas amargas recordações. E se questiona em voz alta:

— Porque qua a gente tem de sofrê tanto? Tem de sofrê pió que os bicho. Quem dera antes a gente sê um boi, que vai pro matadôro e mata duma vez. E quando retalha já tá morto. Não é retalhá quando ocê tá vivo... Retalhá co’a dô lá dentro. Retalhá co’a dô dos seus... (Vai se exaltando e começa a chorar ao mesmo tempo em que fala). Retalhá com a dô daqueles que Deus te deu... (Pausa). Ou será que não tem Deus?

Faz-se longo e comovido silêncio, pois sentimos o dever de respeitar a sua dor, momentaneamente desencorajado até de contestar seu sofridíssimo espírito. Ele chora por alguns instantes e depois prossegue:

— Não pode... Não pode, gente! Tem que sofrê! Se ocê tem filho, ocê sabe que tem que sofrê!

— Mas, meu querido. Você também sofreu horrores. Você acha que seu sofrimento também está justificado porque tinha que sofrer? Você tinha de sofrer aquilo? A água fervendo e tudo... Por que razão isso? O que você acha? Como é que foram suas vidas anteriores? Por favor, meu irmão. Não estou justificando, nem achando que você não tem razão. A lei autoriza, permite que se cobre dessa maneira, mas você está apenas prorrogando seu sofrimento pelo futuro. Você está preso àquela situação ali. Sabe quanto tempo se passou? Tem ideia?

— Eu perdi a conta das luas....

— Pois é, meu irmão. São muitas e muitas luas.

— Perdi a conta das luas e a conta das cheias.

(Com as fases da lua ele marca os meses e com as cheias do rio o ciclo de um ano.)

— Você estava muito velhinho quando partiu para o mundo espiritual, quando morreu? Tinha já trabalhado muito, não é? Muito sofrimento, muita dor... E você deixou seus parentes lá ainda? Sua filha continuou viva? Tinha mais filhos?

— Tinha.

Procuramos consolá-lo com o nosso afeto e respeito, ao mesmo tempo em que tentamos convencê-lo de que o seu sofrimento também resultou de graves problemas do passado. E insistimos em dizer que a vingança que ele hoje exerce não resolve seus problemas nem minoras suas dores.

Ele ouve em silêncio. Parece que essas observações vão abrindo caminho na sua mente fixada no desespero, mas dali a pouco seu pensamento segue noutro rumo e ele diz uma palavra solta:

— Tanganica.

E começa ali a responder a uma pergunta que o doutrinador lhe fez logo no princípio do diálogo e que pareceu passar despercebida — se ele nascera no Brasil ou se viera da África. Fora africano mesmo. Pegaram-no no dia em que, para "ser um homem", saiu sozinho a caçar. Segundo os costumes de sua tribo, compelia lhe abater um javali para então ser admitido no círculo dos homens da comunidade. Até então era um menino pouco mais que uma criança.

Conta tudo na sua voz monocórdia, quase que palavra por palavra, com espaços vazios a cada instante, como se arrancasse tudo aos pedaços da memória dolorida e antiga.

— Eu tinha que saí. E saí. E marcava toda a trilha atrás de mim. Eu até

esqueci. Isso está tão longe!

— E daí, você veio para cá, então? E essa senhora te comprou?

— Daí foi como entrá no ôio dum remoinho... Aí eu não tinha mais controle de nada. Você já caiu no ôio do remoinho?

— Não caí, não, mas imagino como é.

Isto me leva, também a mim, a perdidas e remotas lembranças da infância. Não vejo mais rodamosinhos. Será que não existem mais, meu Deus? De repente, sem como nem porque o vento ficava girando adoidado em torno de um pequeno ponto do solo e em alguns segundos levantava uma coluna de pó e detritos que subia céu acima e corria pelos descampados de um lado para outro, sem rumo nem fim. A gente tinha medo daquilo, porque diziam as crendices da roça que ali naquele caótico centro de agitação e tumulto rodopiava o próprio Saci, figura suspeitíssima de comprometimentos com o demônio. Havia mesmo quem afirmasse que jogando-se uma peneira de bambu ali, com os devidos preparos, era até possível aprisionar o capeta. De minha parte, nunca experimentei tais ousadias. E agora, volvidos tantos anos, ouço a pergunta que a minha infância me devolve à memória:

— Você já caiu no ôio do remoinho?

Não, não caí naquele tipo de rodamosinho; talvez em outros, sim. Mas, isto são águas passadas...

O doutrinador lhe pergunta se ele perdeu todos aqueles a quem amava, se ficou alguém para trás ou se foi alguém com ele. Ele guarda silêncio por alguns instantes, suspira fundo e triste e pergunta a si mesmo:

— Quando é que isso aconteceu?

Está perdido no tempo e no espaço.

— Como é que vou sabê? Onde é que eu tô agora? Quanto tempo se passou?

Parece despertar de um longo e penoso pesadelo, e começa a falar com mais segurança e correção, mas ainda recorre ao seu linguajar típico aqui e ali.

— Quantas lua se passou? (Para e pensa, enquanto o doutrinador ora em voz baixa) Quantas vez o rio subiu?

Durante todo o tempo do diálogo o Espírito manteve a médium na incômoda postura de cabeça baixa, quase tocando a mesa. Subitamente, uma pergunta que revela, graças a Deus, significativa alteração:

— Posso olhar pra cima?

Com a ajuda do doutrinador, ele corrige a postura, pela primeira vez, por certo em muito, muito tempo.

— Aqui entre nós — diz-lhe o doutrinador — você é um irmão a quem amamos e respeitamos. Que as suas aflições não sejam para você motivo de vingança, mas de aprendizado, de lição...

Sua serenidade agora não parece mais a obstinação sofrida e pausada de desespero, mas a aceitação de outra realidade que lhe traz novas opções de vida. Parece mesmo que o “remoinho” abateu-se e o deixou tombado ao solo, cansado, aturdido, dolorido, mas em repouso, afinal, depois de muitas luas e muitas cheias do rio...

Assim é retirado pelos nossos companheiros maiores.

\*\*\*

Aí está um exemplo trágico da alucinante cegueira do ódio, criando núcleos espantosos de dor. Pelo que se depreende, o marido da Senhora fazendeira seduziu a pobre menina negra que, para ele seria pouco mais que um bicho, mas era uma filha para a mãe dela e uma neta querida para o avô sofrido e vivido. E como poderia ela recusá-lo? A Senhora, por sua vez, em vez de questionar o marido culpado, sacrifica a menina inocente e indefesa, pela única razão de que esta pelo menos estava ao alcance do seu arbítrio. E naturalmente pensou que terminava tudo ali mesmo: a vida da mocinha, o ódio da mãe, o desespero do avô, bem como a irresponsabilidade impune do marido, tanto quanto seu medonho gesto de vingança.

Muitas e muitas luas mais tarde, porém, desabaria tudo sobre ela. Agora era sua vez de cair no olho do furacão...

## Súmula

### FICHA CATALOGRÁFICA

[1 A PORTA DO TIGRE](#)

[2 O "VINTE E TRÊS"](#)

[3 O TEMPO DE ANTES](#)

[4 A DAMA DA NOITE](#)

[5 REENCONTRO COM HANS](#)

[6 O ESCRIBA DE CESARÉA](#)

[7 INFERNO INTERIOR](#)

[8 O OCEANO E A GOTA D'ÁGUA](#)

[9 O OLHO DO RODAMOINHO](#)

**{\*}** O Espírito se engana aqui. O Sepulcro estava em poder dos muçulmanos, e não dos judeus.

**{†}** Nota digital: abibe (Ex 13.4) ou nisã (Ne 2.1), de meados de março a meados de abril;

**{†}** Nota digital: Mateus 5:26

**{S}** Nota digital: João 5:14 e 8:11

**{\*\*}** Nota digital: Cesareia (em latim: Caesarea)

**{††}** Nota digital: No livro Paulo e Estevão (Chico e Emmanuel), afirma que Paulo foi encarregado de Levar o pedido de soltura para João a Popéia Sabina. Ele encontrava-se na Espanha... Como diz Hermínio, logo abaixo, o Espírito é “um mestre consumado na arte de formular meias verdades”.

**{††}** Nota digital: Atos 25

**{SS}** Nota digital: Acredito em houve erro tipográfico. Talvez seja a palavra LÓGICO invés de LÁGICO.

**{\*\*\*}** Nota digital: Ad hoc é uma expressão latina cuja tradução literal é "para isto" ou "para esta finalidade". É geralmente empregada sobretudo em contexto jurídico, também no sentido de "para um fim específico". Exemplo: um advogado "ad hoc" (nomeado apenas para um determinado ato jurídico).

**{†††}** Nota digital: 1 Pedro 4:8

**{†††}** Nota digital: Incorporação não seria o termo, “O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado”, “‘Incorporação’ é um sinônimo, não muito adequado, para psicofonia; mas como a palavra já tem significado consagrado, vários autores continuam empregando-a; esclarecemos porém que nenhum espírito se apossa, ‘entra’ no corpo de um encarnado, médium ou não”.



# Índice

Rosro	2
Ficha Catológica	3
Editora	4
1 A Porta Do Tigre	6
2 O “Vinte e Três”	24
3 O Tempo De Antes	36
4 A Dama da Noite	49
5 Reencontro com Hans	66
6 O Escriba de Cesaréa	88
7 Inferno Interior	104
8 O Oceano e a Gota D’Água	120
9 O Olho do Rodamoinho	142